

GAZETA DO POVO

**CO
RA
ÇÃO
DE
CACHORRO**

MIKHAIL BULGAKOV [1891-1940]

TRADUÇÃO: LEIALDO PULZ

Mikhail Bulgakov

CORAÇÃO DE CACHORRO

Tradução
Leialdo Pulz

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Editora Gazeta do Povo

Editora Gazeta do Povo S/A, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: **Соба́чье се́рдце (1925)**

Capa e diagramação: Angélica Delespinasse

1ª Edição – formato PDF

Bulgakov, Mikhail

Coração de Cachorro / Bulgakov, Mikhail;
tradução Leialdo Pulz – 1ª edição – Curitiba,
Editora Gazeta do Povo, 2023

[2023]

Editora Gazeta do Povo S/A

Av. Victor Ferreira do Amaral, 306

Curitiba – Paraná

www.gazetadopovo.com.br

ÍNDICE



Capítulo 1



Capítulo 2



Capítulo 3



Capítulo 4



Capítulo 5



Capítulo 6



Capítulo 7



Capítulo 8



Capítulo 9



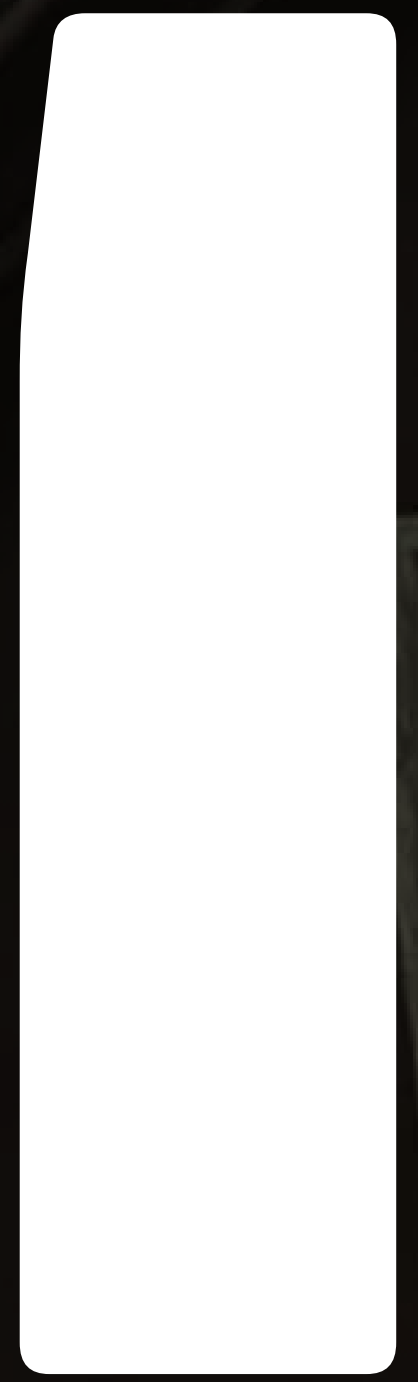
Capítulo 10

CA

PÍ

TU

LO



Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Aauuu-au-auuu-auau! Oh, olhe para mim, estou morrendo. A nevasca no beco está uivando até a morte, e eu estou uivando com ela. Estou perdido, estou perdido. Um canalha com um chapéu sujo – um cozinheiro da cantina do Conselho Central de Economia Nacional – jogou água fervente em mim e escaldou meu lado esquerdo.

Que canalha! E o pior é que ele é um proletário. Meu Deus, meu Deus – como dói! Fui cozido até os ossos. Agora estou uivando e uivando, mas como uivar pode ajudar?

O que eu fiz de errado para ele? Será que vou devorar o Conselho de Economia se eu vasculhar o lixo? Besta gananciosa! Olhe para seu rosto: ele é muito largo. Um ladrão com focinho de cobre. Ah, gente, gente. O cara de chapéu de cozinheiro me jogou a água fervente ao meio-dia, e agora está escuro, por volta das quatro horas da tarde, a julgar pelo cheiro de cebola que vem da brigada de incêndio de Prechistenka. Os bombeiros estão jantando uma papa de aveia. Não estou nem aí, nem mesmo para os cogumelos. Nossos amigos cachor-

[voltar para o índice](#)

ros de Prechistenka, no entanto, estavam me dizendo que no restaurante “Bar” em Neglinnyi eles comem o prato do dia – cogumelos e molho picante – por 3,75 rublos a porção. Este é um negócio amador, é o mesmo que lamber uma galocha ... Oo-o-o-o-o ... Ooh-ooh-ooh...

Meu lado dói insuportavelmente, e posso ver claramente o que acontecerá ao meu lado mais a frente: amanhã terei úlceras, e como, eu me pergunto, vou tratá-las?

No verão, posso ir ao parque Sokolniki, onde há uma grama especial e muito boa e, além disso, posso comer pedaços de salsicha de graça e lamber papéis gordurosos deixados espalhados por algumas pessoas. Se não fosse por uma velha rabugenta cantando “Querida Aida” no campo iluminado pela lua, tudo seria ótimo.

Agora, para aonde irei? Eles não me chutaram com uma bota? Sim, chutaram. Fui atingido por um tijolo nas costelas? Já foi o suficiente para mim. Já vivi tudo, aceito meu destino e, se choro agora, é

[voltar para o índice](#)

apenas por causa da dor física e do frio, porque meu espírito ainda não se apagou... O espírito deste cão continua vivo.

Mas meu corpo está quebrado, espancado, as pessoas abusaram muito dele. Afinal, este é o ponto principal – como ele me acertou com a água fervente, a parte debaixo da lã foi queimada e, portanto, não há proteção para o lado esquerdo. Posso muito facilmente pegar pneumonia e, se pegar, eu morrerei de fome. Com pneumonia, deve-se deitar na porta da frente embaixo da escada, e quem, se não eu, um cachorro solitário, correrá pelas caixas de ervas em busca da própria comida? Se eu tiver um ataque pulmonar, vou me arrastar de barriga para baixo. Vou me arrastar de barriga para baixo, ficarei fraco e qualquer um me baterá até a morte com um pau. E os limpadores de rua com distintivos me agarrarão pelas pernas e me jogarão num carrinho...

Os varredores de rua são a escória mais vil de todos os proletários. Os limpadores de lixo humano são a categoria mais baixa. Entre os cozinheiros,

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

até tem gente boa. Por exemplo, o falecido Vlas de Prechistenka. Quantas vidas ele salvou? Porque a principal coisa a se fazer durante uma doença é interceptar a ferida. Os velhos cães costumavam dizer: Vlas acenará com um osso e nele haverá um pouco de carne. O reino dos céus é para pessoas como ele, que era o nobre cozinheiro do Conde Tolstoi, e não para esses do Conselho de Nutrição. O que eles estão fazendo lá no Conselho de Nutrição, para a mente de um cão, é incompreensível. Eles fazem sopa de carne salgada que está estragada, aqueles trapaceiros. Os pobres tolos que comem lá não percebem a diferença. É só pegar, devorar e engolir.

Uma digitadora na escala salarial recebe 60 rublos mensais. É claro que o amante dela a mantém dando meias de seda, mas pense no que ela tem que suportar em troca para ter a seda. Ora, quanta intimidação ela tem que suportar por causa dessa seda. Afinal, ele não o faz de maneira velada, mas a expõe ao jeito de fazer amor à francesa. Que se f... esses franceses, cá entre nós. Embora eles saibam muito bem encher a pança, e isso tudo regado a um bom vinho tinto.

[voltar para o índice](#)

A digitadora vem correndo, porque não se pode ir a um bar com um salário de 60 rublos por mês. Ela não poderá ir ao bar comer e ainda ter o suficiente para o cinema, e o cinema é o único consolo na vida de uma mulher. Ela franze a testa pois são 40 copeques por dois pratos, mas esses dois pratos não valem 15 copeques. O gerente de suprimentos embolsou os 25 copeques restantes. Ela realmente precisa desse tipo de comida? A parte superior do pulmão direito dela não está bem, e ainda tem outra doença típica das mulheres em solo francês. Ela foi demitida do emprego e está sendo alimentada com carne podre na cantina, que situação a dela!...

Ela corre para a porta com suas meias que ganhou do amante. Suas pernas estão frias, seu estômago está revirando, seu cabelo está igual ao meu pêlo, e ela usa saia fria, que parece ser de renda. Tudo para agradar seu amante. Se ela vestir aquilo, ele gritará: “Você é tão pouco sofisticada!” “Já estou farto da minha amante, estou farto das calças de flanela dela. Está na hora de procurar outra. Agora já sou chefe, e não importa o quanto eu roube,

[voltar para o índice](#)

tudo será gasto com mulheres, lagostas e um bom vinho. Porque passei fome o suficiente na minha juventude, e agora chega! Mesmo porque não há vida após a morte”.

Tenho muita pena dela! Mas sinto ainda mais pena de mim mesmo. Não falo de forma egoística, oh não, mas porque realmente não estamos em condições iguais. Pelo menos para ela a sua casa está quente, mas eu, eu... Para onde irei? U-u-u-u-u!..

- Ei, ei, ei! Aqui, cachorrinho... Por que você está choramingando, coitado? Alguém te machucou? Uau...

A tempestade de neve sacudiu o portão e fez com que a vassoura batesse no canto dele. Ela jogou a saia até os joelhos, expôs as meias cor de creme e uma tira estreita de lingerie de renda mal lavada, sufocou as palavras e jogou o cachorro para longe.

Meu Deus... Que tempo... Ugh... E meu estômago está doendo. É carne enlatada! Quando isso vai acabar?

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Com a cabeça inclinada, ela apressou-se ao ataque, atravessou o portão e, na rua, começou a contorcer-se, a rasgar-se, a espalhar-se, depois foi torcida por um redemoinho de neve e desapareceu.

E o cão ficou no beco e, sofrendo com o seu lado mutilado, apertou-se contra a parede fria e maciça, sufocou, e decidiu firmemente que não iria para mais lado nenhum a partir dali, e que morreria ali mesmo, no beco. O desespero apoderou-se dele. Estava tão amargurado e doloroso, tão solitário e assustado, que pequenas lágrimas de cão, como borbulhas, saíram dos seus olhos e secaram imediatamente. O flanco estragado destacava-se em montes de caroços gelados, e entre eles viam-se as manchas vermelhas e ameaçadoras das queimaduras. Como os cozinheiros são insensatos, estúpidos e cruéis! “Bolinha”, chamou-lhe ela! Mas que raio de nome é esse? Bolinha significa redondo, bem alimentado, comedor de papas de aveia, filho de pais nobres, e ele é desgrenhado, esguio e esfarrapado, com ódio e magro, um cão vadio. Mas, obrigado pela sua bondade.

[voltar para o índice](#)

A porta do outro lado da rua, numa loja bem iluminada, abriu-se e apareceu um cidadão. Era um cidadão, não um camarada, e ainda mais corretamente, um cavalheiro. Ao aproximar-se, ficou mais claro que era um cavalheiro. Acham que estou julgando-o pelo casaco? Que disparate. Muitos proletários usam casacos hoje em dia. Já com os colarinhos não é bem assim, para dizer o mínimo, mas ainda se podem confundir à distância. Contudo, pelos olhos, não se pode confundir, nem de perto nem de longe! Oh, os olhos são uma coisa muito importante. Como um barômetro. Vê-se tudo através dos olhos – quem tem uma grande secura na alma, quem é capaz de lhe enfiar uma bota nas costelas por nada, e quem tem medo de tudo. Este último é aquele que pode ser agradavelmente mordido pelo tornozelo. Quem tem medo vai levar uma mordida! Se tem medo, fique aí parado de pé... R-r-r... au-au.

O cavalheiro atravessou a rua com confiança, no meio da nevasca, e entrou no beco. Sim, sim, este tem tudo planejado. Não quer comer carne estragada e, se a servirem, fará um escândalo tão gran-

[voltar para o índice](#)

de que escreverá nos jornais – Eu, Filipe Filipovich, fui envenenado com essa comida!

Ele está se aproximando cada vez mais. Este come muito e não rouba. Este não dá pontapés. Não tem medo de ninguém, e não tem medo porque está sempre satisfeito. É um cavalheiro de trabalho mental, com uma barba curta e pontiaguda e um bigode tão cinzento, fofo e arrojado como o de um cavaleiro francês, mas cheira mal, cheira a hospital e a cigarro.

Porque é que ele veio para a Cooperativa? Aqui está ele bem pertinho... O que é que ele procura? U-u-u-u-u... O que é que ele pode comprar nesta porcaria de lojinha? O que tem na rua Okhotny não lhe basta? O que é isso?! Sal-si-cha. Senhor, se visse do que é feita esta salsicha, não se aproximaria da loja. Dá-me isso aqui!

O cão reuniu o resto das suas forças e rastejou loucamente para fora do beco até a calçada. A tempestade de neve bateu na cabeça dele como uma artilharia, e fez subir as letras enormes do cartaz

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

de lona no qual estava inscrito “É possível o rejuvenescimento?”

Naturalmente, é possível. O próprio cheiro rejuvenesceu-me, ondas abrasadoras apertaram-me o estômago que estava vazio por dois dias. O cheiro que dominou o ambiente era o cheiro celestial de carne de égua picada com alho e pimenta. Sintto, eu sei, no bolso direito do casaco, que ele tem uma salsicha. Ele está em cima de mim. Oh, meu Deus! Olha para mim. Estou morrendo. A nossa alma de escravo, a nossa sorte de covarde!

O cão rastejou como uma serpente sobre a sua barriga, derramando lágrimas. Olhe bem o que o cozinheiro fez. Mas você nunca me dará nada. Oh, eu conheço muito bem as pessoas ricas. Para que você quer isso? Para que você precisa de um cavalo podre? Não há outro lugar onde se arranje tanto veneno como na Indústria de Alimentos Estatal de Moscou. E hoje você já tomou o seu café da manhã, você é uma grande figura, graças às suas glândulas sexuais masculinas... Uuuuuuu... aua... O que está acontecendo no mundo? Acho que é muito ce-

[voltar para o índice](#)

do para morrer, e seria o desespero um pecado? Devo lamber-lhe as mãos, não há mais nada a fazer.

O misterioso cavalheiro inclina-se para o cão, brilha os seus óculos dourados e ele tira do bolso direito um pacote branco. Sem tirar as luvas castanhas, desembrulhou o papel, que foi imediatamente levado pela tempestade de neve, e partiu um pedaço de salsicha chamada “Krakowska especial”. E deu ao cão esse pedaço!

**“Oh, personalidade altruísta.
U-u-u-u-u!”**

– Vem cá – assobiou o cavalheiro e acrescentou com voz severa: – Pega! Bolinha, Bolinha!

De novo “Bolinha”! Pronto, já fui batizado! Chame-me como quiser. Por um ato tão excepcional como este...

O cão arrancou imediatamente a embalagem, soluçou, roeu a Krakowska e devorou-a num instante. Ao mesmo tempo, engasgou-se com a salsicha

[voltar para o índice](#)

e a neve até às lágrimas, porque quase engoliu o cordão que havia nela. Mais, mais lambidelas na sua mão.

“Beijo as tuas calças, meu benfeitor!”

– Por enquanto chega, – o cavalheiro falou de forma tão brusca, como se estivesse a mandar. Inclinou-se para Bolinha, olhou-o com curiosidade nos olhos, de repente, passou a mão enluvada, íntima e carinhosamente, sobre a barriga de bolinha.

– Aha – disse ele significativamente – não tem co-leira, bem, não faz mal, é exatamente o que eu preciso. Siga-me – estalou os dedos – bom cachorro!

Seguir você? Até ao fim do mundo! Pode até dar-me um pontapé no focinho com as suas botas de feltro, não direi nenhuma palavra.

Os lampiões da rua brilhavam por toda a Prechistenka. O lado doía insuportavelmente, mas Bolinha às vezes se esquecia dele, absorto em um pensamento: como não se perder na turbulência de

[voltar para o índice](#)

uma visão maravilhosa daquele que usava o casaco de pele e de alguma forma expressar seu amor e devoção por ele. E sete vezes ao longo da rua Prechistenka até o cruzamento com a Obukhov, ele expressou isso. Ele beijou sua bota no cruzamento com a rua dos Mortos, abrindo caminho, com um uivo selvagem que assustou tanto uma senhora que ela se sentou em um pedestal. Uivou duas vezes em apoio à autopiedade.

Uma espécie de bastardo, parecido com um gato vagabundo siberiano, emergiu de trás de um cano de esgoto e, apesar da nevasca, sentiu o cheiro da salsicha. O Bolinha ficou extremamente enraivecido ao pensar que este rico e excêntrico cavalheiro que pegava cães feridos pelas portas dos edifícios poderia ter pena desse gato ladrão e fazê-lo dividir a salsicha com ele. Por isso, ele mostrou tanto os seus dentes para o gato que, com um assobio semelhante ao de uma mangueira com vazamento, o felino subiu pelo cano até o segundo andar.

Fr-r-r... au-au... saia daqui! Não se pode distribuir os mantimentos da Indústria de Alimentos Esta-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

tal de Moscou para toda a ralé que perambula pela Prechistenka!

O senhor apreciou a devoção do próprio cão ao passarem pela janela do corpo de bombeiros, de onde se ouvia um agradável murmúrio de uma trompa, e presenteou o cão com uma segunda salsicha, um pouco menor do que a primeira.

“Ei, cara... Não se preocupe, eu não irei a lugar nenhum sozinho. Eu te seguirei para onde quer que você me diga.”

– Cachorrinho, cachorrinho, venha aqui!

“Já estamos na rua Obukhov? Faça-me um favor. Esta esquina é muito conhecida por todos nós.”

– Cachorrinho, cachorrinho!

“Para cá? Com prazer... Ah, não! Com licença. Não! Aqui está o porteiro. E não há nada pior do que eles no mundo.”

[voltar para o índice](#)

Muitas vezes mais perigoso que um zelador. Raça absolutamente odiosa. Desgraçados. Maldosos que usam roupas arrendadas!”

- Não tenha medo, vem cá!
- Desejo-lhe boa saúde, Filipe Filipovich.
- Olá, Fyodor.

“Mas que sujeito! Meu Deus, você me acolheu como seu cachorro? Que tipo de pessoa é essa que consegue levar cães da rua, passando pelo porteiro, até a casa de um prédio de moradia? E olha esse canalha do porteiro ali que não fez nenhum som, nenhum movimento. É verdade que seus olhos são sombrios, mas em geral ele fica indiferente debaixo daquele chapéu de bordas douradas. É assim mesmo que deve ser. Respeito, senhores, que respeito! Bem, estou com o cavalheiro e atrás dele. Se me tocarem,

[voltar para o índice](#)

vou dar uma mordida. Isso até seria interessante: uma leve mordida na perna calejada daquele proletário. Eu faria isso por todas as intimidações feitas pelos teus colegas. Quantas vezes já mutilaram meu rosto com a vassoura, né?”

– Vai, vai.

Entendi, entendi, não se preocupe. Aonde você for, para lá iremos nós. Você apenas mostra o caminho, e eu não ficarei para trás, apesar da dor desesperadora do meu lado.

Ao subir as escadas, perguntou:

– Não tem cartas para mim, Fyodor?

Descendo as escadas, disse respeitosamente:

– Não tem, Filipe Filipovich. (Respondeu em uma voz baixa e carregada de intimidade). E transferiram os camaradas da habitação para o terceiro apartamento.

[voltar para o índice](#)

O importante benfeitor dos cães virou-se brusca-mente no degrau e, inclinando-se sobre a grade, perguntou horrorizado:

- E aí?

Seus olhos se arregalaram e seu bigode ficou em pé. O porteiro de baixo ergueu a cabeça, levou a mão aos lábios e confirmou:

- Exatamente. Um total de quatro deles.

- Meu Deus! Imagino o que está acontecendo no apartamento agora. Bem, e quem são eles?

- Ninguém em especial!

- E Fyodor Pavlovich?

- Foi atrás de telas e tijolos. Irão construir algumas divisórias no local.

- Só Deus sabe o que farão!

[voltar para o índice](#)

- Eles vão fazer mudanças em todos os apartamentos, Filipe Filipovich, exceto no seu. Agora mesmo houve uma reunião e foi aprovada uma resolução. Eles elegeram um novo comitê de moradia e expulsaram o antigo.

- O que estão fazendo? Ai, ai, ai... Cachorrinho, cachorrinho...

Estou indo, o mais rápido que posso. O meu lado dolorido se apresenta dolorido de novo. Deixe-me lambar a bota.

O adorno do porteiro desapareceu lá embaixo, um sopro de calor das chaminés soprou na plataforma de mármore, fizemos uma curva novamente e ali estava o mezanino.

[voltar para o índice](#)

CA

PÍ

TU

LO

2

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Não há absolutamente nenhum sentido em aprender a ler quando a carne já cheira a um quilômetro de distância. No entanto, se você mora em Moscou e tem pelo menos um pouco de cérebro na cabeça, você aprende a ler e escrever, quer queira quer não, e, além disso, sem nenhum curso. Dos 40.000 cães de Moscou, é possível que algum idiota completo não consiga soletrar a palavra “salsicha”?

Bolinha começou a aprender pelas cores. Assim que ele completou quatro meses, cartazes verdes e azuis foram pendurados por toda Moscou com a inscrição “M.S.P.O. Comércio de carne”. Repetimos, aprender a ler seria algo inútil, porque o cheiro da carne já seria o suficiente. Certa vez houve uma confusão: atrapalhado pela cor azulada cáustica, Bolinha, cujo olfato estava entupido com a fumaça de gasolina dos motores, em vez de carne, entrou na loja de materiais elétricos dos irmãos Golubizner na rua Myasnitskaya. Lá, com os irmãos, o cachorro provou um fio de isolamento, e deixou-o mais limpo que um chicote de cocheiro. Este famoso momento deve ser considerado o início da educação de Bolinha. Já na calçada, ali mes-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

mo, Bolinha começou a perceber que “azul” nem sempre significa “carne”, e, apertando o rabo entre as patas traseiras e uivando de dor ardente, lembrou que em toda casa de carne o primeiro cartaz à esquerda sempre é dourado ou vermelho, semelhante a um trenó.

O que se seguiu foi mais bem-sucedido. A letra “A” ele aprendeu na loja “Glavryba” na esquina da Mokhovaya, e depois a letra “b” (porque no início da palavra havia um policial parado na frente).

Os quadrados de azulejos que revestiam as lojas das esquinas de Moscou sempre e inevitavelmente significavam “QUEIJOS”. A torneira preta do samovar no início da palavra denotava o antigo dono Chichkin, e lá havia montanhas de queijo vermelho holandês, e havia também os vendedores-animais que odiavam cães, serragem no chão e o backstein mais vil e fedorento.

Se tocassem acordeão (que fosse um pouco melhor que “querida Aida”), e cheirava a linguiça, as primeiras letras dos cartazes brancos formavam de

[voltar para o índice](#)

forma extremamente conveniente a palavra “Ne-
pril ...”, que significava: “Não se expresse com pa-
lavras indecentes e não dê gorjetas.” Aqui, às ve-
zes, as brigas surgiam do nada, as pessoas levavam
socos na cara, embora em casos raros – para os
cães isso era constante – com pedaços de panos
ou botas.

Se presunto e tangerinas estivessem penduradas
nas vitrines – au-au-au... era um mercado. Se fos-
sem garrafas escuras com aquele líquido ruim...
era.... vinho... dos antigos Irmãos Eliseev...

O senhor desconhecido, arrastando o cachorro até
a porta de seu luxuoso apartamento, localizado no
mezanino, tocou a campainha, e o cachorro ime-
diatamente olhou para um grande cartão preto com
letras douradas pendurado na lateral de uma am-
pla porta envidraçada com um vidro ondulado e
rosado. Ele decifrou as três primeiras letras de uma
vez: p-r-o – “Pro ...”. Mas depois havia uma letra
barriguda e bilateral, que não dava para saber o
que significava.

[voltar para o índice](#)

“Realmente seria um proletário? – Bolinha pensou surpreso – “acho que não”. Ele ergueu o nariz, cheirou mais uma vez o casaco de pele e pensou com segurança: “Não, aqui não há cheiro de proletários. Aquela é uma palavra erudita, mas só Deus sabe o que ela significa”.

Uma luz inesperada e alegre brilhou atrás do vidro rosa, sombreando ainda mais o cartão preto. A porta se abriu silenciosamente e uma bela jovem de avental branco e um chapéu de renda apareceu diante do cachorro e do dono. Ela estava encharcada de um calor divino, e a saia cheirava à lírio do vale.

“Uau. Aí sim!” – pensou o cachorro.

– Por favor, entre, Sr. Bolinha – o cavalheiro convidou ironicamente, e Bolinha cumprimentou com reverência, abanando o rabo.

Uma grande variedade de objetos ocupava o rico corredor. Logo se via um espelho que ia até o chão,

[voltar para o índice](#)

que refletia o segundo Bolinha desgastado e rasgado, e havia ainda terríveis chifres de veado lá no alto, incontáveis casacos de pele e galochas e uma tulipa elétrica feita de opala no teto.

– Onde você achou isso, Filipe Filipovich? – perguntou a mulher sorrindo e ajudando-o a tirar o pesado casaco feito de pele de raposa marrom-escura. – Caramba, que nojento!

– Você está falando bobagem. Onde ele é nojento? – o cavalheiro perguntou severamente e secamente.

Depois de tirar o casaco de pele, ele se viu vestindo um terno preto de tecido inglês e em sua barriga uma corrente de ouro brilhava alegre e timidamente.

– Espere um minuto, não se mexa cachorrinho... não se mexa, bobinho. Hm... Não é uma cicatriz... espere, droga... Hm... Ah! Isto é uma queimadura. Que tipo de vilão escaldou você? Ah? Sim, você... fique parado!

[voltar para o índice](#)

“O cozinheiro, aquele condenado. O cozinheiro!” – o cachorro disse com olhos queixosos e uivou levemente.

– Zina – ordenou o cavalheiro – vamos para a sala de exames imediatamente e traga meu jaleco!

A mulher assobiou e estalou os dedos, e o cachorro, depois de alguma hesitação, a seguiu. Juntos, eles entraram em um corredor estreito e mal iluminado, passaram por uma porta laqueada, chegaram ao fim, viraram à esquerda e terminaram em um quarto escuro, do qual o cachorro imediatamente não gostou por causa de seu cheiro sinistro. A escuridão se esvaiu e se transformou em um dia deslumbrante, e de todos os lados brilhou, brilhou e ficou branco.

“Ah... não...” o cachorro uivou mentalmente, “Sinto muito, não vou desistir! Estou entendendo agora! Oh, para o inferno eles e a salsicha! Eles me atraíram para o hospital canino. Agora

[voltar para o índice](#)

vou ser forçado a tomar o óleo de mamona e toda a minha lateral será cortada com facas. Mas ninguém vai me tocar mesmo!”

– Ah, não! Aonde vai?! – gritou aquela que se chamava Zina.

O cachorro se contorceu, saltou para trás e de repente bateu na porta com o lado direito que estava saudável, e o barulho reverberou por todo o apartamento. Depois, pulando para trás, ele girou em torno de si, como se estivesse sob um chicote, e virou um balde branco no chão, de onde se espalharam chumaços de algodão. Enquanto ele girava, paredes tremulavam ao seu redor repletas de armários com ferramentas brilhantes. Um avental branco e o rosto distorcido de mulher estavam pulando para cima e para baixo.

– Onde você está, seu demônio peludo?! – Zina gritou desesperadamente. – Aqui está o maldito!

“Onde fica a escada dos fundos?..” –

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

pensou o cachorro.

Ele balançou e bateu aleatoriamente no vidro, na esperança de que esta fosse a segunda porta. Uma nuvem de fragmentos voou como trovões e zumbidos, uma lata grande vermelha espatifou-se, o que instantaneamente inundou todo o chão e começou a feder. A verdadeira porta se abriu.

– Pare, seu bruto! – gritou o senhor, pulando de jaleco, vestido apenas com uma das mangas, e agarrando o cachorro pelas pernas – Zina, segura ele pela nuca!

– Ca... caramba!.. Que cachorro é esse!

A porta se abriu ainda mais e outra figura masculina de jaleco entrou. Esmagando o vidro quebrado no chão, a figura correu não para o cachorro, mas para o armário, abriu-o, e todo o quarto se encheu de um cheiro doce e nauseante. Então a pessoa caiu de barriga sobre o cachorro, e o cachorro mordiscou-o com entusiasmo acima dos cadarços da bota. O indivíduo gemeu, mas se man-

[voltar para o índice](#)

teve firme. Aquele líquido nauseante sufocou a respiração do cachorro e sua cabeça começou a girar. Então suas patas fraquejaram, caíram e ele começou a cambalear.

“Pronto, acabou”, pensou o sonhador, caindo direto no vidro afiado, “adeus, Moscou! Nunca mais verei Chichkin, os proletários e a salsicha da Cracóvia! Vou para o céu canino. Seus malvados, por que vocês me fizeram isso?”

E então ele finalmente caiu de lado e desmaiou.

* * *

Quando voltou a si, ele estava um pouco tonto e enjoado do estômago, mas era como se seu lado não estivesse lá, seu lado estava docemente silencioso. O cachorro abriu o olho direito e pelo canto viu que estava bem enfaixado nas laterais e na barriga. “Então quer dizer que esses filhos de uma cadela conseguiram”, pensou ele vagamente,

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

“mas devo reconhecer que fizeram um ótimo trabalho”.

“De Sevilha a Granada... na silenciosa escuridão da noite”, cantava uma voz distraída e desafinada acima dele.

O cachorro ficou surpreso, abriu completamente os olhos e a dois passos viu a perna de um homem sobre um banquinho branco. A perna da calça e as meias estavam enroladas, e a canela nua e amarelada estava manchada de sangue seco e iodo.

“Por favor! – pensou o cachorro.

“Isso significa que eu o mordi.”

Bem, então vai ter briga!”

– “O murmúrio de doces serenatas, o som das espadas...” Por que, seu vagabundo, você mordeu o médico? Ah? Por que você quebrou o vidro? Ah?..

– “Auuuuu,” – o cachorro choramingou lamentavelmente.

– Certo. Quando você recuperar o juízo, deite-se,

[voltar para o índice](#)

seu idiota.

– Como você conseguiu, Filipe Filipovich, atrair um cachorro tão nervoso? – perguntou uma voz masculina simpática, e a meia-calça rolou para baixo. Havia cheiro de tabaco e as garrafas tilintavam no armário.

– Com carinho, senhor, é a única maneira possível de lidar com um ser vivo. O terror não ajuda em nada com um animal, não importa em que estágio da evolução se encontre. Isto é o que sempre afirmei, estou afirmando e continuarei a afirmar. É inútil pensar que o terror os ajudará. Não, não, não, não adianta, não importa o que ou quem seja: branco, vermelho ou até marrom! O terror paralisa completamente o sistema nervoso. Zina! Comprei essa porcaria de salsicha da Cracóvia por um rublo e quarenta copeques. Tente alimentá-lo quando ele parar de vomitar.

O vidro quebrado foi varrido e uma voz feminina comentou provocativamente:

[voltar para o índice](#)

- Salsicha da Cracóvia! Meu Deus, ele teve que comprar sobras no valor de vinte copeques no açougue. Eu mesma preferiria comer a salsicha de Cracóvia.

- Tente para ver! É veneno para o estômago humano. Você já é adulta, mas como uma criança você coloca qualquer coisa desagradável na boca. Não se atreva! Estou avisando, nem eu nem o Dr. Bormenthal vamos ajudar você quando seu estômago tiver cólicas.

Nesse momento, campainhas suaves e fracionárias tocaram por todo o apartamento e, ao longe no corredor, vozes eram ouvidas de vez em quando. O telefone tocou. Zina desapareceu.

Filipe Filipovich jogou a ponta do cigarro no balde, abotoou o jaleco, ajeitou o bigode fofo em frente ao espelho da parede e gritou para o cachorro:

- Cachorrinho, cachorrinho... bem, vamos! Vamos ver quem é.

O cachorro levantou-se com suas pernas instáveis,

[voltar para o índice](#)

balançou e tremeu, mas rapidamente se recuperou e seguiu o jaleco esvoaçante de Filipe Filipovich. Mais uma vez o cachorro atravessou o corredor estreito, mas agora viu que estava bem iluminado por uma luminária redonda acima. Quando a porta laqueada se abriu, ele entrou no escritório com Filipe Filipovich que deslumbrou o cachorro com sua decoração. Em primeiro lugar, tudo estava muito iluminado: havia luz no teto moldado, sobre a mesa, na parede, nos vidros dos armários. A luz inundou todo um abismo de objetos, dos quais o mais interessante era uma enorme coruja pousada num galho que estava preso à parede.

Deite-se – ordenou Filipe Filipovich.

A porta entalhada do lado oposto se abriu. Aquele que havia sido mordido entrou, e agora, sob a luz forte, ele parecia muito bonito, jovem, com uma barba preta e pontiaguda. Ele entregou um papel, dizendo:

O mesmo de antes... – imediatamente desaparecendo silenciosamente, e Filipe Filipovich, abrindo o

[voltar para o índice](#)

jaleco, sentou-se à enorme mesa e imediatamente pareceu extraordinariamente importante e sério.

“Não, isso não é um hospital... acabei caindo em outro lugar”, pensou o cachorro confuso e se apoiou no carpete estampado ao lado do pesado sofá de couro, “e vamos tentar entender qual é a dessa coruja aí...”

A porta se abriu suavemente e alguém entrou, golpeando tanto o cachorro que ele gritou, mas muito timidamente.

– Fique em silêncio! Mal te reconheci, meu amigo!

O homem que entrou curvou-se com muito respeito e vergonha para Filipe Filipovich.

– Ha-ha... Você é um mágico e feiticeiro, professor – disse ele, envergonhado.

– Tire as calças, amigo – ordenou Filipe Filipovich e se levantou.

[voltar para o índice](#)

“Jesus Cristo!” – pensou o cachorro. “O que é isso?!”

Ele tinha cabelos completamente verdes crescendo na cabeça e na parte de trás da cabeça tinha uma cor enferrujada de tabaco. Rugas se espalhavam pelo rosto dele, mas sua tez era rosada, como a de um bebê. A perna esquerda não dobrou, teve que ser arrastada pelo tapete, mas a perna direita saltou como a de um quebra-nozes infantil. Na lateral da magnífica jaqueta havia uma pedra preciosa que se destacava como um olho.

O interesse do cachorro até o fez esquecer o enjoo.

“Au-au...” ele latiu levemente.

– Fique em silêncio! Como está seu sono, amigo?

– Ahhh... Estamos sozinhos, professor? Isso é indescritível – falou o visitante, envergonhado. – Parole d’onneur [Palavra de honra], vinte e cinco anos e nada disso havia acontecido! – o sujeito segurou o botão da calça. – acredite, professor, todas as noites há bandos de garotas nuas... Estou

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

positivamente fascinado. Você é um mago!

- Hmm – Filipe Filipovich riu preocupado, olhando para as pupilas do convidado.

Ele finalmente abriu todos os botões e tirou as calças listradas. Abaixo deles havia uma cueca que nunca havia sido vista antes. Ela era de cor creme, tinha gatos pretos de seda bordados e cheirava a perfume.

O cachorro não suportou os gatos e latiu tão alto que o sujeito deu um pulo.

- Ai!

- Eu vou te arrancar daqui!

- Não tenha medo, ele não morde.

“Eu não morde?..” o cachorro ficou surpreso.

Do bolso da calça, o recém-chegado deixou cair no

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

tapete um pequeno envelope, no qual estava a foto de uma beldade com cabelos esvoaçantes. O sujeito deu um pulo, abaixou-se, pegou-o e corou profundamente.

– Você, entretanto, veja bem – disse Filipe Filipovich advertindo-o, balançando o dedo – preste atenção, não abuse!

– Eu não sou mau... – o sujeito murmurou envergonhado, continuando a se despir – Eu, caro professor, só estou experimentando...

– Bem, então quais são os resultados? – Filipe Filipovich perguntou severamente.

O sujeito acenou com a mão em êxtase.

– Vinte e cinco anos, juro por Deus, professor, nunca aconteceu nada disso! A última vez foi em 1899, em Paris, na Rue de la Paix.

– Por que você ficou com o cabelo verde?

[voltar para o índice](#)

O rosto do estranho ficou nublado.

– Maldito líquido! Você não imagina, professor, o que esses caras me deram em vez de tinta para cabelo. Basta olhar – murmurou o sujeito, olhando para o espelho com os olhos – é terrível! Eles precisam levar um soco na cara – acrescentou ele, selvagemmente. – O que devo fazer agora, professor? – ele perguntou entre lágrimas.

– Hmm... Raspe a cabeça.

– Professor! – exclamou o visitante queixoso. – Mas eles vão ficar grisalhos de novo! Além disso, não poderei nem colocar a minha cara lá no serviço, já faz três dias que não vou. A condução chega, e eu deixo passar. Eh, professor, se você descobrisse uma forma de rejuvenescer meus cabelos!

– Não será logo, não será, meu amigo! – Filipe Filipovich murmurou. Inclinando-se, seus olhos brilhantes examinaram a barriga nua do paciente. – Bom, que maravilha, está tudo em perfeita ordem... Eu nem esperava, para falar a verdade, tal resul-

[voltar para o índice](#)

tado... Vista-se, meu amigo!

Eu sou o mais charmoso de todos!.. – cantou o paciente com a voz chocalhando como uma frigideira e, radiante, começou a se vestir. Depois de se colocar em ordem, ele se levantou e espalhou o cheiro de perfume no ambiente, contou um maço de dinheiro e deu-o para Filipe Filipovich, e começou a apertar-lhe ternamente as duas mãos.

Você não precisa voltar antes de duas semanas – disse Filipe Filipovich – mas ainda assim, peço-lhe, tenha cuidado.

Professor – exclamou o convidado atrás da porta, em êxtase – fique completamente tranquilo – ele riu docemente e desapareceu.

Uma campainha alta tocou no apartamento, a porta laqueada se abriu, um homem entrou, entregou um pedaço de papel a Filipe Filipovich e declarou:

– Os anos mostrados estão incorretos. Provavelmen-

[voltar para o índice](#)

te deve ser 54-55. Os sons cardíacos estão abafados.

Ele desapareceu e foi substituído por uma senhora barulhenta, com um chapéu inclinado alegremente para o lado e um colar brilhante no pescoço flácido e enrugado. Horríveis olheiras estavam sob seus olhos e suas bochechas eram da cor de uma boneca.

Ela estava muito preocupada.

- Senhora! Quantos anos a senhora tem? – Filipe Filipovich perguntou-lhe com muita severidade.

A senhora ficou assustada e até empalideceu sob a crosta do ruge.

- Eu, professor... juro, se você soubesse que drama eu tenho...

- Quantos anos você tem, senhora? – Filipe Filipovich repetiu ainda mais severamente.

- Sinceramente... bem, quarenta e cinco.

[voltar para o índice](#)

– Senhora! – Filipe Filipovich gritou. – Tem gente esperando por mim! Por favor, não me faça perder tempo, a senhora não é a única aqui!

O peito da senhora se ergueu violentamente.

– Vim até aqui para ver o senhor, que é como um luminar da ciência. Eu juro, há algo terrível...

– Quantos anos a senhora tem? – Filipe Filipovich perguntou furiosamente e estridentemente com os olhos brilhando.

– Cinquenta e um – respondeu a senhora, contorcendo-se de medo.

– Tire as calças, senhora – disse Filipe Filipovich com alívio e apontou para a mesa de exame branca no canto.

– Eu juro, professor – murmurou a senhora, desabotoando alguns botões do cinto com dedos trêmulos – esse Moritz... eu te confesso, honestamente...

[voltar para o índice](#)

– “De Sevilha a Granada...” – Filipe Filipovich cantava distraidamente e pisava no pedal da pia de mármore. A água começou a brotar.

– Eu juro por Deus! – disse a senhora, e manchas vivas apareceram em suas bochechas através da maquiagem. – Eu sei que esse será meu último caso... Afinal ele é um canalha! Ah, professor! Ele é um jogador muito esperto, e toda Moscou sabe disso. Ele não deixa passar nem uma costureira sequer. Mas sabe, ele é tão diabolicamente jovem! – a senhora murmurou e jogou fora um pedaço de renda amassado debaixo de suas saias farfalhantes.

O cachorro ficou completamente confuso e tudo em sua cabeça virou de cabeça para baixo.

“Vai pro inferno”, pensou ele estupidamente, apoiando a cabeça nas patas e escondendo-se de vergonha, “e não vou tentar entender que significa tudo isso, não vou entender de qualquer forma”.

[voltar para o índice](#)

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Ele acordou com um toque e viu que Filipe Filipovich havia jogado alguns tubos brilhantes na bacia.

A senhora, pressionando as mãos contra o peito, olhou para Filipe Filipovich com esperança. Ele franziu a testa de maneira importante e, sentando-se à mesa, escreveu algo.

Vou inserir ovários de macaco em você, senhora – ele anunciou e olhou severamente.

– Ah, professor, eles são mesmo de macacos?

– Sim! – Filipe Filipovich respondeu inflexivelmente.

– Quando é a operação? – a senhora perguntou com a voz fraca, empalidecendo.

– “De Sevilha a Granada...” uhm... Na segunda-feira. Vá para a clínica pela manhã, minha assistente irá prepará-la.

– Ah, eu não quero ir para a clínica. Não seria possível fazer aqui com você, professor?

[voltar para o índice](#)

– Veja bem, eu realizo operações em casa apenas em casos extremos. Vai custar muito caro – cinquenta rublos.

– Eu aceito, professor!

O barulho de água corrente apareceu novamente. Um chapéu com penas apareceu, e então uma cabeça careca como um prato surgiu e abraçou Filipe Filipovich. O cachorro cochilou, a náusea passou.

O cachorro gostou da calma do seu lado e do calor. Até roncou e conseguiu ver um pedaço de um sonho gostoso: como se tivesse arrancado um monte de penas do rabo de uma coruja ...

Então uma voz agitada falou acima dele:

– Sou uma figura pública famosa, professor! O que fazer agora?

– Senhor! – Filipe Filipovich gritou indignado. – Você não pode fazer isso! Você precisa se conter! Qual a idade dela?

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Quatorze anos, professor... Você entende, isso vai me arruinar. Daqui a pouco devo fazer uma viagem de negócios a Londres...

– Mas eu não sou advogado, meu caro... Bom, espere dois anos e case com ela.

– Sou casado, professor!

– Ah, Senhor, Senhor!..

As portas se abriram, os rostos mudaram, as ferramentas chacoalharam no armário e Filipe Filipovich trabalhou incansavelmente.

“É um apartamento obsceno”, pensou o cachorro, “mas é tão bonito!” Por que diabos ele precisaria de mim? Ele realmente me deixará viver aqui? Que estranho! Mas se ele quisesse, facilmente ele teria um cachorro grande e de tirar o fôlego de qualquer um! Mas pode ser que eu seja bonito mesmo. Aparentemente, isso é bom para mim! E essa coruja é um lixo...

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

desgraçada.”

O cachorro finalmente acordou tarde da noite, quando as campainhas pararam, e justamente naquele momento em que a porta se abria para os visitantes especiais. Havia quatro deles ao mesmo tempo. Todos jovens, e todos vestidos com muito recato.

“O que eles precisam?” – pensou o cachorro com hostilidade e surpresa. Filipe Filipovich cumprimentou os convidados com muito mais hostilidade. Ele ficou na mesa e olhou para eles como um comandante para seus inimigos. As narinas de seu nariz de falcão se alargaram. Aqueles que entraram pisotearam o tapete.

– Viemos até você, professor – disse um deles, que tinha cabelos pretos, grossos e encaracolados que chegavam a vários centímetros de altura – a respeito desse assunto...

– Vocês, senhores, andam sem galochas com este tem-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

po – Filipe Filipovich o interrompeu em tom de advertência – em primeiro lugar, vocês vão pegar um refrigerado e, em segundo lugar, vocês deixaram marcas em meus tapetes, e todos os meus tapetes são persas.

Aquele que estava em estado de choque ficou em silêncio e os quatro olharam surpresos para Filipe Filipovich. O silêncio durou vários segundos e foi interrompido apenas pelas batidas dos dedos de Filipe Filipovich no prato de madeira pintado sobre a mesa.

– Em primeiro lugar, não somos cavalheiros – disse finalmente o mais novo dos quatro, o de cabelo cor de pêssego.

– Em primeiro lugar – Filipe Filipovich o interrompeu – você é homem ou mulher?

Os quatro ficaram em silêncio novamente e depois abriram a boca. Desta vez, aquele que estava em choque foi o primeiro a falar.

– Qual é a diferença, camarada? – ele perguntou

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

orgulhoso.

– Eu sou uma mulher – admitiu a jovem cor de pêssego com uma jaqueta de couro e corou profundamente. Seguindo-a, por algum motivo, um dos que entraram, um homem loiro com chapéu de pele, ficou vermelho.

– Nesse caso, você pode permanecer de chapéu, mas vou pedir-lhe, caro senhor, que você aí tire o seu – disse Filipe Filipovich de forma séria.

– Eu não sou seu “caro senhor” – o loiro murmurou indignado, tirando o chapéu.

– Nós viemos até você – recomeçou o que estava de preto e em estado de choque.

– Em primeiro lugar, quem são estes tais de “nós”?

– Somos a nova administração deste bloco de apartamentos – falou o de preto com raiva contida. – Eu sou Shvonder, ela é Vyazemskaya, ele é o camarada Pestrukhin e Zharovkin. E aqui estamos...

[voltar para o índice](#)

– Foi você quem se mudou para o apartamento de Fyodor Pavlovich Sablin?

– Fomos nós, sim – respondeu Shvonder.

– Deus! O que está acontecendo com esse lugar! – Filipe Filipovich exclamou em desespero e apertou as mãos.

– Por que você está rindo, professor? – Shvonder ficou indignado.

– Quem está rindo?! Estou em completo desespero! – Filipe Filipovich gritou. – O que acontecerá com o nosso aquecimento central agora!

– Você está brincando comigo, professor Preobrazhensky?

– Por que você veio me procurar, me diga o mais rápido possível. Vou jantar agora.

– Nós do Comitê de Moradia – disse Shvonder com ódio – viemos até o senhor depois de uma assem-

[voltar para o índice](#)

bleia geral dos moradores do nosso prédio, na qual foi levantada a questão da lotação dos apartamentos do prédio.

– O que estão querendo dizer? – Filipe Filipovich gritou. – Tente expressar seus pensamentos com mais clareza.

– A questão é sobre o aumento da ocupação...

– Chega! Eu entendi! Você sabia que por decreto de doze de agosto meu apartamento ficou isento de qualquer tipo de aumento de ocupação ou remanejamento?

– Sim, sabemos – respondeu Shvonder – mas a assembleia geral, tendo considerado a sua questão, chegou à conclusão de que você ocupa uma quantidade excessiva de espaço. Você mora sozinho em um apartamento de sete cômodos. Isto é um exagero.

– Moro e trabalho sozinho em sete cômodos – respondeu Filipe Filipovich – e gostaria de ter um oi-

[voltar para o índice](#)

tavo ainda. Preciso dele para minha biblioteca.

Os quatro ficaram sem palavras.

– Oitavo? Ai-ai-ai – disse o loiro, aquele sem o chapéu – mas isso é ótimo!”

– Isso é inconcebível! – exclamou o jovem, que se revelou uma mulher.

– Eu tenho uma sala de recepção que é também uma biblioteca, uma sala de jantar, meu escritório – três! Sala de exames – quatro. Sala de cirurgia – cinco. Meu quarto é o sexto e o quarto dos empregados é o sétimo. Em geral, não é suficiente... Sim, mas isso não importa. Meu apartamento está isento e ponto final. Posso ir jantar?

– Com licença – disse o quarto, parecendo um besouro gordo.

– Peço desculpas – Shvonder o interrompeu – é precisamente sobre a sala de jantar e a sala de exames

[voltar para o índice](#)

que viemos conversar. A Assembleia Geral pede-lhe que, voluntariamente, por uma questão de disciplina laboral, ceda a sala de jantar. Ninguém tem sala de jantar em Moscou.

– Nem mesmo Isadora Duncan tem uma! – a mulher gritou bem alto.

Algo aconteceu com Filipe Filipovich, e como resultado seu rosto ficou levemente roxo, mas ele não emitiu um único som, esperando para ver o que aconteceria a seguir.

– E também da sala de exame – continuou Shvonder – a sala de exame pode ser perfeitamente conectada ao consultório”.

– O que? – disse Filipe Filipovich com uma voz estranha – onde devo comer?”

– No quarto – todos os quatro responderam em uníssono.

O rosto roxo de Filipe Filipovich adquiriu um tom

[voltar para o índice](#)

um tanto acinzentado.

– Comer no quarto, – ele falou com a voz um pouco estrangulada – ler na sala de exames, vestir-se na sala de espera, operar na sala dos empregados e examinar na sala de jantar?! É bem possível que Isadora Duncan faça exatamente isso. Talvez ela esteja almoçando no escritório e cortando coelhos no banheiro. Talvez. Mas eu não sou Isadora Duncan!! – Ele bradou de repente, e seu rosto roxo ficou amarelo. – Vou almoçar na sala de jantar e operar na sala de cirurgia! Passe isso para a assembleia geral, e peço gentilmente que voltem aos seus negócios, e que me deixem comer onde todas as pessoas normais comem, ou seja, na sala de jantar, e não no corredor ou na enfermaria.

– Então, professor, em vista de sua oposição obstinada – disse o entusiasmado Shvonder – estamos apresentando uma queixa contra você junto às autoridades superiores.

– Ah vai ser assim então? – disse Filipe Filipovich. Sua voz assumiu um tom suspeitosamente educado. – Vou pedir que esperem um minutinho.

[voltar para o índice](#)

“Esse cara”, pensou o cachorro encantado, “é igualzinho a mim. Oh, ele vai mordê-los agora, oh, ele vai mordê-los! Ainda não sei de que forma, mas vai mesmo!.. Acerte-os! Agora mesmo eu poderia pegar esse de pernas longas de botas mais altas, alí perto do tendão... rrrr!...”

Filipe Filipovich pegou o telefone abruptamente e disse:

- Por favor... sim... obrigado. Por favor, chamem Vitaly Alexandrovich... Aqui é o Professor Preobrazhensky. Vitaly Aleksandrovich? Estou muito feliz por ter encontrado você. Obrigado, estou bem. Vitaly Alexandrovich, sua operação foi cancelada. O que? Não, está totalmente cancelado, assim como todas as outras operações. Eis o porquê: estou parando de trabalhar em Moscou e na Rússia em geral... Agora mesmo quatro pessoas vieram até mim, uma delas é uma mulher vestida de homem, e outras duas estão armadas com revólveres e me aterrorizaram no apartamento, com o objetivo de me tirarem parte do apartamento...

[voltar para o índice](#)

- Com licença, professor – começou Shvonder, visivelmente transtornado.

- Desculpe... não posso repetir tudo o que me disseram, não sou tão grosseiro para repetir. Basta dizer que me pediram para desistir da minha sala de exames, ou seja, me obrigaram a operar você onde eu ainda cortava coelhos. Nessas condições, não só não posso, como também não tenho direito ao trabalho. Por isso, paro minhas atividades, fecho meu apartamento e parto para Sochi. Posso dar a chave ao Shvonder e que ele se vire a partir de agora.

Os quatro congelaram. Foi como se a neve derretesse debaixo de suas botas.

- O que devo fazer?.. Eu também me sinto muito desconfortável... Como? Ah, não, Vitaly Alexandrovich! Oh não! Não dá para continuar mais assim. Minha paciência acabou. Esta é a segunda vez que isso acontece desde agosto. Como? Hum... Tanto faz. Pelo menos... Mas apenas com uma condição: seja por quem, seja o que for, seja quando for,

[voltar para o índice](#)

mas que haja um pedaço de papel que garanta que nem Shvonder nem ninguém mais possa sequer bater à porta do meu apartamento. Um papel que seja definitivo. Um papel de verdade. Isso mesmo. O meu nome nem precisa ser mencionado nele. Claro que sim! Não estou nem aí para eles. Sim, Sim. Por favor. Por quem? Sim... Bem, isso é outro assunto. Sim. Está bem. Estou passando o telefone agora. Por favor – Filipe Filipovich dirigiu-se a Shvonder com uma voz de cobra – ele falará com você agora.

– Permita-me, professor – disse Shvonder, meio que explodindo, meio que se calando – o senhor distorceu nossas palavras.

– Peço que você não use tais palavras.

Shvonder pegou o telefone todo confuso e disse:

– Alô. Sim... sou o presidente da comissão de gerenciamento do prédio de apartamentos... Agimos de acordo com as regras... então o professor realmente tem uma posição completamente excep-

[voltar para o índice](#)

cional... Sabemos do trabalho dele... queríamos deixar até cinco cômodos para ele... então, bem... já que é assim... está tudo certo...

Completamente vermelho, ele desligou e se virou.

“Como ele lidou bem com eles! Que cara!” – pensou o cachorro com admiração – quem diabos ele conhece? Bem, agora vocês podem me chutar como quiserem, mas não vou mais sair daqui!

Os três, de boca aberta, olharam para o desolado Shvonder.

– Mas que vergonha... – ele disse timidamente.

– Se eu pudesse conversar agora com ele, – começou a mulher, nitidamente com raiva e corada – eu provaria a Vitaly Alexandrovich...

– Desculpe, você gostaria de fazê-lo agora mes-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

mo? – Filipe Filipovich perguntou educadamente.

Os olhos da mulher pegaram fogo.

– Entendo sua ironia, professor, vamos embora agora... Só... eu, como diretor do departamento cultural deste prédio...

– Di-re-to-ra – Filipe Filipovich a corrigiu.

– ...Quero sugerir-lhe – aqui a mulher tirou do casaco várias revistas coloridas e molhadas de neve – que compre várias revistas em favor das crianças da Alemanha. Cinquenta copeques cada uma delas.

– Não, não vou querer – respondeu Filipe Filipovich humildemente, olhando de soslaio para as revistas.

Um completo espanto foi expresso em seus rostos, e a mulher ficou completamente vermelha.

– Por que você recusa?

– Não quero.

[voltar para o índice](#)

- Você não tem pena das crianças da Alemanha?
- Não, eu tenho pena sim.
- Você se lamenta pelo preço de cinquenta copeques?
- Não.
- Então por quê?
- Apenas não quero.

Todos ficaram em silêncio.

Sabe, professor – disse a garota, suspirando pesadamente – se você não fosse tão conhecido por toda a Europa e não o tivessem defendido de maneira tão contundente por pessoas que... (o loiro puxou-a pela bainha da jaqueta, mas ela continuou)... tenho certeza, nós iremos um dia desmascarar o senhor e o senhor será preso!

– Por qual motivo? – Filipe Filipovich perguntou curioso.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Você odeia o proletariado – disse a mulher com veemência.

— Você está certa, eu não gosto do proletariado — concordou Filipe Filipovich com tristeza, apertando um botão.

A campainha tocou à distância. A porta se abriu.

— Zina! — gritou Filipe Filipovich. — Sirva o jantar, por favor. Vocês se importam, senhora e senhores?

Em silêncio, os quatro saíram do escritório e, em silêncio, atravessaram o corredor.

A porta da frente fechou ruidosa e fortemente atrás deles.

O cachorro levantou-se nas patas traseiras diante de Filipe Filipovich e fez reverência a ele.

[voltar para o índice](#)

CA

PÍ

TU

LO

3

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Nos pratos pintados com magníficas flores e uma ampla borda preta havia finas fatias de salmão e enguias em conserva. Sobre uma tábua pesada estava um pedaço de queijo cortado e uma tigela de prata onde havia caviar rodeado por gelo. Entre os pratos estavam vários copos finos e três garrafas de cristal com vodcas multicoloridas. Todos esses itens foram colocados sobre uma pequena mesa de mármore, confortavelmente presa a um enorme aparador de carvalho esculpido, de onde se expeliam raios de vidro e uma luz prateada. No meio da sala havia uma mesa pesada como uma lápide de pedra, coberta com uma toalha branca, e sobre ela jaziam dois talheres, guardanapos dobrados em forma de tiaras papais e três garrafas escuras.

Zina trouxe um prato prateado onde alguma coisa borbulhava. O cheiro vindo do prato era tal que a boca do cachorro imediatamente se encheu de saliva. “Jardins da Babilônia”! – pensou ele e bateu no chão de madeira com o rabo como se fosse um pedaço de pau.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Traga-os aqui – ordenou Filipe Filipovich predatoriamente. – Doutor Bormenthal, eu imploro, deixe o caviar em paz. E se você quiser ouvir um bom conselho: não sirva vodca inglesa, mas beba a verdadeira vodca russa.

O belo Bormenthal – que já estava sem o jaleco e vestia um elegante terno preto – encolheu os ombros largos, sorriu educadamente e serviu um copo.

– Que é isso? – ele perguntou.

– Deus te abençoe, caro amigo – respondeu o proprietário. – É uma bebida alcoólica. Darya Petrovna também faz uma excelente vodca.

– Não me diga, Filipe Filipovich, todo mundo afirma que esta é das boas – 30 por cento de teor alcoólico.

– Em primeiro lugar, uma boa vodca deve ter 40, não 30, e em segundo lugar, só Deus sabe o que colocaram nelas. Você pode dizer o que acha que tem aí?

[voltar para o índice](#)

– Colocam de tudo – disse com confiança aquele que havia sido mordido.

– E eu sou da mesma opinião – acrescentou Filipe Filipovich e jogou o conteúdo do copo em sua garganta de uma só vez – ... Mm... Doutor Bormenthal, eu imploro, tome rápido essa coisa, e se você perguntar o que é... eu serei seu inimigo mortal pelo resto da vida. “De Sevilha a Granada...”

Com essas palavras, ele pegou algo semelhante a um pequeno pedaço de pão escuro em um garfo prateado. Aquele que foi mordido seguiu o exemplo.

Os olhos de Filipe Filipovich brilharam.

– É ruim? – perguntou Filipe Filipovich, mastigando. – Ruim? Responda, prezado doutor.

– Isso é excelente – respondeu o mordido com sinceridade.

– Claro... Observe, Ivan Arnoldovich, apenas os proprietários de terras que não foram mortos pe-

[voltar para o índice](#)

los bolcheviques comem aperitivos frios com sopa. Uma pessoa mais ou menos que se preze deve lidar com comidas quentes. E esta é a melhor dentre as comidas quentes de Moscou. Eram antigamente preparados de forma excelente no Bazar Eslovo.

– Se você alimentar o cachorro na sala de jantar – soou a voz de mulher – já não conseguirá tirá-lo mais daqui com um simples pedacinho de pão.

– Deixa quieto. O pobre coitado estava com fome – Filipe Filipovich serviu ao cachorro um lanche na ponta de um garfo, que ele aceitou com destreza mágica, e jogou o garfo numa bacia estrondosamente.

Então um vapor com cheiro de lagosta subiu dos pratos; o cachorro estava sentado à sombra da toalha de mesa com ar de sentinela de depósito de pólvora. E Filipe Filipovich, colocando a ponta de um guardanapo grosso atrás da gola, começou a dizer:

– Comida, Ivan Arnoldovich, é uma coisa complicada. Você precisa saber comer, mas imagine: a

[voltar para o índice](#)

maioria das pessoas não sabe comer direito. Você precisa saber não apenas o que comer, mas também quando e como (Filipe Filipovich balançou a colher significativamente). E o que posso dizer? Se você se preocupa com sua digestão, meu conselho é não falar sobre bolchevismo e medicina no jantar. E – Deus me livre – não leia jornais soviéticos antes do almoço.

– Hm... Na verdade, não há nenhum outro tipo de jornal.

– Não leia nenhum deles. Você sabe, certa vez fiz uma experiência com 30 pessoas em minha clínica. E aí, o que você acha que aconteceu? Os pacientes que eu fiz com que não lessem jornais, acabaram sentindo-se bem melhor. Aqueles que forcei especificamente a ler o Pravda perderam peso.

– Hm... – respondeu o homem mordido com interesse, ficando rosado por causa da sopa e do vinho.

– Isto não é tudo. Tiveram diminuição dos reflexos nos joelhos, falta de apetite, depressão.

[voltar para o índice](#)

- Caramba...

- Pois é! Estamos falando de medicina.

Filipe Filipovich recostou-se e tocou a campainha, e Zina apareceu por trás das cortinas cor de cerejeira. O cachorro conseguiu pegar um pedaço de esturjão claro e grosso, do qual não gostou, e logo em seguida um pedaço de rosbife ensanguentado.

Depois de devorá-lo, o cachorro de repente sentiu que queria dormir e não conseguia mais ver comida. “É uma sensação estranha, - pensou ele, batendo as pálpebras pesadas – meus olhos não podem mais olhar para comida alguma. E essa coisa de fumar depois do almoço, eu acho muito estúpido.

A sala de jantar encheu-se de uma fumaça azul desagradável. O cachorro estava cochilando, apoiando a cabeça nas patas dianteiras.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

**“*Saint Julien é um vinho decente*”,
ouviu o cachorro durante o sono,
*“mas agora acabou”.***

Um coro abafado, suavizado pelos tetos e tapetes, vinha de algum lugar acima e ao lado.

Filipe Filipovich ligou e Zina veio.

– Zina, o que está acontecendo?

– Realizaram outra assembleia geral, Filipe Filipovich – respondeu Zina.

– De novo! – exclamou Filipe Filipovich com tristeza, – bem, agora acabou, o prédio Kalabukhov está por desaparecer. Terei que ir embora, mas me pergunto para onde. Tudo funcionará de forma precisa como um relógio. Primeiro, haverá música todas as noites, depois os canos dos banheiros congelarão, depois a caldeira de aquecimento a vapor explodirá e assim por diante. É o fim para os Kalabukhov.

[voltar para o índice](#)

– Filipe Filipovich, você está exagerando – comentou Zina, sorrindo, e levou embora a pilha de pratos.

– Mas que exagero?! – gritou Filipe Filipovich, – afinal, que prédio era esse!!! Você não entende?

– Você vê as coisas com muita tristeza, Filipe Filipovich – retrucou o homem bonito – Tudo agora está mudando dramaticamente.

– Querido amigo, você me conhece, não é? Sou um homem de fatos, um homem de observação. Sou inimigo de hipóteses infundadas. E isso é muito conhecido não só na Rússia, mas também na Europa. Se digo algo, significa que existe algum fato subjacente do qual tiro aquela conclusão. E aqui está o fato: há um porta-chapéus e uma sapateira em nossa casa.

– Isto é interessante...

“Bobagem essas galochas. A felicidade não está nas galochas”, pensou o cachorro, “mas sim em uma personalidade marcante”.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

- Você gostaria de uma sapateira? Moro nesta casa desde 1903. E assim, durante esse tempo, até março de 1917, não houve um único caso, e sublinho com lápis vermelho: nenhum – de que pelo menos um par de galochas desaparecesse da nossa porta de entrada lá embaixo com a porta comum destrancada. Observe que há 12 apartamentos aqui. No dia 17 de março, num belo dia, todas as galochas desapareceram, inclusive dois pares meus, três bengalas, um casaco e o samovar do porteiro. E desde então o suporte de galocha deixou de existir. Querido amigo! Não estou nem falando do aquecimento a vapor. Eu não falo nada. Deixe pra lá: já que existe uma revolução social, não há necessidade de afogá-la. Mas eu pergunto: por que, quando toda essa história começou, todos começaram a subir por essas escadas de mármore com suas galochas sujas e com as botas de feltro? Por que as galochas ainda precisam ser trancadas? E também é necessário ainda deixar um guarda para que ninguém as roube? Por que foi retirado o carpete da escadaria principal? Karl Marx proíbe tapetes nas escadas? Está dito em algum lugar dos escritos de Karl Marx que a segunda entrada da casa Kala-

[voltar para o índice](#)

bukhov na Prechistenka deveria ser fechada com tábuas para que todos tenham que percorrer por todo o quintal até a porta principal? Quem precisa disso? Por que o proletário não pode deixar as galochas lá embaixo e assim não sujar o mármore?

– Mas, Filipe Filipovich, os proletários não têm galochas – gaguejou o homem que havia sido mordido.

– Nada disso! – Filipe Filipovich respondeu com voz estrondosa e serviu uma taça de vinho. – Hm... Não gosto de licores depois do jantar: são pesados e fazem mal ao fígado... Nada disso! Eles agora têm galochas e essas galochas... são as minhas! Estas são exatamente as mesmas galochas que desapareceram na primavera de 1917. A questão é: quem as tirou de lá? Eu? De jeito nenhum. Sablin, o burguês? (Filipe Filipovich apontou o dedo para o teto). É engraçado até imaginar. Seria o fabricante de açúcar Polozov? (Filipe Filipovich apontou para o lado). De jeito nenhum! Mas se pelo menos eles a tirassem ao subir as escadas! (Filipe Filipovich começou a ficar roxo). Por que diabos retira-

[voltar para o índice](#)

ram as flores dos locais? Por que é que a electricidade, que, Deus me livre, apagou-se duas vezes ao longo de 20 anos, mas agora apaga-se ordenadamente todo mês? Dr. Bormenthal, as estatísticas são uma coisa terrível. Você, que conhece meu trabalho mais recente, sabe disso melhor do que ninguém.

- É uma destruição, Filipe Filipovich.

- Não! – objetou Filipe Filipovich com bastante confiança – Não! Você é o primeiro, prezado Ivan Arnoldovich, a abster-se de usar esta palavra. Isto é uma miragem, fumaça, ficção – Filipe Filipovich abriu bem os dedos curtos, fazendo com que duas sombras, como tartarugas, se agitassem na toalha de mesa. – O que é essa tal destruição que você diz? Seria uma velha com um pedaço de pau? Uma bruxa que quebrou todas as janelas e apagou todas as lâmpadas? Isso não existe. O que você quer dizer com esta palavra? – Filipe Filipovich perguntou furiosamente ao infeliz pato de papelão pendurado de cabeça para baixo ao lado do aparador, e ele mesmo respondeu. “É o seguinte: se eu, em vez de operar todas as noites, começar a can-

[voltar para o índice](#)

tar como se estivesse num coro no meu apartamento, estarei em ruínas. Se, ao entrar no banheiro, eu começar, desculpem a expressão, a urinar no banheiro fora do vaso sanitário, Zina e Darya Petrovna começariam a fazer o mesmo. A devastação começaria no próprio banheiro. Conseqüentemente, a devastação não está nos armários, mas nas cabeças. Isso significa que quando esses barítonos gritarem “acabem com a destruição!” – eu estarei rindo. (O rosto de Filipe Filipovich distorceu-se de modo que aquele que foi mordido abriu a boca.) Juro para você, acho engraçado! Isso significa que cada um deles deveria levar uma pancada na nuca! E assim, quando eles tiverem deixado todo tipo de alucinações e começarem a limpar os seus quintais – que é a responsabilidade direta deles – a devastação desaparecerá por si mesma. Você não pode servir a dois senhores! É impossível varrer os trilhos do bonde e organizar o destino de alguns maltrapilhos ao mesmo tempo! Ninguém pode fazer isso, doutor. E ainda mais para essas pessoas que, em geral, estão 200 anos atrás dos europeus no desenvolvimento, e que ainda não conseguem sequer abotoar as próprias cal-

[voltar para o índice](#)

ças!

Filipe Filipovich ficou fora de si. Suas narinas de falcão se dilataram.

Tendo ganhado forças após um almoço farto, ele trovejou como um antigo profeta e sua cabeça brilhava como prata.

Suas palavras caíam sobre o cachorro sonolento como que um estrondo subterrâneo. Ora uma coruja aparecia com estúpidos olhos amarelos em uma visão sonolenta, ora era o rosto vil de um cozinheiro com um boné branco sujo, ora o bigode vistoso de Filipe Filipovich ficava iluminado pela forte eletricidade do abajur, ora um trenó vagaroso rangia e desaparecia. No estômago do cachorro, em meio ao suco gástrico, um pedaço de ros-bife fermentava.

“Ele poderia ganhar muito dinheiro em comícios”, sonhou vagamente o cachorro, “ele é um orador de primeira classe. No entanto, aparentemente,

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

não tem muito dinheiro.”

– Um policial! – Filipe Filipovich gritou.

“Um policial! “Uh-huh-uh!”

Algumas recordações estouraram na mente do cachorro...

– Policial! Isso e somente isso. E não importa se ele usa distintivo ou boné vermelho. Coloque um policial ao lado de cada pessoa e force esse policial a moderar os impulsos vocais dos nossos cidadãos. Você diz – devastação. Vou te dizer, doutor, que nada vai mudar para melhor na nossa casa, ou em qualquer outra casa, até que esses cantores sejam pacificados! Assim que interromperem os seus shows, a situação mudará naturalmente para melhor.

– Você está dizendo coisas contrarrevolucionárias, Filipe Filipovich – o homem que foi mordido comentou brincando – Que Deus não permita que alguém ouça você!

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Não tem nada de perigoso – objetou Filipe Filipovich acaloradamente. – Não há contrarrevolução. A propósito, aqui está outra palavra que absolutamente não suporto. O que isso realmente significa? O que está escondido por detrás desta palavra? Só o diabo sabe! Então eu digo: não há nada de contrarrevolução nas minhas palavras. Elas têm apenas bom senso e experiência de vida.

Aqui Filipe Filipovich retirou a ponta do guardanapo brilhante de trás do colarinho e, amassando-o, colocou-o ao lado da taça de vinho inacabada. O homem mordido levantou-se imediatamente e agradeceu: “Merci”.

– Só um minuto, doutor! – Filipe Filipovich o deteve, tirando a carteira do bolso da calça. Ele semicerrou os olhos, contou alguns pedaços de papel branco e os entregou ao amigo com as seguintes palavras:

– Hoje eu estou devendo a você 40 rublos, Ivan Arnoldovich. Aqui está.

[voltar para o índice](#)

A vítima do cachorro agradeceu educadamente e, corando, colocou o dinheiro no bolso do paletó.

– Você ainda precisa de mim esta noite, Filipe Filipovich?” – ele perguntou.

– Não, obrigado, meu amigo. Não faremos mais nada hoje. Em primeiro lugar, o coelho está morto e, em segundo lugar, hoje irei ao Bolshoi ver “Aida”. Faz muito tempo que não a ouço. Eu amo... você sabe, né? Aquele dueto... tari-ra-rim.

– Como você consegue fazer isso, Filipe Filipovich? – o médico perguntou respeitosamente.

– Quem não tem pressa de chegar a lugar nenhum, consegue – explicou o proprietário de forma edificante – É claro que se eu começasse a ir nas reuniões e a cantar como um rouxinol o dia todo, ao invés de cuidar de próprios negócios, não conseguiria chegar a lugar nenhum. Filipe Filipovich vasculhou o bolso do colete e tirou o relógio que, quando o apertou, soltou algumas notas celestiais. – São oito horas... Vou conseguir chegar para o segundo ato... Sou

[voltar para o índice](#)

um defensor da divisão de trabalho. Que cantem lá no Bolshoi enquanto eu faço as operações aqui. Isso é bom. E sem destruição... É isso, Ivan Arnoldovich, você apenas fique atento: assim que ele estiver morto, tire-o da mesa, coloque-o diretamente no líquido nutritivo e traga-o para mim!

– Não se preocupe, Filipe Filipovich, os patologistas me prometeram.

– Ótimo, mas por enquanto vamos ficar de olho nesse nervosinho de rua. Vamos deixar o seu flanco se curar.

“Ele está cuidando de mim”, pensou o cachorro, “é uma pessoa muito boa. Eu sei quem ele é. É um mago, mágico e feiticeiro dos contos de fadas de um cachorro... Afinal, não pode ser que eu tenha visto tudo isso em um sonho. E se for um sonho? (O cachorro tremia durante o sono.) E se eu acordar... e não existir mais nada disso? Nenhuma tela de seda, nenhum calor, nenhuma comida. De volta às ruas, no frio

[voltar para o índice](#)

louco, o asfalto gelado, fome, gente má... A cantina, a neve... Deus, como vai ser difícil para mim!..”

Mas nada disso aconteceu. Foi a rua que se desfez como um sonho vil e nunca mais voltou.

Aparentemente, a destruição não era tão terrível assim no país. Apesar dela, duas vezes por dia, os radiadores de calefação, que eram como gaitas cinzentas debaixo do parapeito da janela, enchiam-se de calor e o espalhavam em ondas por todo o apartamento.

Tudo estava absolutamente claro: o cachorro tirou a sorte grande na loteria canina. Seus olhos agora se enchiam de lágrimas de gratidão pelo menos duas vezes por dia pelo sábio da Prechistenka. Todos os espelhos da sala e da recepção entre os armários refletiam um lindo e sortudo cachorro.

“Eu sou sortudo mesmo. Talvez até seja um príncipe canino desconhecido”, pensou o cachorro, olhando para o cachorrinho

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

peludo cor de café com uma cara de satisfeito, caminhando na frente dos espelhos. “É bem possível que minha avó tenha feito alguma coisa com um labrador. Agora que reparo melhor – há uma mancha branca no meu focinho.”

“De onde isso vem, você pode se perguntar? Bem, Filipe Filipovich é um homem de muito bom gosto, e ele não aceitaria o primeiro cachorro vira-lata que encontrasse.”

Durante a semana, o cachorro comeu a mesma quantidade de comida que no último mês e meio que passou fome na rua. Bem, claro, apenas em quantidade. Não há necessidade de falar sobre a qualidade da comida que Filipe Filipovich proporcionava. Mesmo que não levemos em conta o fato de que todos os dias Darya Petrovna comprava uma pilha de sobras no mercado de Smolensk por 18 copeques, basta mencionar os jantares às 19h na sala de jantar, onde o cachorro estava presente, apesar dos protestos da elegante Zina. Durante esses jantares, Filipe Filipovich finalmente recebeu o título de divindade. O cachorro ficava nas patas traseiras e mordida o casaco, e

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

aprendeu os toques da campainha de Filipe Filipovich – dois golpes bruscos do dono, e saía voando latindo para encontrá-lo no corredor. O mestre estava envolto em um casaco de pele de raposa marrom-escuro, que brilhava com milhões de flocos de neve e cheirava a tangerina, charutos, perfume, limões, gasolina, água de colônia e tecido.

Sua voz, como um megafone, ecoou por todo o apartamento.

– Por que você, seu porco, despedaçou a coruja? Ela te incomodou? Estou te fazendo uma pergunta! Por que você quebrou o retrato do Professor Mechnikov?

– Filipe Filipovich, ele precisa apanhar pelo menos uma vez – disse Zina indignada – caso contrário, ficará completamente mimado. Veja o que ele fez com suas galochas.

– Não precisa bater em ninguém – disse preocupado Filipe Filipovich – lembre-se disso de uma vez por todas. Só se pode influenciar humanos e animais por persuasão. Você deu carne para ele hoje?

[voltar para o índice](#)

– Senhor, ele comeu a casa inteira. O que você está dizendo, Filipe Filipovich? Estou surpreso que não exploda.

– Bem, deixe-o comer para se sentir saudável... Por que a coruja te incomodou, garoto travesso?

***Auu-au – o cachorro bajulador
choramingou e rastejou de bruços,
com as patas esticadas.***

Em seguida, ele foi arrastado pelo pescoço pela área da recepção até o escritório. O cachorro uivou, mostrou os dentes, agarrou-se ao tapete e andou de cócoras, como num circo. No meio do escritório, sobre o tapete, estava uma coruja de olhos de vidro e com a barriga aberta, de onde saíam alguns trapos vermelhos, com cheiro de naftalina.

Um retrato quebrado estava sobre a mesa.

– Não limpei de propósito para o senhor admirar – relatou Zina chateada – pois foi ele que pulou na mesa, aquele desgraçado! Depois pegou a co-

[voltar para o índice](#)

ruja pelo rabo! Antes que eu conseguisse pegá-lo, ele a despedaçou. Esfregue o focinho dele na coruja, Filipe Filipovich, para que ele saiba que não deve estragar as coisas.

O cachorro começou a uivar. Estava preso ao tapete, mas foi arrastado até a coruja, e o cachorro começou a lamentar amargamente e pensou: “me bata, só não me expulse do apartamento”.

– Mande a coruja para o taxidermista hoje mesmo. Além disso, aqui estão 8 rublos e 15 copeques para o bonde, vá até a Mur, e compre para ele uma boa coleira com corrente.

No dia seguinte, colocaram uma coleira larga e brilhante no cachorro. No primeiro momento, olhando-se no espelho, ele ficou muito chateado, enfiou o rabo entre as pernas e foi até o banheiro, pensando em como arrancá-la lançando-se contra uma cômoda ou gaveta. Mas logo o cachorro percebeu que era apenas um idiota. Zina o levou para passear amarrado em uma corrente ao longo da

[voltar para o índice](#)

rua Obukhov. O cachorro caminhava como um prisioneiro, ardendo de vergonha, mas, tendo caminhado pela Prechistenka até a Catedral de Cristo, entendeu perfeitamente o que uma coleira significava na vida. A inveja furiosa era visível nos olhos de todos os cães que ele encontrava, e no beco sem saída, algum vira-lata esguio com o rabo cortado latia para ele dizendo que ele era um “cão bastardo de estimação” e um “lacaio”. Ao cruzarem os trilhos do bonde, o policial olhou para a coleira com prazer e respeito, e quando voltaram, aconteceu a coisa mais inédita da vida: Fyodor, o porteiro, destrancou pessoalmente a porta da frente e deixou Bolinha entrar, enquanto comentava com Zina:

– Olha como ele era quando Filipe Filipovich o trouxe, e como agora já está gordinho. Surpreendentemente gordo.

– Claro, ele come por seis – explicou Zina, com as bochechas rosadas e lindas por causa do frio.

“Uma coleira é como uma pasta de documentos” – brincou o cachorro

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

mentalmente e, balançando o traseiro, seguiu até o mezanino como um cavalheiro.

Depois de apreciar a coleira, o cão fez a sua primeira visita àquele que era o principal céu, onde até agora estava categoricamente proibido de entrar, também conhecido como o reino da cozinha de Darya Petrovna. Cinco centímetros daquele reino de Darya valia mais do que todo o apartamento. Todos os dias as chamas rugiam e relampejavam no fogão de tijolos negros. Sons crepitantes e deliciosos provinham do forno. Torturado pelo calor perpétuo e pela paixão inextinguível, o rosto de Darya Petrovna era um roxo constante, brilhante e oleoso. Na touca limpa sobre as orelhas e no coque loiro na parte de trás da cabeça, brilhavam vinte e dois diamantes falsos. Panelas douradas penduradas em ganchos ao redor das paredes, toda a cozinha concentrava cheiros, enquanto panelas cobertas borbulhavam e sibilavam...

– Saia! – gritou Darya Petrovna, – aí está você, ladrãozinho sem-teto! Você não fez falta aqui! Eu vou te bater com este atiçador!..

[voltar para o índice](#)

“O que você quer? Por que você está latindo?” – o cachorro semicerrou os olhos de maneira tocante. “Que tipo de ladrãozinho eu sou? Você não percebe a minha coleira?” – e ele recuou de lado até a porta, enfiando o focinho nela.

Bolinha, o Cachorro, tinha uma maneira secreta para conquistar o coração das pessoas. Dois dias depois, ele já estava deitado ao lado de uma cesta de carvão observando Darya Petrovna trabalhar. Com uma faca estreita e afiada, ela cortou as cabeças e as pernas de perdizes indefesas, depois, como um carrasco furioso, arrancou a carne dos ossos, arrancou as entranhas das galinhas e girou algo em um moedor de carne. Enquanto isso, Bolinha estava roendo a cabeça de uma perdiz. De uma tigela de leite, Darya Petrovna tirou pedaços de pão empapado, misturou-os numa vasilha com caldo de carne, despejou creme sobre tudo, polvilhou com sal e esculpiu costeletas na tábua. O fogão zumbia, e a frigideira resmungava, borbulhava e saltava. A porta do fogão abriu-se com um barulho como de um trovão, revelando um inferno terrível no

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

qual as chamas borbulhavam e tremeluziam.

À noite, a fornalha de pedra apagou-se, e pela janela da cozinha, acima da cortina branca, podia-se ver a densa e importante noite pela rua Prechistenka com uma estrela solitária lá no céu.

Havia umidade no chão da cozinha, as panelas brilhavam misteriosa e palidamente e havia um chapéu de bombeiro sobre a mesa. Bolinha estava deitado em uma laje quente como se fosse um leão em um portão e, levantando uma orelha com curiosidade, observou um homem agitado, de bigode preto e um largo cinto de couro, abraçando Darya Petrovna atrás da porta entreaberta do quarto de Zina e Darya Petrovna. O rosto dela ardia de desejo e paixão, menos seu nariz mortalmente coberto de pó. Uma fresta de luz estava sobre a silhueta do homem de bigode preto e no pescoço ele tinha pendurado um pedaço de pão de Páscoa.

– Vá com calma – murmurou Darya Petrovna na penumbra – deixe-me em paz! Zina vai chegar logo. O que você tem, parece um jovem?

[voltar para o índice](#)

– Não preciso de nada disso – respondeu o bigode preto, com pouco autocontrole e com voz rouca. – Como você é excitante!

À noite, a grande estrela da rua Prechistenka estava escondida atrás das cortinas pesadas e, se não houvesse um espetáculo de “Aida” no Teatro Bolshoi e nem houvesse reunião da Sociedade Cirúrgica da Rússia, a divindade estaria afundado em uma poltrona no escritório.

Não havia luzes no teto. Apenas havia uma lâmpada verde acesa sobre a mesa.

Bolinha estava deitado numa sombra no tapete, sem erguer os olhos, observava todas as coisas terríveis que estavam ali. Os cérebros humanos jaziam em um líquido nojento, cáustico e turvo dentro de recipientes de vidro. Os braços da divindade, nus até os cotovelos, usavam luvas de borracha avermelhadas, e seus dedos escorregadios e ágeis mexiam na massa cinzenta.

Às vezes, a divindade se armava com uma peque-

[voltar para o índice](#)

na faca brilhante e cortava silenciosamente os miolos amarelos e elásticos.

– “Para as margens sagradas do Nilo” – a divindade cantarolava baixinho, mordendo os lábios e lembrando da parte interior dourada do Teatro Bolshoi.

Os canos da calefação estavam aquecidos ao máximo naquele momento. O calor deles subia até o teto, de lá se espalhava por toda a sala. Na pele do cachorro uma última pulga, que ainda não havia sido arrancada pelo pente do próprio Filipe Filipovich, ganhou vida. Os tapetes nas paredes abafavam os sons do apartamento. E então a porta da frente rangeu ao longe.

“Zina foi ao cinema”, pensou o cachorro, “e quando voltar, jantaremos”. Hoje, provavelmente serão costeletas de vitela!

* * *

Desde a manhã daquele dia terrível, Bolinha foi atingido por uma premonição.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Como resultado, de repente ele começou a choramingar e tomou seu café da manhã – meia xícara de mingau de aveia e um osso de cordeiro do dia anterior – comendo-o totalmente sem apetite. Ele caminhou entediado até a área da recepção e latiu levemente para seu próprio reflexo no espelho. Mas à tarde, depois que Zina o levou para passear pela avenida, o dia transcorreu normalmente. Não houve consultas naquele dia pois como era sabido, não há consultas às terças-feiras, e a divindade estava sentada no escritório, abrindo sobre a mesa alguns livros pesados com figuras coloridas. Ele apenas estava esperando o almoço ser servido. O cachorro se animou um pouco com a ideia de que naquele dia o segundo prato, como descobriu na cozinha, era peru.

Caminhando pelo corredor, o cachorro ouviu o telefone tocar de forma desagradável e inesperada no escritório de Filipe Filipovich. Ele atendeu a ligação, ouviu e de repente ficou agitado.

– Ótimo, – sua voz foi ouvida – traga agora, agora!

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Ele começou a se agitar, tocou a campainha e, quando Zina entrou, mandou servir o jantar com urgência.

– Vamos jantar! Jantar! Jantar!

Houve um barulho repentino de pratos na sala de jantar. Zina estava correndo e Darya Petrovna foi ouvida resmungando na cozinha que o peru não estava pronto. O cachorro ficou nervoso novamente.

“Não gosto dessa tensão no apartamento”, pensou... E assim que pensou isso, a tensão assumiu um caráter ainda mais desagradável. E ela aumentou mais ainda graças ao aparecimento do Doutor Bormenthal. Ele trouxe consigo uma mala fedorenta e, sem sequer tirar o casaco, correu com ela pelo corredor até a sala de exames. Filipe Filipovich jogou fora o café que ainda existia na xícara, o que nunca havia acontecido antes, e saiu correndo ao encontro de Bormenthal, o que também nunca havia acontecido.

– Quando ele morreu? – ele gritou.

[voltar para o índice](#)

– Três horas atrás. – respondeu Bormenthal, sem tirar o chapéu coberto de neve e abrindo o zíper da mala.

“Quem foi que morreu?” – pensou o cachorro aborrecido e insatisfeito, enfiando-se debaixo da mesa – “Não aguento quando eles correm assim”.

– Saia daí debaixo! Depressa, depressa, depressa!
– Filipe Filipovich gritava em todas as direções. O cachorro teve a impressão que ele estava tocando todas as campainhas. Zina veio correndo.

– Zina! Diga para Darya Petrovna atender as ligações, e não deixe mais ninguém entrar aqui! Preciso de você aqui. Dr. Bormenthal, eu imploro – mais rápido, rápido, rápido!

“Não gosto, não gosto”, o cachorro estava ofendido. Franziu a testa e começou a vagar pelo apartamento. Toda a agitação se concentrou na sala de exames. Zina de repente se viu vestindo um jaleco que

[voltar para o índice](#)

parecia uma mortalha e começou a correr da sala de exame para a cozinha e vice-versa.

“Devo ir comer alguma coisa? Bem, deixe-os se virar por lá, estão muito atarefados”, decidiu o cachorro, quando de repente foi surpreendido.

- Não dê nada ao Bolinha – trovejou a equipe da sala de observação.

- Quem vai ficar de olho nele?

- Tranque-o!

E Bolinha foi atraído e trancado no banheiro.

“Que brutalidade”, pensou Bolinha, sentado no banheiro mal iluminado, “simplesmente são uns estúpidos...”

E por cerca de um quarto de hora ele ficou no banheiro com um humor estranho – seja de raiva ou

[voltar para o índice](#)

de algum tipo de depressão severa. Tudo era chato, confuso...

“Tudo bem, você verá o que acontecerá com as tuas galochas amanhã, prezado Filipe Filipovich”, pensou ele, “você já teve que comprar dois pares e vai ter que comprar mais um. Isso para que você aprenda a não mais prender os cachorros assim.”

Mas abruptamente seu pensamento furioso foi interrompido. De repente e claramente, por algum motivo, lembrou-se de um momento de quando ainda era um jovem cão – um vasto e ensolarado pátio perto do portão da rua Preobrazhensky, fragmentos do sol em garrafas, tijolos quebrados, cães vagando livremente.

“Não, você não pode sair daqui de jeito nenhum, não importa o que aconteça, nem pense nisso”, o cachorro pensou, fungando, “já estou acostumado com esse local”. Sou

[voltar para o índice](#)

um cão de estimação, uma criatura inteligente, aqui tenho experimentado uma vida melhor. E o que é a liberdade? Fumaça, miragem, ficção... As bobagens desses infelizes democratas...”

Aí a penumbra do banheiro ficou terrível, ele ui-vou, correu para a porta e começou a arranhá-la.

“Uh-uh!” – o som ecoou alto por todo o apartamento.

“Vou despedaçar a coruja de novo”, pensou o cachorro furiosamente, mas desamparado. Aí ele perdeu as forças, deitou-se e, quando se levantou, o pelo dele de repente se arrepiou. Por algum motivo parecia que um par de olhos de lobo nojentos o espreitava ali da banheira.

E no meio do tormento a porta se abriu. O cachorro saiu, limpou-se e dirigiu-se carrancudo para a cozinha, mas Zina persistentemente o arrastou pela coleira até a sala de exames.

[voltar para o índice](#)

Um arrepio passou pelo coração do cachorro.

“Por que você precisa de mim?” – pensou desconfiado, – “o lado sarou, não entendo mais nada”.

E ele deslizou contrariado com suas patas pelo piso de madeira escorregadio e foi levado para a sala de exames. Ficou imediatamente impressionado com a iluminação sem precedentes. A bola branca sob o teto brilhava tanto que machucava os olhos. No clarão branco estava o sumo sacerdote, solfejando através de seus dentes algo sobre o sagrado Nilo. Somente por um vago cheiro era possível reconhecer que era Filipe Filipovich. Seus cabelos grisalhos aparados estavam escondidos sob uma touca branca, que lembrava um patriarca; a divindade estava toda vestida de branco e, por cima do branco, como uma estola sacerdotal, usava um estreito avental de borracha. As mãos estavam cobertas com luvas pretas.

A longa mesa estava aberta e uma pequena mesa retangular com uma perna brilhante foi empurrada para o lado.

[voltar para o índice](#)

Havia um outro médico ali na sala. O cachorro odiava aquele médico! Era o cara que ele havia mordido. Acima de tudo, Bolinha odiava os seus olhos. Geralmente ousados e diretos, agora eles corriam em todas as direções, longe dos olhos do cachorro. Eles eram cautelosos, falsos e em suas profundezas escondia-se uma ação má e suja, ou até mesmo um crime completo. O cachorro olhou para ele pesada e sombriamente e foi para o canto.

- A coleira, Zina – disse Filipe Filipovich calmamente – só não o assuste”.

Zina instantaneamente teve os mesmos olhos vis daquele que foi mordido. Ela caminhou até o cachorro e obviamente fingiu acariciá-lo. Ele olhou para ela com desprezo.

“Bem... Vocês são três. Pegue-me se quiser. Mas é uma vergonha para vocês... Se eu soubesse o que vocês vão fazer comigo...”

Zina desatou a coleira, o cachorro balançou a cabeça e bufou. Aquele que foi mordido cresceu na

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

frente dele e um cheiro horrível exalava dele.

“Ugh, nojento... Por que estou tão confuso e assustado...” pensou o cachorro e se afastou do homem que havia sido mordido.

– Depressa, doutor – disse Filipe Filipovich impacientemente.

Havia um cheiro forte e doce no ar. Aquele que foi mordido, sem tirar os olhos cautelosos do cachorro, estendeu a mão direita por trás das costas e rapidamente cutucou o nariz do cachorro com um chumaço de algodão úmido. Bolinha ficou surpreso, sua cabeça começou a girar levemente, mas ele ainda conseguiu recuar. Aquele que foi mordido saltou sobre ele e de repente cobriu todo o rosto do cão com o algodão. A respiração parou imediatamente, mas mais uma vez o cachorro conseguiu escapar. “Seu malvado...” passou pela sua cabeça. – “Para que fez isso?” – E eles o pegaram novamente. Então, de repente, no meio da sala, apareceu um lago, e nele, em barcos, havia cachorros rosados muito alegres. As pernas deles estavam

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

desossadas e dobradas.

– Para a mesa! – As palavras de Filipe Filipovich ressoaram em algum lugar com uma voz alegre e se transformaram em listras alaranjadas. O horror desapareceu e foi substituído pela alegria. Por cerca de dois segundos, o cachorro desbotado amou aquele que ele havia mordido. Então o mundo inteiro virou de cabeça para baixo e ele sentiu uma mão fria, mas agradável, embaixo da barriga. Depois não viu mais nada.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO



CA

PÍ

TU

LO

4

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Bolinha estava estirado na estreita mesa de operação. A cabeça estava pendendo impotente do traverseiro de capa branca. Sua barriga havia sido aparada e agora o Dr. Bormenthal, respirando pesadamente e ofegantemente, com uma máquina cortava o pêlo da cabeça de Bolinha. Filipe Filipovich, apoiando as palmas das mãos na beirada da mesa, observava através das bordas brilhantes e douradas de seus óculos esse procedimento. Disse então com entusiasmo:

– Ivan Arnoldovich, o momento mais importante é quando entro na “sela túrcica”. Quando isso acontecer, eu imploro, que imediatamente me dê o que surgir dali e costure imediatamente. Se começar a sangrar, aí perderemos tempo e perderemos o cachorro. No entanto, de qualquer maneira, não há esperanças para ele – ele fez uma pausa, semicerrando os olhos, olhou para o olho semiaberto do cachorro, como se fosse zombeteiro, e acrescentou:

– Sabe, sinto pena dele. Imagine, já havia me acostumado com ele.

[voltar para o índice](#)

Ele ergueu as mãos neste momento, como se estivesse abençoando o malfadado cão por uma façanha difícil. Ele tentou não deixar uma única partícula de poeira cair na borracha preta.

A pele esbranquiçada do cachorro brilhava debaixo do pêlo cortado.

Bormenthal largou de lado a tesoura e se armou com uma navalha. Ele ensaboou a cabecinha indefesa e começou a cortar. Houve um forte estalo sob a lâmina e sangue apareceu em alguns lugares. Depois de abrir a cabeça, ele a enxugou com um pedaço úmido de álcool, então esticou a parte nua do cachorro e disse, bufando: “Está pronto”.

Zina abriu a torneira da pia e Bormenthal correu para lavar as mãos. Zina despejou álcool de uma garrafa sobre as mãos do médico.

– Posso ir embora, Filipe Filipovich? – ela perguntou, olhando timidamente de soslaio para a cabeça raspada do cachorro.

[voltar para o índice](#)

- Pode.

Zina desapareceu. Bormenthal se agitou ainda mais. Ele cobriu a cabeça de Bolinha com pedaços de gaze. No travesseiro jazia uma caveira de um cachorro careca nunca antes vista e com um estranho focinho barbudo.

Então o sacerdote se moveu. Ele se endireitou, olhou para a cabeça do cachorro e disse:

- Bem, Deus abençoe. Passe-me a faca.

Bormenthal tirou uma pequena faca da pilha brilhante sobre a mesa e entregou-a ao sacerdote. Depois calçou as mesmas luvas pretas do sacerdote.

- Ele está dormindo? – perguntou Filipe Filipovich.

- Sim.

Os dentes de Filipe Filipovich cerraram-se, seus olhos adquiriram um brilho agudo e espinhoso e, agitando a faca, ele fez uma incisão precisa e lon-

[voltar para o índice](#)

ga no estômago do Bolinha. A pele imediatamente se abriu e o sangue jorrou em todas as direções. Bormenthal atirou-se sobre o cão como uma ave de rapina. Começou a pressionar a ferida aberta com chumaços de gaze. Depois apertou com leves beliscões as bordas, com algo que parecia com uma pinça de açúcar, e a abertura secou. O suor borbulhava na testa de Bormenthal. Filipe Filipovich cortou o cão uma segunda vez e os dois começaram a despedaçar o corpo do Bolinha com ganchos, tesouras e algum tipo de grampo. Tecidos rosa e amarelos emergiram, escorrendo sangue. Filipe Filipovich, que estava girando o bisturi no corpo do cachorro, gritou de repente:

- Tesoura!

- Costure a pele imediatamente, doutor – então ele olhou de volta para o relógio branco redondo na parede.

- Já fazem 14 minutos – disse Bormenthal com os dentes cerrados enquanto enfiava uma agulha cur-

[voltar para o índice](#)

va na pele flácida. Então ambos ficaram agitados, como assassinos que têm alguma pressa.

- Bisturi! – gritou Filipe Filipovich.

O bisturi pulou em suas mãos como que por mágica. Depois, o rosto de Filipe Filipovich ficou tenso. Ele deu um sorriso e apareceram seus dentes de porcelana e ouro. Em um movimento preciso fez um círculo vermelho na cabeça do Bolinha. A pele com o cabelo raspado estava jogada para trás. O osso do crânio foi exposto. Filipe Filipovich gritou:

-Trépano!

Bormenthal entregou-lhe uma broca brilhante. Mordendo os lábios, Filipe Filipovich começou a introduzir a broca, fazendo pequenos furos no crânio do Bolinha, separados por um centímetro um do outro, de modo que circundassem todo o crânio. Ele não gastou mais do que cinco segundos em cada furo. Então, usando uma serra de estilo muito curioso, introduziu o fim da lâmina no primeiro buraco, ele começou a serrar, como se fosse uma

[voltar para o índice](#)

caixa de artesanato. O crânio estalou baixinho e tremeu. Cerca de três minutos depois, a tampa do crânio foi removida.

Em seguida, a cúpula do cérebro do Bolinha foi exposta – cinza com listras azuladas e manchas avermelhadas. Filipe Filipovich cortou as membranas com uma tesoura e abriu-as. Uma fina fonte de sangue jorrou, quase atingindo o olho do professor, mas que salpicou na sua touca. Bormenthal, com uma pinça de torção, como um tigre, correu para estancar e conseguiu. O suor escorria da testa de Bormenthal em riachos e seu rosto tornou-se carnudo e multicolorido. Seus olhos saltaram das mãos do professor para o prato na mesa de instrumentos. Filipe Filipovich tornou-se muito assustador. Um silvo escapou de seu nariz, seu sorriso escancarou os dentes até aparecerem as gengivas. Ele retirou a membrana do cérebro e chegou a algum lugar mais fundo, empurrando os hemisférios cerebrais. Nesse momento Bormenthal começou a empalidecer, agarrou o peito do Bolinha com uma das mãos e disse com voz rouca:

[voltar para o índice](#)

– O pulso está caindo drasticamente...

Filipe Filipovich olhou-o com brutalidade, murmurou algo e mergulhou ainda mais fundo. Bormenthal quebrou a ampola de vidro com um estalo, tirou uma seringa dela e introduziu o líquido insidiosamente em Bolinha em algum lugar perto de seu coração.

– Estou chegando à “sela túrcica” – rosnou Filipe Filipovich e, com luvas ensanguentadas e escorregadias, empurrou o cérebro amarelo-acinzentado do Bolinha para fora da cabeça. Por um momento ele olhou para o focinho do cão. Bormenthal imediatamente quebrou a segunda ampola que tinha um líquido amarelo e puxou para dentro da longa seringa.

– No coração? – ele perguntou timidamente.

– O que você acha? – rugiu o professor com raiva, – de qualquer forma, você já o teria matado umas cinco vezes neste tempo todo que está demorando. Injete logo. – Ao mesmo tempo, seu rosto ficou como o de um ladrão animado.

[voltar para o índice](#)

O médico inseriu facilmente a agulha no coração do cachorro.

- Ele está vivo, mas por pouco – ele sussurrou timidamente.

- Não há tempo para discutir aqui se está vivo ou não – sibilou o terrível Filipe Filipovich – cheguei na “sela túrcica”. Ele vai morrer de qualquer maneira... Ah, o que você está... “Para as margens sagradas do Nilo...”. Dê-me a glândula.

Bormenthal entregou-lhe uma garrafa na qual um caroço branco estava suspenso por um fio dentro do líquido. Com uma mão (“Deus, não há ninguém como ele em toda a Europa”, pensou Bormenthal) retirou a glândula suspensa e, com a outra mão, usando uma tesoura, retirou uma glândula semelhante das profundezas dos hemisférios cerebrais que estavam separados. Ele jogou a glândula de Bolinha em um prato e colocou uma nova no cérebro junto com um fio, e com seus dedos curtos, que haviam se tornado milagrosamente finos e flexíveis, conseguiu enrolá-la ali com um fio âmbar.

[voltar para o índice](#)

Depois disso, removeu vários espaçadores e pinças do crânio, colocou o cérebro em seu recipiente ósseo, recostou-se e perguntou com mais calma:

- Ele morreu, certo?..

- O pulso está por um fio – respondeu Bormenthal.

- Dê mais adrenalina.

O professor substituiu as membranas por cima do cérebro, devolveu a tampa craniana ao seu lugar exato, empurrou o couro cabeludo de volta à posição e gritou:

- Sature!

Bormenthal costurou a cabeça em cerca de cinco minutos, quebrando três agulhas.

E então, no travesseiro, contra um fundo manchado de sangue, apareceu o rosto flácido e sem vida de Bolinha com uma ferida em forma de anel na

[voltar para o índice](#)

cabeça. Como um vampiro satisfeito, Filipe Filipovich finalmente recuou, arrancou uma luva, tirou dela uma nuvem de pó encharcada de suor, arrancou a outra, jogou-a no chão e tocou a campainha na parede. Zina apareceu na soleira, virando-se para não ver o cão coberto de sangue. O sacerdote tirou a touca ensanguentada com as mãos e gritou:

- Dê-me um cigarro agora, Zina. Depois traga roupas limpas.

Ele apoiou o queixo na beirada da mesa, abriu a pálpebra direita do cachorro com dois dedos, olhou dentro do olho obviamente moribundo e disse:

- Caramba. Não está morto. Bem, ele vai morrer de qualquer maneira. Eh, Dr. Bormenthal, tenho pena do cachorro, ele era carinhoso, embora também fosse muito astuto.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

CA

PÍ

TU

LO

5

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Do diário do Doutor Bormenthal

(Um caderno fino, do tamanho de um caderno de caligrafia para crianças. Estava escrito com a letra de Bormenthal. Nas duas primeiras páginas a escrita é limpa e clara, depois fica meio embaralhada, rabiscada, com muitos borrões.)

* * *

22 de dezembro de 1924, segunda-feira.

História da doença.

O cão de laboratório tem aproximadamente dois anos. Macho. Raça: vira-lata. Apelido: Bolinha. O pelo é fino, espesso, acastanhado, com manchas amarronzadas. A cauda é da cor de leite cozido. No lado direito há vestígios de queimadura, mas já completamente curada. Alimentação: antes de entrar na sala do professor era ruim, mas depois de uma semana de permanência ele estava extremamente bem alimentado. Peso 8 kg (ponto de exclamação).

[voltar para o índice](#)

Coração, pulmões, estômago, temperatura...

* * *

23 de dezembro.

Às 20h30 foi realizada pela primeira vez na Europa tal tipo de operação pelo Prof. Preobrazhensky: sob anestesia com clorofórmio, os testículos do Bolinha foram removidos e no lugar foram transplantados testículos humanos com apêndices e cordões espermáticos, retirados de um homem de 28 anos que morreu 4 horas e 4 minutos antes da operação e que haviam sido preservados em fluido fisiológico esterilizado de acordo com o Prof. Preobrazhensky.

Imediatamente depois, após uma operação de trepanação no teto craniano, a glândula pituitária foi removida e substituída por uma glândula pituitária humana originária do homem acima mencionado.

[voltar para o índice](#)

Foram injetados no coração 8 cc de clorofórmio, 1 seringa de cânfora, 2 seringas de adrenalina.

Indicação para a operação: A experiência de Preobrazhensky com o transplante combinado da glândula pituitária e dos testículos para clarificar a questão do enxerto da glândula pituitária, e ainda sobre a sua influência no rejuvenescimento do organismo de seres humanos.

O Prof. F.F. Preobrazhensky efetuou a operação.

Assistido pelo Dr. I.A. Bormenthal.

Na noite seguinte à operação: ameaça de quedas repetidas do pulso. Expectativa de um desfecho fatal. Doses maciças de cânfora receitadas por Preobrazhensky.

** * **

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

24 de dezembro.

Melhora pela manhã. Respiração duplicada, temperatura 42. Cânfora, cafeína sob a pele.

* * *

25 de dezembro.

Novamente deterioração. Pulso pouco perceptível, frieza das extremidades, pupilas não reativas. Preobrazhensky aplicou adrenalina e cânfora no coração, solução fisiológica na veia.

* * *

26 de dezembro.

Alguma melhora. Pulso 180, respiração 92, temperatura 41. Cânfora, alimentação com enemas.

* * *

[voltar para o índice](#)

27 de dezembro.

Pulso 152, respiração 50, temperatura 39, 8, pupilas reativas. Cânfora subcutânea.

* * *

28 de dezembro.

Melhora considerável. Ao meio-dia, súbita e intensa transpiração, temperatura 37,0. Feridas operatórias na mesma condição. Curativo.

Aparece o apetite. A comida é líquida.

* * *

29 de dezembro.

De repente, foi detectada uma queda de cabelo na cabeça e nos lados do tronco.

Foram convocados para consulta: Vasily Vasilievich Bundarev, professor do departamento

[voltar para o índice](#)

de doenças da pele, e o diretor do Instituto de Veterinária de Moscou. Reconheceram o caso como não descrito na literatura. O diagnóstico não foi especificado. Temperatura: 37,0.

Ao fim da tarde apareceu o primeiro latido (8 horas e 15 minutos). Nota-se a mudança brusca de timbre e a diminuição do tom. Ao invés de um latido o som parece com as sílabas “a-o”, que assemelham-se remotamente a um gemido.

* * *

30 de dezembro.

A perda de pêlo assumiu o carácter de calvície geral.

A pesagem deu um resultado inesperado – 30 kg devido ao crescimento (alongamento) dos ossos. O cão ainda está deitado.

* * *

[voltar para o índice](#)

31 de dezembro.

Apetite colossal.

(No caderno – um borrão. Depois do borrão, uma caligrafia apressada).

*Às 12:12 hs – O cão ladrrou claramente e-x-i-
-e-p.*

* * *

(Há uma pausa no caderno, e mais adiante, evidentemente escrita por engano devido à empolgação):

* * *

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

~~1 de dezembro.~~ 1 de janeiro de 1925.

Fotografado de manhã. Ele com alegria ladra “exiep”, repetindo a palavra em voz alta e de forma alegre. Às 3 horas da tarde sorriu, provocando o desmaio da criada Zina. À noite, pronunciou 8 vezes seguidas a palavra “exiep”.

O professor decifrou a palavra “exiep”, significa “peixe”... Algo monstruoso....

* * *

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

2 de janeiro.

Cão fotografado por magnésio enquanto sorria. Levantou-se da cama e confiantemente ficou de pé (com as patas traseiras) durante meia hora. Ele está quase da minha altura.



(Há uma folha de registo no caderno).

A ciência russa quase sofreu uma grande perda.

A história da doença do Professor F. F. Preobrazhensky.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

À 1 hora e 13 minutos. – Desmaio profundo do Prof. Preobrazhensky. Durante a queda, bateu com a cabeça no braço de uma cadeira.

Na minha presença e na de Zina, o cão (se é que se pode chamar cão, claro) amaldiçoou o Prof. Preobrazhensky chamando-o de bastardo.

* * *

(Pausa nas notas)

* * *

6 de janeiro.

(A lápis e depois a caneta).

Hoje, depois de lhe ter caído a cauda, pronunciou a palavra “cervejaria” de forma bastante clara. O gravador está funcionando. Mas que raio é isto?

Estou completamente confuso.

[voltar para o índice](#)

As consultas ao professor foram canceladas. Desde as 5 horas da tarde, a partir da sala de exames, onde esta criatura anda de um lado para o outro, ouve-se um palavrão nitidamente vulgar e as palavras “quero mais um par”.

* * *

7 de janeiro.

Ele pronuncia um grande número de palavras: “taxista”, “não há lugares”, “jornal da noite”, “o melhor presente para as crianças” e todos os palavrões que existem no léxico russo.

O seu aspeto é estranho. Só tem cabelo na cabeça, no queixo e no peito. O resto do corpo está sem pêlos, com a pele flácida. Na região genital, parece-se com um homem. O crânio aumentou consideravelmente. A testa é inclinada e baixa.

Por Deus, estou enlouquecendo.

[voltar para o índice](#)

Filipe Filipovich ainda não se sente bem. Eu faço a maior parte dos registros. (gravador, fotografias)

Há um boato que corre pela cidade.

As consequências são incalculáveis. Esta tarde o beco estava cheio de ociosos e velhas. Os curiosos ainda estão de pé debaixo das janelas.

Nos jornais desta manhã havia um artigo notável: “Os rumores de um marciano na rua Obukhov são infundados. Tudo foi desmentido pelos comerciantes da Sukharevka e todos os envolvidos serão severamente punidos.” – Mas que marciano que nada! Tudo isso é um grande pesadelo.

Ainda melhor foi a do “Jornal Vespertino” – escreveram que havia nascido uma criança que toca violino. Há uma fotografia de um violino e junto com minha foto e, embaixo, uma legenda: “Prof. Preobrazhensky, que fez cesariana à mãe”. É algo indescritível...

[voltar para o índice](#)

Ele disse uma nova palavra: “policial”.

Acontece que Darya Petrovna estava apaixonada por mim e roubou uma foto minha do álbum de Filipe Filipovich. Depois que eu afugentei os repórteres, um deles esgueirou-se até a cozinha, e aconteceu....

O que está acontecendo durante a hora da consulta! Hoje houve 82 chamadas. O telefone está desligado. As senhoras sem filhos estão fora de si e estão indo para

Apareceu aqui toda a comissão de moradia chefiada por Shvonder. Ninguém entendeu o porquê.

* * *

8 de janeiro.

Tarde da noite o diagnóstico foi feito. Filipe Filipovich, como um verdadeiro cientista, admitiu seu erro – mudar a glândula pituitária não traz rejuvenescimento, mas sim humanização com-

[voltar para o índice](#)

pleta (ênfatizado três vezes). Isso não diminui sua incrível e impressionante descoberta.

Hoje ele andou pelo apartamento pela primeira vez. Riu no corredor, olhando para a lâmpada elétrica. Então, acompanhado por Filipe Filipovich e por mim, seguiu para o escritório. Ele fica firme nas patas traseiras (riscado)... nas pernas e dá a impressão de um homem pequeno e mal constituído.

Ele riu no escritório. Seu sorriso é desagradável e como se fosse artificial. Então ele coçou a cabeça, olhou em volta e eu anotei uma nova palavra claramente pronunciada por ele: “burguês”. Ele esbravejou. Palavrões saíram de forma metódica, contínua e sem um sentido aparente. Eram de natureza um tanto fonográfica: como se essa criatura já tivesse ouvido essas palavras em algum lugar antes, e automaticamente e subconscientemente as inseriu em seu cérebro. Agora as está vomitando em lotes. No entanto, não sou psiquiatra, que droga!

[voltar para o índice](#)

Por alguma razão, os palavrões causam uma impressão surpreendentemente dolorosa em Filipe Filipovich. Há momentos em que ele deixa a sua observação contida e fria dos novos fenômenos e parece perder a paciência. Então, teve um momento em que ele repentinamente gritou nervoso:

- Pare de fazer isso!

Isto não teve efeito algum.

Depois de uma caminhada no escritório, Boli-nha foi levado à sala de exames por meio de esforços conjuntos.

Depois disso tivemos uma reunião com Filipe Filipovich. Pela primeira vez, devo confessar, vi aquele homem confiante e incrivelmente inteligente totalmente confuso. Cantarolando como sempre, ele perguntou: “O que vamos fazer agora?” E ele mesmo respondeu literalmente assim: “Lojas de Roupas do Estado de Moscou, sim... de Granada a Sevilha... prezado doutor...” Não con-

[voltar para o índice](#)

seguí entender o que dizia. Ele explicou:

– Peço a você, Ivan Arnoldovich, que compre cuecas, calças e uma jaqueta para ele.”

* * *

9 de janeiro.

Desde de manhã, o léxico é enriquecido a cada cinco minutos (em média) com uma nova palavra e frase. Parece que tudo que estava congelado na mente, descongelou e está saindo. A palavra liberada permanece em uso depois. Desde ontem à noite, o gravador tem registrado: “não empurre”, “canalha”, “saia do caminho”, “eu vou te mostrar”, “reconhecimento da América”, “fogão a querosene”.

* * *

[voltar para o índice](#)

10 de janeiro.

Ele me permitiu vesti-lo com uma camiseta sem qualquer resistência, até rindo alegremente. Ele recusou as ceroulas, expressando seu protesto com gritos roucos: “Entrem na fila, seus filhos de uma cadela, entrem na fila!” Pronto, agora está vestido. Suas meias são muito grandes.

(No caderno há alguns desenhos esquemáticos que, ao que tudo indica, retratam a transformação da pata do cachorro em pernas humanas).

A metade posterior do esqueleto do pé está alongada, os dedos se desenvolvem, unhas. (Com esboços apropriados).

Treinamento sistemático repetido para ir ao banheiro. As empregadas estão completamente deprimidas.

Mas é preciso destacar que a criatura é inteligente. As coisas estão indo bem.

[voltar para o índice](#)

* * *

11 de janeiro.

Totalmente habituado com o uso de calças. Ele disse uma frase longa e alegre: “Dê-me um cigarro, suas calças têm listras”.

O pêlo da cabeça é fino e sedoso. Facilmente confundido com cabelo. Mas as marcas da operação permaneceram no topo da cabeça. Hoje a última penugem saiu das suas orelhas.

Apetite colossal. Ele come arenque com entusiasmo.

Às 5 horas da tarde ocorreu algo: pela primeira vez, as palavras ditas pela criatura não estavam divorciadas dos fenômenos circundantes, mas eram uma reação a eles. A saber: quando o professor lhe ordenou: “Não jogue os restos no chão”, ele respondeu inesperadamente: “Sai daí, seu idiota”.

Filipe Filipovich ficou surpreso, depois se recuperou e disse:

[voltar para o índice](#)

– Se você me xingar ou ao médico novamente, você terá problemas.

Eu estava fotografando Bolinha naquele momento. Garanto que ele entendeu as palavras do professor. O seu rosto demonstrou pavor. Ele parecia bastante irritado, mas depois se acalmou.

Viva, ele entende!

* * *

12 de janeiro.

Já sabe colocar as mãos nos bolsos das calças. Estamos ensinando-o a não xingar mais.

Ele assobiou a música “Oh, maçã”. Mantém a conversa.

Não resisto a algumas hipóteses: Dane-se o rejuvenescimento por enquanto. Há outra coisa imensamente mais importante: a incrível ex-

[voltar para o índice](#)

periência do Prof. Preobrazhensky revelou um dos segredos do cérebro humano. A partir de agora, a misteriosa função da glândula pituitária – um apêndice cerebral – tem uma explicação. Ela define a forma humana. Seus hormônios podem ser considerados os mais importantes do corpo – os hormônios da aparência. Uma nova área se abre na ciência: sem qualquer réplica de Fausto, um homúnculo foi criado. O bisturi do cirurgião deu vida a uma nova unidade humana. Prof. Preobrazhensky, você é um criador. (Borrão).

Porém, eu me desviei do assunto... Então, ele continua a conversação. De acordo com minha suposição, a situação é a seguinte: a glândula pituitária implantada abriu o centro da fala no cérebro do cachorro e as palavras jorraram como uma inundação. Na minha opinião, o que temos diante de nós é um cérebro revivido e desenvolvido, e não um cérebro recém-criado. Oh, maravilhosa confirmação da teoria evolucionária! Oh, que evolução: de um cachorro ao mais famoso químico Mendeleev! Outra hipótese: o cérebro de Bolinha no período cani-

[voltar para o índice](#)

no de sua vida acumulou um abismo de conceitos. Todas as palavras com as quais ele começou a falar eram palavras da rua. Ele as ouviu e as escondeu em seu cérebro. Agora, andando pela rua, olha horrorizado para os cães que encontra. Só Deus sabe o que está escondido nos cérebros deles.

Bolinha conseguiu ler. Ele leu (3 pontos de exclamação). Eu sabia! Tudo de acordo com E-X-I-E-P. Ele leu de trás para frente. E até sei onde está a causa desse enigma: foi quando cortamos os nervos ópticos do cachorro.

O que está acontecendo em Moscou está além da compreensão da mente humana. Sete comerciantes da rua Sukharev já estão presos por espalharem rumores sobre o fim do mundo provocado pelos bolcheviques. Darya Petrovna disse até mesmo a data exata: 28 de novembro de 1925, dia do Venerável Mártir Estêvão, a terra sairá do seu eixo celeste... Alguns vigaristas já estão dando palestras. Fizeram tanta bagunça com essa história da glândula pituitária que tive que sair do apartamento. Fui morar com

[voltar para o índice](#)

Preobrazhensky e passei a noite na sala com Bolinha. A nossa antiga sala de exames foi convertida em uma área de recepção. Shvonder estava certo. O comitê de moradia está exultante. Não há mais um único copo nos armários.

Tivemos que desmama-lo.

Algo estranho está acontecendo com Filipe Filipovich. Quando contei a ele sobre minhas hipóteses e a esperança de fazer Bolinha se tornar em uma personalidade mental muito elevada, ele riu e respondeu: “É isso mesmo que você acha?” Seu tom foi ameaçador. Eu estava errado? Aquele velho deve ter pensado em alguma outra coisa já. Enquanto estou mexendo no histórico médico, ele analisa o histórico da pessoa de quem tiramos a glândula pituitária.

* * *

(Folha solta no caderno.)

* * *

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Klim Grigorievich Chugunkin, 25 anos, solteiro. Não filiado ao Partido, mas simpatizante. Foi julgado 3 vezes e absolvido: a primeira vez por falta de provas, a segunda vez a sua origem o salvou, mas na terceira vez foi condenado: 15 anos de prisão. Crime: Roubo. Profissão: tocar balalaica em tabernas.

Pequeno em estatura, má formação corporal. O fígado estava dilatado (álcool). A causa da morte foi uma facada no coração em um bar (nome do bar: “Sinal de Parada”, próximo ao posto avançado da Preobrazhensky).

O velho, sem erguer os olhos, estuda minuciosamente a doença de Klim. Eu não entendo o que há de errado. Ele murmurou algo sobre o fato de não ter pensado em examinar por completo o cadáver de Chugunkin no departamento de patologia. Eu não entendo qual é o problema. Faz diferença de quem é a glândula pituitária?

* * *

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

17 de janeiro.

Fiquei vários dias sem anotar nada: estava com gripe. Durante esse tempo, a aparência finalmente está formada. a) uma pessoa perfeita na estrutura corporal; b) pesa cerca de cinquenta quilos; c) baixa estatura; d) a cabeça é pequena; e) começou a fumar; f) come comida humana; g) veste-se de forma independente; h) conversa sem problemas.

* * *

Esta é a glândula pituitária (mancha).

* * *

Aqui se encerra o histórico médico. Diante de nós está um novo organismo; É preciso observá-lo como tal.

Apêndice: transcrições de fala, gravações, fotografias.

[voltar para o índice](#)

Assinado: Assistente do Professor F. F. Preobrazhensky, Doutor Bormenthal.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

CA

PÍ

TU

LO

ES

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Era uma noite de inverno. Final de janeiro. Pouco antes do jantar, antes das consultas. No teto, perto da porta da sala de exames, havia uma folha de papel branca, na qual estava escrito com a letra de Filipe Filipovich: “Proíbo comer sementes de girassol no apartamento”. F. Preobrazhensky. E em letras de lápis azul, grandes como bolos, na caligrafia de Bormenthal: “É proibido tocar instrumentos musicais das cinco da tarde às sete da manhã”. Depois, escrito à mão por Zina: “Quando você voltar, diga a Filipe Filipovich: não sei para onde ele foi. Fyodor disse que saiu com Shvonder.” Preobrazhensky escreveu à mão também: “Vou ter que esperar eternamente pelo vidraceiro?”. Na caligrafia de Darya Petrovna: “Zina foi na loja, e disse que ia trazê-lo”.

A sala de jantar parecia ter uma aconchegante atmosfera noturna, graças à luz vinda do abajur de seda. Sua luz se refletia em linhas aleatórias por toda a sala, enquanto o espelho estava rachado de um lado ao outro e preso no lugar por um entrecruzamento de fita adesiva. Filipe Filipovich, curvando-se sobre a mesa, mergulhou em uma enorme folha de jornal desdobrada.

[voltar para o índice](#)

Relâmpagos distorceram seu rosto e palavras esfarapadas, escassas e arrolhadas saíram por entre seus dentes. Ele leu a nota:

“Não há dúvida de que é seu filho ilegítimo (como costumavam dizer na sociedade burguesa podre). É assim que os pseudo-eruditos membros da nossa burguesia se divertem. Ele só manterá seus sete aposentos até que a espada brilhante da justiça resplandeça sobre ele como um raio vermelho...”

Muito persistentemente, com uma destreza divertida, tocavam uma balalaica dois cômodos depois, e os sons de uma variação de “A Lua Brilha” se misturavam na cabeça de Filipe Filipovich formando uma bagunça odiosa. Terminada a leitura, cuspiu secamente por cima do ombro e cantou mecanicamente entre os dentes:

- A lua está brilhando... a lua está brilhando... a lua está brilhando... Ugh, que melodia maldita que não me deixa!

Ele tocou a campainha e o rosto de Zina apareceu na porta.

[voltar para o índice](#)

- Diga a ele que já são cinco horas, e que é para parar. Ah, e diga-lhe para vir aqui, por favor.

Filipe Filipovich estava sentado em uma cadeira à mesa. Uma ponta de charuto marrom se projetava entre os dedos da mão esquerda. Parado junto à cortina que se encostava no teto, com as pernas cruzadas, estava um homem de baixa estatura e aparência pouco atraente. O cabelo de sua cabeça era áspero, como arbustos arrancados em um campo, e seu rosto estava coberto de pêlos, com a barba por fazer. A testa chamava a atenção por sua pequena altura. Quase diretamente acima das pretas sobrancelhas espalhadas, começava um espesso cabelo.

A jaqueta, rasgada debaixo da axila esquerda, estava coberta de palha, as calças listradas estavam rasgadas no joelho direito e manchadas de tinta roxa no esquerdo.

Em volta do pescoço do homem havia uma gravata chamativa da cor do céu com um alfinete de rubi falso. A cor desta gravata era tão marcante que de vez em quando, fechando os olhos cansados, Filipe Fi-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

lipovich, na escuridão total, seja no teto ou na parede, via uma tocha acesa com uma coroa azul. Abrindo-os, ficava cego novamente, porque do chão, salpicando leques de luz, botas laqueadas com tiras brancas chamavam a atenção.

“É como usar galochas”, pensou Filipe Filipovich com uma sensação desagradável. Ele suspirou, cheirou e começou a mexer no charuto apagado. O homem que estava na porta olhou para o professor com olhos opacos e fumou um cigarro, espalhando cinzas na frente da camisa.

O relógio na parede ao lado da perdiz tocou cinco vezes. Algo mais os incomodava internamente quando Filipe Filipovich entrou na conversa.

- Acho que já pedi duas vezes para você não dormir no chão da cozinha, principalmente durante o dia, não é?

O homem tossiu com voz rouca, como se estivesse engasgado com um osso, e respondeu:

[voltar para o índice](#)

- O ar da cozinha é mais agradável.

Sua voz era extraordinária, monótona e ao mesmo tempo estrondosa, como se estivesse dentro de um pequeno barril.

Filipe Filipovich balançou a cabeça e perguntou:

- De onde veio essa coisa nojenta? Estou falando de gravata.

O homenzinho, seguindo o dedo com os olhos, semicerrou-os e olhou com amor para a gravata.

- Por que “nojenta”? - Ele falou - É uma gravata chique. Darya Petrovna que me deu de presente.

- Darya Petrovna deu a você algo abominável, como estas botas aí. O que é essa coisa absurda brilhante? De onde vem? O que eu te perguntei? Compre sapatos decentes; e o que é isso? O Dr. Bormenthal realmente escolheu isso?

[voltar para o índice](#)

– Eu falei para ele comprar essas envernizadas. Por que eu não deveria usá-las? Todo mundo usa. Se você descer até a rua Kuznetzky, verá quase todo mundo usando botas assim.

Filipe Filipovich virou a cabeça e falou gravemente:

– Deve parar de dormir no chão. Está claro? Que atrevimento é esse! Além do mais, você está atrapalhando. Há mulheres lá.

O rosto do homem escureceu e seus lábios se projetaram.

— E daí? Pense bem, elas agem como se mandassem aqui. Elas são apenas criadas, mas se comportam como as donas. E aquela Zina... ela está sempre se aborrecendo comigo.

Filipe Filipovich olhou severamente:

– Não se atreva a falar da Zina assim! Fui claro?

Silêncio.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Fui claro, estou te perguntando?

– Sim, foi.

– Remova essa porcaria do seu pescoço. Você.... Você se olhe no espelho e veja o que é: uma farsa. Não jogue bitucas de cigarro no chão – peço pela centésima vez. E não quero mais ouvir palavrões neste apartamento! E não cuspa em todo lugar! A escaradeira está ali. Por favor, tenha melhor pontaria quando você fizer xixi. Pare de incomodar Zina. Ela reclama que você espreita o quarto dela à noite. E não seja rude com meus pacientes! Onde você acha que está – em algum bar?

– De alguma forma, pai, você está me oprimindo dolorosamente – disse o homem de repente, entre lágrimas.

Filipe Filipovich corou, seus óculos brilharam.

– Quem é seu pai aqui? Que tipo de familiaridade é essa? Não quero ouvir essa palavra de novo! Chame-me pelo meu primeiro nome e patronímico!

[voltar para o índice](#)

Uma expressão ousada iluminou o homem.

– O que você está querendo dizer?... Não cuspa. Não fume. Não vá lá... Mas o que é isso afinal de contas? Ah, tudo está claro agora. Por que você não me deixa viver minha vida?! E sobre a questão do “papai” – você está perdendo tempo. Eu pedi para fazer a operação? – o homem latiu indignado. – Mas que belo trabalho você fez, hein! Agarraram um animal, cortaram-lhe a cabeça com uma faca e agora o abominam. Não lembro de ter dado minha permissão para essa operação. E igualmente (o homem voltou os olhos para o teto, como que se lembrando de uma determinada fórmula), e igualmente meus parentes também não a deram. Acho que tenho o direito de registrar uma reclamação contra você.

Os olhos de Filipe Filipovich ficaram completamente esbugalhados, o charuto caiu de suas mãos. “Bem, virou homem mesmo”, passou por sua cabeça.

– Você quer dizer que ficou insatisfeito por ter sido transformado em humano? – Ele perguntou, semi-cerrando os olhos – Talvez você prefira voltar para

[voltar para o índice](#)

os lixões novamente? Congelando nas portas dos edifícios? Bem, se eu soubesse disso...

– Por que você me censura em tudo? – Pelo menos lá eu podia pegar meu pedaço de pão. Mas e se eu morresse na operação? O que você tem a dizer sobre isso, camarada?

– É Filipe Filipovich! – exclamou Filipe Filipovich irritado, – não sou seu camarada! Isso é monstruoso! (“Isso é um pesadelo, um pesadelo”, pensou ele).

– Claro, como poderia ser... – o homem falou ironicamente e bateu o pé triunfantemente – nós entendemos, meu senhor. Que tipo de camaradas somos para você! Não estudamos em universidades, não moramos em apartamentos de 15 quartos com banheiro. Só que tudo mudou agora – agora todo mundo tem o direito de...

Filipe Filipovich, empalidecendo, ouviu o raciocínio do homem.

[voltar para o índice](#)

O homenzinho interrompeu seu discurso e caminhou desafiadoramente em direção ao cinzeiro com o cigarro mastigado na mão. Sua marcha era instável. Ele amassou longamente a bituca de cigarro com uma expressão que dizia claramente: “Não! Não!”. Depois de apagar o cigarro, ele de repente cerrou os dentes enquanto caminhava e enfiou o nariz debaixo do braço.

– Pegue as pulgas com os dedos! Com os dedos! – Filipe Filipovich gritou furiosamente, – e eu não entendo de onde você ainda as têm?

– Você não acha que estou criando-as, não é? – o homem ficou ofendido – Aparentemente as pulgas me amam – então ele remexeu com os dedos no forro sob a manga do casaco e soltou no ar um tufo de cabelo ruivo claro.

Filipe Filipovich voltou o olhar para as guirlandas que decoravam o teto e tamborilou os dedos na mesa. O homem, tendo executado a pulga, afastou-se e sentou-se numa cadeira. Ao mesmo tempo, ele baixou as mãos e as colocou na lapela do paletó. Seus

[voltar para o índice](#)

olhos olharam de soslaio para os blocos de parquet. Ele contemplou seus sapatos e isso lhe deu grande prazer. Filipe Filipovich também olhou para os detalhes que brilhavam nas botas de cano curto do homem, franziu a testa e perguntou:

– O que mais você queria me contar?

– Qual é o problema? É uma questão simples. Preciso de um documento, Filipe Filipovich.

Filipe Filipovich estremeceu um pouco.

– Hum... Droga! Um documento! É verdade... Hmm... Talvez isso possa ser feito de alguma forma... – Sua voz soava incerta e triste.

– Pelo amor de Deus – respondeu o homem com confiança – Não posso fazer nada sem um documento. Sinto muito. Você sabe, uma pessoa sem documentos está estritamente proibida de existir. Em primeiro lugar, o comitê de moradia...

[voltar para o índice](#)

– O que o comitê tem a ver com isso?

– Como assim o que tem a ver? Eles me encontram e perguntam: quando você, caro senhor, vai fazer o seu registro?

– Oh, meu Deus! – exclamou Filipe Filipovich com tristeza – Eles encontraram você, e fizeram perguntas... Posso até imaginar o que você lhes disse. Mas eu havia proibido você de ficar andando pelas escadas.

– O que sou eu, um prisioneiro? – o homem ficou surpreso, e a consciência de que estava certo fez com que até mesmo seu falso alfinete de rubi se acendesse. – Como assim “perambular por aí”?! Suas palavras são bastante ofensivas. Eu ando como todas as outras pessoas.

Ao mesmo tempo, esfregou os pés envernizados no chão de parquet.

Filipe Filipovich ficou em silêncio, seus olhos se desviaram. “Ainda temos que nos conter”, pensou ele. Aproximando-se da pia, ele bebeu um copo d’água de uma só vez.

[voltar para o índice](#)

– Muito bem – ele falou com mais calma – não é uma questão de palavras. O que seu precioso comitê de moradia diz então?

– O que dizer a eles... Você está em vão brigando com eles. Eles protegem os interesses dos moradores.

– Quais interesses, posso perguntar?

– Isso é notório, da classe trabalhista.

Filipe Filipovich revirou os olhos.

– Por acaso você é um trabalhador?

– Claro que sim, já que não sou um capitalista.

– OK. Então, o que o comitê pretende fazer em defesa do seu interesse revolucionário?

– Isso é fácil – é necessário que eu seja registrado. Eles disseram: “onde já se viu uma pessoa que viva sem registro em Moscou”. Esta é a primeira coisa. Mas o mais importante, preciso de uma carteira de

[voltar para o índice](#)

registro. Não quero que achem que sou um desertor do exército. E mais – pertencer a um sindicato, estar no quadro de empregos...

– Deixe-me saber, onde devo registrar você? Nesta toalha de mesa ou no meu passaporte? Afinal, você precisa levar toda a situação em consideração. Não se esqueça que você... uh... hum... Você, por assim dizer, é uma criatura que aparece (inesperadamente) em um laboratório. – Filipe Filipovich falava cada vez com menos confiança.

O homem ficou triunfantemente em silêncio.

– Muito bem. O que, afinal, é necessário para registrá-lo e, de modo geral, organizar tudo de acordo com o plano desse seu comitê de moradia? Afinal, você não tem nome nem sobrenome.

– Você é injusto. Posso escolher um nome para mim com bastante facilidade. Daí você poderá publicá-lo no sábado em um jornal.

– Como você quer ser chamado?

[voltar para o índice](#)

O homem ajeitou a gravata e respondeu:

– Poligraf Poligrafovich.

– Não seja idiota – respondeu Filipe Filipovich sombriamente – estou falando sério com você.

Um sorriso sarcástico retorceu o bigode do homem.

– Não entendo uma coisa – disse ele alegremente e significativamente. – Eu não posso falar palavrões. Não posso cuspir. Mas tudo que ouço de você é: “idiota, idiota”. Aparentemente, apenas os professores estão autorizados a falar palavrões na URSS.

Filipe Filipovich ficou cheio de ira e, ao encher o copo, quebrou-o.

Depois de beber de outro, pensou: “Mais um pouco, ele vai começar a me ensinar e terá toda a razão. Não consigo me controlar.”

Ele virou-se na cadeira, curvou a cintura com exagerada polidez e disse com firmeza férrea:

[voltar para o índice](#)

- Desculpe. Meus nervos estão perturbados. Seu nome me pareceu estranho. Onde você, estou interessado em saber, o encontrou?

- Fui assessorado pelo comitê de moradia. Procuraram um de acordo com o calendário – “qual você quer”, eles perguntaram? E eu escolhi este..

- Não existe nada assim em qualquer calendário.

- É bastante surpreendente – o homem sorriu – especialmente porque ele está pendurado na sua sala de exames”.

Filipe Filipovich, sem se levantar, apertou o botão que estava na parede e Zina veio atender a ligação.

- Traga-me o calendário da sala de exames.

Houve uma pausa. Quando Zina voltou com o calendário, Filipe Filipovich perguntou:

- Onde?

[voltar para o índice](#)

– Comemora-se no dia 4 de março.

– Mostre-me... hum... caramba... Jogue-o no forno, Zina, agora mesmo.

Zina, arregalando os olhos de medo, saiu com o calendário, e o homem balançou a cabeça em reprovação.

– Posso saber seu sobrenome?

– Vou usar o meu sobrenome verdadeiro.

– Como? E qual seria exatamente?

– Sharikov.

* * *

No escritório, em frente à mesa, estava o presidente do comitê de moradia, Shvonder, vestindo uma jaqueta de couro. O doutor Bormenthal estava sentado numa cadeira. Ao mesmo tempo, nas bochechas do médico, rosadas pelo frio (acabara de voltar), ha-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

via a mesma expressão confusa de Filipe Filipovich, que se assentava ao lado dele.

– Como devemos escrever isso? – Ele perguntou impaciente.

– Bem – disse Shvonder – não é uma coisa difícil. Escreva sua identidade, senhor professor. Você conhece esse tipo de coisa... Isto é para certificar que o portador é realmente Polygraph Polygraphovich Sharikov... hum, nascido em, hum... neste apartamento.

Bormenthal mexeu-se na cadeira, perplexo. Filipe Filipovich torceu o bigode.

– Hm... Droga! É impossível imaginar algo mais estúpido. Ele não nasceu coisa nenhuma, ele simplesmente... Bem, resumidamente...

– É problema seu – disse Shvonder com calma exultação – se ele nasceu ou não... Foi você quem fez o experimento, professor! Você criou o cidadão Sharikov.

[voltar para o índice](#)

– É muito simples – latiu Sharikov do lado da estante. Ele olhou para a gravata, refletida no colossal espelho.

– Eu realmente pediria a você – retrucou Filipe Filipovich – que não interferisse na conversa. Pare de falar que “é muito simples” – não é muito simples, não.

– Como posso não interferir? – Sharikov murmurou com delicadeza.

Shvonder imediatamente o apoiou.

– Com licença, professor, o cidadão Sharikov tem toda a razão. É seu direito participar na discussão do seu próprio destino, especialmente no que diz respeito aos documentos. Um documento é a coisa mais importante do mundo.

Naquele momento, um toque de telefone ensurdecedor interrompeu a conversa. Filipe Filipovich disse ao telefone: “Alô” ... E ele corou e depois gritou:

– Por favor, não me interrompa por bobagens. O que

[voltar para o índice](#)

você tem a ver com isso? – e ele enfiou o gancho com força de volta no aparelho.

Uma radiante alegria se espalhou pelo rosto de Shvonder.

Filipe Filipovich, ficando roxo, gritou:

– Em resumo, vamos acabar com isso.

Ele rasgou um pedaço de papel do caderno e anotou algumas palavras, depois leu em voz alta, irritado:

– “Eu certifico”... Que diabos... hm... “O portador desse papel é uma pessoa originária de um experimento de laboratório através de uma cirurgia no cérebro, e necessita de alguns documentos”... Droga! Eu sou totalmente contrário a esses documentos idiotas. Assinado: “Professor Preobrazhensky”.

– É muito estranho, professor – Shvonder ficou ofendido – como você chama os documentos de idiotas? Não posso permitir que um inquilino sem documentos permaneça no prédio e ainda não esteja registra-

[voltar para o índice](#)

do na polícia. E se houver uma guerra com os predadores imperialistas?

– Não vou a lugar nenhum para lutar! – Sharikov de repente latiu sombriamente para dentro do armário.

Shvonder ficou surpreso, mas se recuperou rapidamente e comentou educadamente com Sharikov:

– Você, cidadão Sharikov, fala de forma extremamente inconsciente. Você precisa se alistar para o serviço militar.

– Vou me alistar, mas lutar já é outra coisa – respondeu Sharikov hostilmente, endireitando a gravata.

Foi a vez de Shvonder ficar embaraçado. Preobrazhensky olhou para Bormenthal com raiva e tristeza como que dizendo: “Não seria imoral?” Bormenthal acenou com a cabeça significativamente.

– Fiquei gravemente ferido durante a operação. – Sharikov uivou sombriamente – Veja como eles me trataram – e apontou para sua cabeça. Uma ci-

[voltar para o índice](#)

catriz cirúrgica muito recente se estendia ao longo de sua testa.

– Você é um anarquista individualista? – Shvonder perguntou, erguendo as sobrancelhas.

– Tenho direito a um atestado de invalidez – respondeu Sharikov.

– Bem, tudo bem, não importa por enquanto – respondeu o surpreso Shvonder – o fato é que enviaremos a carteira de identidade do professor para a polícia e eles emitirão os documentos necessários.

– Então, uh... – Filipe Filipovich o interrompeu de repente, obviamente atormentado por algum pensamento – você não tem um quarto vago no prédio? Eu concordo em comprá-lo.

Faíscas amarelas apareceram nos olhos castanhos de Shvonder.

– Não, professor, infelizmente. E não temos nenhu-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

ma perspectiva disso acontecer.

Filipe Filipovich franziu os lábios e não disse nada. Novamente o telefone tocou alto. Sem perguntar nada, ele pegou silenciosamente o gancho do telefone e deixou-o pendurado de modo que rodasse um pouco e ficasse esticado pelo cordão azul. Todos estremeeceram. “O velho está exausto”, pensou Bormenthal, e Shvonder, piscando os olhos, fez uma reverência e saiu.

Sharikov, com as botas rangendo, seguiu-o.

O professor ficou sozinho com Bormenthal. Após um breve silêncio, Filipe Filipovich balançou a cabeça e falou.

– Sinceramente, tudo isso é um pesadelo. Você está vendo? Juro para você, caro doutor, estive mais exausto nessas duas semanas do que nos últimos 14 anos! Eu vou te contar, esse aí é um canalha mesmo...

Ao longe, ouviu-se um fraco tilintar de vidro se quebrando. Depois veio um grito feminino abafado que

[voltar para o índice](#)

se elevou e imediatamente sumiu. Uma força maligna roçou o papel de parede do corredor, indo em direção à sala de exames. Algo caiu ali e imediatamente voou de volta. As portas bateram e o grito baixo de Darya Petrovna ecoou na cozinha.

Então Sharikov uivou.

– Meu Deus, que foi isso! – gritou Filipe Filipovich, correndo para a porta.

– Um gato – Bormenthal supôs e correu atrás dele. Eles correram pelo corredor até o hall, entraram por ele e de lá viraram para o corredor que levava até a lavanderia e ao banheiro. Zina saiu correndo da cozinha e deu de cara com Filipe Filipovich.

– Quantas vezes eu ordenei para que não houvesse gatos aqui – gritou Filipe Filipovich com raiva. – Onde ele está?! Ivan Arnoldovich, pelo amor de Deus, acalme os pacientes da sala de espera!

– O maldito diabo está sentado no banheiro, no banheiro, gritou Zina, ofegante.

[voltar para o índice](#)

Filipe Filipovich empurrou a porta do banheiro, mas ela não se mexeu.

- Abra agora mesmo!

Em resposta, no banheiro trancado, algo pulou nas paredes, as bacias desmoronaram, a voz selvagem de Sharikov rugiu surdamente atrás da porta:

- Eu vou te matar agora...

A água começou a fazer barulho pelos canos e de repente jorrou. Filipe Filipovich encostou-se na porta e começou a arrancá-la. Uma Darya Petrovna irritada e com o rosto distorcido apareceu na soleira da cozinha. Então a janela de vidro, no alto da parede entre o banheiro e a cozinha, quebrou-se numa explosão de fragmentos de vidro. Atrás deles caiu um gato enorme com cores de tigre e com um laço azul no pescoço, parecendo um policial. Ele caiu direto sobre a mesa em uma bandeja comprida, quebrando-a. Depois girou sobre três patas enquanto ace-

[voltar para o índice](#)

nava com a pata dianteira direita como se estivesse dançando e imediatamente vazou por uma porta estreita que levava para a escada dos fundos. A porta se abriu um pouco mais e o gato foi substituído pelo rosto de uma velha com lenço na cabeça, que com sua saia coberta de bolinhas brancas, entrou na cozinha. A velha limpou a boca com o indicador e o polegar, olhou ao redor da cozinha com os olhos inchados e espinhosos e disse com curiosidade:

- Ah, Senhor Jesus!

O pálido Filipe Filipovich atravessou a cozinha e perguntou ameaçadoramente à velha:

- O que a senhora quer?

- É interessante ver um cachorro falante – respondeu a velha de forma insinuante e benzeu-se.

Filipe Filipovich ficou ainda mais pálido, aproximou-se da velha e sussurrou sufocadamente:

- Saia da cozinha agora mesmo!

[voltar para o índice](#)

A velha recuou em direção à porta e falou, ofendida:

– Não precisa ser tão grosseiro, senhor professor.

– Fora daqui! – repetiu Filipe Filipovich e seus olhos ficaram redondos, como os de uma coruja. Ele pessoalmente bateu a porta preta atrás da velha. – Darya Petrovna, eu fiz uma pergunta a você.

– Filipe Filipovich – respondeu Darya Petrovna em desespero, cerrando os punhos – o que posso fazer? As pessoas continuam chegando o dia todo, embora muitas vezes eu as expulse.

A água do banheiro rugia fraca e ameaçadoramente, mas não se podia mais ouvir nenhuma voz vinda de lá.

O doutor Bormenthal entrou.

– Ivan Arnoldovich, por gentileza... Hm... Quantos pacientes tem?

[voltar para o índice](#)

- Onze – respondeu Bormenthal.

- Mande embora todo mundo, não vou atendê-los hoje.

Filipe Filipovich bateu na porta e gritou:

- Saia agora mesmo daí! Por que você se trancou aí?

- Oh-oh! – a voz de Sharikov respondeu de forma lamentável e vaga.

- Que diabos!.. Não ouço nada, desligue a água.

- Au-au!..

- Desligue a água! Não entendo o que ele fez... – gritou Filipe Filipovich, entrando em frenesi.

Zina e Darya Petrovna abriram a porta e olharam da

[voltar para o índice](#)

cozinha. Filipe Filipovich mais uma vez bateu com o punho na porta.

– Aqui está ele! – Darya Petrovna gritou da cozinha.

Filipe Filipovich correu para lá. O rosto do Poligraf Poligrafovich apareceu pela janela quebrada perto do teto e se inclinou para a cozinha. O rosto estava distorcido, seus olhos estavam lacrimejantes e havia um arranhão no nariz de onde jorrava sangue fresco.

– Você está louco? – perguntou Filipe Filipovich. – Por que você não sai?

O próprio Sharikov olhou em volta com angústia e medo e respondeu:

– Eu me tranquei.

– Abra a fechadura. O que, você nunca viu uma fechadura?

– Não abre, seu maldito! – Poligraf respondeu com medo.

[voltar para o índice](#)

– Caramba! Ele deve ter chaveado a porta! – Zina gritou, apertando as mãos.

– Existe um botão aí! – gritou Filipe Filipovich, tentando falar mais alto do que o barulho da água, – empurre para baixo... Empurre para baixo!

Sharikov desapareceu e um minuto depois reapareceu na janela.

– Não dá para ver nada – ele latiu horrorizado pela janela.

– Acenda a lâmpada. Ele endoidou de vez!

– O maldito gato quebrou a lâmpada – respondeu Sharikov – E quando tentei pegar o bastardo pela perna, apertei a torneira e agora não consigo encontrá-lo.

Todos os três começaram a se preocupar e ficaram ali congelados.

Cinco minutos depois, o Dr. Bormenthal enrolou o tapete do corredor e o colocou no lugar do pano de

[voltar para o índice](#)

chão e juntou seus esforços aos das mulheres, a fim de evitar a passagem da água por debaixo da porta. Finalmente, Fyodor, o porteiro, apareceu depois da ligação de Filipe Filipovich. Acendendo uma vela que sem dúvida servira no casamento de Darya Petrovna e subindo num banco, Fyodor tentava alcançar a claraboia. A parte inferior de suas calças em grandes quadrados cinzentos apareceu instantaneamente suspensa no ar e depois desapareceu pela abertura

– Du... Gu-gu! – Sharikov gritou algo em meio ao barulho da água.

A voz de Fyodor foi ouvida:

– Filipe Filipovich, de qualquer forma precisamos abrir, deixe a água ir embora, vamos secar tudo depois, a partir da cozinha.

– Abra! – Filipe Filipovich gritou com raiva.

O trio levantou-se do tapete, a porta do banheiro foi pressionada e imediatamente uma onda se espalhou pelo corredor. Ela se dividiu em três fluxos: uma par-

[voltar para o índice](#)

te foi direto para o banheiro oposto, outra à direita para a cozinha e a última à esquerda para o corredor. Correndo aos pulos, Zina fechou a porta. Fyodor saiu com água até os tornozelos, sorrindo por algum motivo. Ele estava todo molhado.

– Apesar de toda a pressão da água, consegui acabar com o fluxo – explicou.

– Onde está aquele Sharikov? – perguntou Filipe Filipovich e ergueu uma perna praguejando.

– Ele tem medo de sair – explicou Fyodor, sorrindo estupidamente.

– Você vai me bater, papai? – A voz chorosa de Sharikov veio do banheiro.

– Seu estúpido! – Filipe Filipovich respondeu brevemente.

Zina e Darya Petrovna (com as saias arregaçadas até os joelhos e com as pernas nuas), e Sharikov e o porteiro (com os pés descalços e com as calças arregaçadas)

[voltar para o índice](#)

çadas), jogavam panos no chão da cozinha e os torciam em baldes sujos que depois eram levados para a pia.

O fogão abandonado zumbia. A água passou pela porta e foi para a escada, depois seguia direto para o lance de escadas e caía lá embaixo.

Bormenthal, na ponta dos pés, ficou dentro de uma poça profunda, no piso de parquet da sala e conversava através da fresta da porta da frente, aberta apenas até onde a corrente permitia.

– Não haverá consultas hoje, o professor não está bem. Por favor, afaste-se da porta, nosso cano estourou...

– Quando então haverá consulta? – perguntou a voz atrás da porta, – Só preciso de uns minutos com o doutor...

– Não posso – Bormenthal mudou da ponta dos pés para os calcanhares – o professor está descansando. O cano aqui estourou. Amanhã eu pergunto para ele.

[voltar para o índice](#)

Zina! Querida! Limpe aqui, caso contrário, a água se espalhará pela escada principal.

– Tem muita água, os panos não estão dando conta.

– Vamos tentar colocar em jarros agora então – respondeu Fyodor.

A campainha não parava de tocar e Bormenthal já estava com muita água ao seu redor.

– Quando será a operação? – uma voz o importunou e alguém tentava passar pela abertura da porta.

– O cano estourou...

– Eu posso entrar pois estou de galochas...

Silhuetas azuladas apareceram do lado de fora da porta.

– Não, por favor, volte amanhã.

[voltar para o índice](#)

– Eu tenho hora marcada.

– Amanhã. Tivemos um desastre com o encanamento.

Fyodor estava a contorcer-se no lago que se formara aos pés do médico, esfregando a sua jarra no chão, enquanto o arranhado Sharikov pensava num novo método.. Ele enrolou um pano enorme em forma de tubo, deitou-se de bruços na água e correu pelo corredor até o banheiro.

– Por que você, seu idiota, está correndo pelo apartamento inteiro? – Darya Petrovna estava com raiva, – despeje a água na pia.

– Ora, na pia – respondeu Sharikov, pegando a água suja com as mãos, – se não levarmos a água de volta para dentro, ela sairá pela porta da frente.

Um banco foi empurrado para fora do corredor, com Filipe Filipovich tentando manter o equilíbrio em suas meias listradas azuis.

– Ivan Arnoldovich, pare de responder. Vá para o

[voltar para o índice](#)

quarto, vou te dar alguns sapatos.

– Não precisa, Filipe Filipovich, que bobagem.

– Coloque suas galochas.

– Deixa para lá. Meus pés já estão molhados de qualquer maneira.

– Oh meu Deus! – Filipe Filipovich estava chateado.

– Que animal destrutivo! – Sharikov respondeu de repente e saiu agachado com uma tigela de sopa na mão.

Bormenthal fechou a porta, não resistiu e riu. As narinas de Filipe Filipovich dilataram-se, seus óculos brilharam.

– De quem você está falando? – ele perguntou a Sharikov – deixe-me saber.

– Estou falando do gato. Que bastardo – respondeu Sharikov, com os olhos culposos.

[voltar para o índice](#)

– Sabe, Sharikov – respondeu Filipe Filipovich, recuperando o fôlego – nunca vi uma criatura mais atrevida do que você.

Bormenthal riu.

– Você – continuou Filipe Filipovich – é simplesmente muito atrevido. Como você ousa dizer isso? Você causou tudo isso e ainda... Não! Meu Deus!

– Sharikov, por favor, diga-me – falou Bormenthal – por quanto tempo você continuará perseguindo gatos? Você devia se envergonhar! Afinal, isso é uma vergonha! É algo selvagem!

– Que tipo de selvagem eu sou? – Sharikov respondeu sombriamente, – Não sou um selvagem. É impossível tolerar um gato no apartamento. Ele está apenas procurando algo para roubar. Ele comeu a carne moída que a Darya preparou. Eu queria ensiná-lo uma lição.

– Eu mesmo deveria te ensinar algo! – respondeu Filipe Filipovich, – Olhe para seu rosto no espelho.

[voltar para o índice](#)

- Quase perdi meu olho – respondeu Sharikov sombriamente, tocando seu olho com a mão molhada e suja.

Quando o parquet escurecido pela água secou um pouco, todos os espelhos estavam cobertos por um véu de vapor condensado e a campainha parou de tocar. Filipe Filipovich, com os chinelos de cor vermelha marroquina, estava parado no hall de entrada.

- Aqui está, Fyodor.

- Agradeço humildemente.

- Vai trocar de roupa agora. Ah, e além disso: vai beber um pouco de vodka com Darya Petrovna.

- Muito obrigado – Fyodor hesitou um pouco, mas depois disse – Tem mais uma coisa, Filipe Filipovich. Já peço desculpas antecipadamente. Mas é que... O cidadão Sharikov atirou pedras... no vidro do apartamento sete.

[voltar para o índice](#)

– Em um gato? – perguntou Filipe Filipovich, franzindo a testa.

– Parece que foi no dono do apartamento. Ele já ameaçou processar o senhor.

– Droga!

– Parece também que Sharikov abraçou o cozinheiro e ele tentou expulsá-lo. Bem, tivemos uma briga.

– Pelo amor de Deus, sempre me informe sobre essas coisas imediatamente! Quanto você precisa?

– Um rublo e meio.

Filipe Filipovich tirou três moedas brilhantes de cinquenta copeques e entregou-os a Fyodor.

— E, além disso tudo, você tem que pagar um rublo e 50 copeques por causa daquele maldito gato — resmungou uma voz da porta. — Foi tudo cul-

[voltar para o índice](#)

pa do gato...

Filipe Filipovich se virou, mordeu o lábio e pressionou Sharikov silenciosamente, empurrou-o para a sala de exames e trancou-o. Sharikov imediatamente bateu com os punhos na porta por dentro.

– Não se atreva! – exclamou Filipe Filipovich com uma voz claramente doentia.

– Bem, uma coisa é verdade – observou Fyodor – nunca vi tanto atrevimento em minha vida.

Bormenthal parecia ter brotado do solo.

– Filipe Filipovich, por favor, não se preocupe.

O enérgico médico abriu a porta da sala de exames e de lá veio sua voz:

– O que você está fazendo? Pensa que está em algum bar por aí?

[voltar para o índice](#)

— É isso mesmo — disse Fyodor, concordando. — É assim que deve ser feito. Um soco no ouvido é o que ele precisa...

– Bem, não é assim, Fyodor – murmurou Filipe Filipovich com tristeza.

– Misericórdia, sinto muito por você, Filipe Filipovich.

[voltar para o índice](#)



CA

PÍ

TU

LO

7

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

– Não, não e NÃO! – Bormenthal falou insistentemente, – por favor, deixe isso de lado.

– Bem, por Deus – Sharikov murmurou insatisfeito.

– Obrigado, doutor – disse Filipe Filipovich afetuosamente – eu simplesmente já estou cansado de re-preendê-lo.

– Eu ainda não vou deixar você comer até que você aprenda a usar o guardanapo. Zina, tire para longe a maionese de Sharikov.

– Como assim “tire”? – Sharikov estava chateado – Eu vou colocar a maionese agora.

Com a mão esquerda protegeu o prato de Zina e com a direita enfiou um guardanapo no colarinho . Ficou parecendo um cliente numa barbearia.

– E use um garfo, por favor – acrescentou Bormenthal.

[voltar para o índice](#)

Sharikov respirou fundo e começou a pegar pedaços de esturjão no molho espesso.

– Posso beber mais vodca? – indagou.

– Já não foi o bastante? – Bormenthal perguntou – Você tem apostado muito na vodca ultimamente.

– E você se importa? – Sharikov perguntou olhando por baixo das sobrancelhas.

– Você está dizendo bobagens... – o severo Filipe Filipovich interveio, mas Bormenthal o interrompeu.

– Não se preocupe, Filipe Filipovich, eu mesmo farei isso. Você, Sharikov, está falando bobagens e o mais ultrajante é que você diz isso de forma categórica e confiante. Claro, não me importo com a vodca, principalmente porque não é minha, mas de Filipe Filipovich. Ela simplesmente não traz benefício algum. Em segundo lugar, você se comporta de maneira indecente mesmo sem vodca.

[voltar para o índice](#)

Bormenthal apontou para o buffet que havia sido quebrado e que estava com uma fita adesiva.

– Zina, por favor, me dê mais peixes – disse o professor.

Enquanto isso, Sharikov pegou a garrafa e, olhando de soslaio para Bormenthal, serviu um copo.

– Você precisa oferecê-lo a outros, – disse Bormenthal – primeiro para Filipe Filipovich, depois para mim e, finalmente, você se serve.

Um sorriso satírico quase imperceptível tocou a boca de Sharikov, e ele serviu vodca nos copos.

– É tudo como um cerimonial – disse ele – um guardanapo aqui, uma gravata ali, e “com licença” e “por favor”, mas espontaneidade, não existe. Vocês se torturam dessa forma, como se estivéssemos ainda no tempo do regime czarista.

[voltar para o índice](#)

– E como seria essa tal “espontaneidade”? – deixe-me perguntar.

Sharikov não respondeu a Filipe Filipovich, mas ergueu o copo e disse:

– Bem, eu desejo que todos...

– E desejamos a mesma coisa para você também – Bormenthal respondeu com alguma ironia.

Sharikov jogou o conteúdo do copo garganta abaixo, estremeceu, levou um pedaço de pão ao nariz, cheirou-o e engoliu-o, com os olhos cheios de lágrimas.

– O passado – disse Filipe Filipovich de repente, abruptamente e como se estivesse no esquecimento.

Bormenthal olhou de soslaio surpreso.

– Desculpa, como é?

[voltar para o índice](#)

– O passado! – repetiu Filipe Filipovich e balançou a cabeça amargamente, – não há nada que você possa fazer a respeito, Klim.

Bormenthal olhou atentamente nos olhos de Filipe Filipovich com extremo interesse:

– Você acha, Filipe Filipovich?

– Não acho, tenho certeza disso.

– Será que... – Bormenthal começou e parou, olhando de canto de olho para Sharikov.

Ele franziu a testa, desconfiado.

“Später...” (“mais tarde”, em alemão) Filipe Filipovich disse calmamente.

– Gut... (está bem) respondeu o assistente.

Zina trouxe o peru. Bormenthal serviu vinho tinto para Filipe Filipovich e ofereceu a Sharikov.

[voltar para o índice](#)

– Eu não quero. Prefiro beber vodca. – Seu rosto ficou oleoso e brilhava, o suor apareceu em sua testa e ele começou a ficar alegre. Filipe Filipovich ficou um pouco melhor depois do vinho. Seus olhos ficaram mais claros e ele olhou com mais aprovação para Sharikov, cuja cabeça negra acima do guardanapo branco brilhava como uma mosca em uma poça de creme.

Bormenthal, depois de se fortalecer após a comida, descobriu que estava querendo fazer alguma coisa.

– Bem, o que vamos fazer esta noite? – ele perguntou a Sharikov.

Ele piscou os olhos e respondeu:

– Vamos ao circo, é a melhor coisa a se fazer.

– Ir ao circo todos os dias – observou Filipe Filipovich complacientemente – é muito chato, na minha opinião. Se eu fosse você, iria ao teatro pelo menos uma vez.

[voltar para o índice](#)

– Não irei ao teatro – respondeu Sharikov com hostilidade e contorcendo a boca.

– Arrotar à mesa tira o apetite dos outros – disse Bormenthal automaticamente. – Me desculpe... Por que, exatamente, você não gosta de teatro?

Sharikov olhou para o copo vazio como se fosse um binóculo, pensou e disse:

— É bom para idiotas... Eles falam, falam ... não é nada mais do que contrarrevolução.

Filipe Filipovich recostou-se em sua cadeira em estilo gótico e riu tanto que seus dentes de ouro brilharam em sua boca. Bormenthal apenas virou a cabeça.

– Você deveria ler alguma coisa – ele sugeriu – caso contrário, você sabe...

– Já estou lendo, já estou lendo... – Sharikov respondeu e de repente, de forma predatória e rápida, serviu-se de meio copo de vodca.

[voltar para o índice](#)

– Zina – gritou Filipe Filipovich ansiosamente – guarde isso, não precisamos mais de vodca. O que você está lendo?

Uma imagem de repente passou por sua cabeça: uma ilha deserta, uma palmeira, um homem com pele de animal e um chapéu. “Precisamos do Robinson”...

– Bem... qual é o nome dele mesmo... são as correspondências entre Engels e esse m... Qual é o nome dele – que droga – ah, sim... com Kautsky.

Bormenthal parou o garfo no meio do caminho com um pedaço de carne e Filipe Filipovich derramou o vinho. Neste momento, Sharikov conseguiu engolir a vodca.

Filipe Filipovich colocou os cotovelos sobre a mesa, olhou para Sharikov e perguntou:

– Deixe-me saber o que você tem a dizer sobre o que leu.

[voltar para o índice](#)

Sharikov encolheu os ombros.

– Então, eu não concordo.

– Com quem? Com Engels ou com Kautsky?

– Com ambos – respondeu Sharikov.

– Isso é maravilhoso, juro por Deus. Qualquer um que diga isso... O que você poderia sugerir de sua parte?

– O que há para sugerir?.. Eles apenas escrevem e escrevem... sobre um congresso, sobre alguns alemães... Minha cabeça está doendo já. Pode-se pegar tudo e compartilhar...

– Foi o que achei – exclamou Filipe Filipovich, batendo a palma da mão na toalha da mesa – foi exatamente o que achei.

– E você sabe como fazê-lo? – perguntou Bormenthal interessado.

[voltar para o índice](#)

– Bem, o método – explicou Sharikov, tornando-se falante depois da vodca – é simples.. Por exemplo – aqui está um sujeito com sete quartos e quarenta pares de calças e tem outro sujeito que vaga pela rua e busca sua comida nas latas de lixo.

– Sobre os sete quartos – você está, claro, referindo-se a mim? – Filipe Filipovich perguntou, estreitando os olhos com orgulho.

Sharikov encolheu-se e permaneceu em silêncio.

– Bem, ok, não sou contra a ideia de compartilhar. Doutor, quantas pessoas você não atendeu ontem ?

– Trinta e nove pessoas – respondeu Bormenthal imediatamente.

– Hm... Trezentos e noventa rublos. Bem, tudo isso compartilhado entre três pessoas. Não contaremos as senhoras Zina e Darya Petrovna. Por sua causa, Sharikov, deixamos de ganhar cento e trinta rublos cada um. Por favor, você precisa contribuir com esse valor para cada um de nós.

[voltar para o índice](#)

– Ei, espere aí – respondeu Sharikov, assustado – para que servirá isso?

– Para a torneira e para o gato – latiu Filipe Filipovich de repente, emergindo de um estado de calma irônica.

– Filipe Filipovich – exclamou Bormenthal assustado.

– Isso pela desgraça que causou e graças à qual as consultas foram interrompidas. Isso é inadmissível. O homem, como um ser primitivo, pula por todo o apartamento e quebra as torneiras. Quem matou o gato de Madame Polasukher? Quem...?

– Você, Sharikov, mordeu uma senhora na escada outro dia – Bormenthal disse abruptamente.

– Você fique aí parado... – rosnou Filipe Filipovich.

– Sim, mas ela me deu um tapa na cara – gritou Sharikov – eu não tenho sangue de barata!

[voltar para o índice](#)

– Mas foi porque você beliscou o seio dela – gritou Bormenthal, derrubando o copo – fique parado aí...

– Você está no estágio mais baixo da evolução. – gritou Filipe Filipovich – Você ainda é apenas uma criatura mentalmente fraca em desenvolvimento, todas as suas ações são puramente bestiais e, na presença de duas pessoas com formação universitária, você se permite apresentar com uma arrogância completamente insuportável. Fica aí dando conselhos em escala cósmica e numa estupidez cósmica sobre como repartir as coisas... E ao mesmo tempo você fica comendo pasta de dentes...

– E isso foi há três dias – confirmou Bormenthal.

– Então... – trovejou Filipe Filipovich – agora que você quase arrancou o nariz, porque o limpou com uma pomada de óxido de zinco, você precisa ficar em silêncio e ouvir o que lhe dizem. Estude e tente se tornar pelo menos um membro aceitável de uma sociedade socialista. A propósito, que canalha lhe forneceu este livro?

[voltar para o índice](#)

– Você sempre chamando todos de canalhas – respondeu Sharikov com medo, atordoado pelo ataque de ambos os lados.

– Acho que sei quem foi – exclamou Filipe Filipovich, corando de raiva.

– Bem, então. Bem, foi o Shvonder que me deu. Ele não é canalha... Eu que evoluí...

– Vejo como você está evoluindo depois de ler Kautsky – gritou Filipe Filipovich estridentemente e ficando amarelo.

Então ele apertou furiosamente o botão na parede.

– O incidente de hoje mostra isso perfeitamente. Zina!

– Zina! – Bormenthal gritou.

– Zina! – gritou o assustado Sharikov.

Zina correu para a sala com uma fisionomia pálida.

[voltar para o índice](#)

– Zina, lá na sala de exames tem um... Ela está na sala de exames?

– Sim, está lá – respondeu Sharikov obedientemente – e é verde, como sulfato de cobre.

– Lá tem um livro verde...

– Bem, deixe-o aí – exclamou Sharikov em desespero – é emprestado, da biblioteca!

– As correspondências... – qual é o nome dele mesmo... é do Engels com esse demônio... Bem, jogue-o no forno!

Zina saiu correndo.

– Eu penduraria este Shvonder, honestamente, no primeiro galho que visse – exclamou Filipe Filipovich, mordendo ferozmente a asa do peru – há um lixo incrível dentro deste prédio de apartamentos aqui. Ele é como um abscesso. Ele não apenas escreve todo tipo de calúnias sem sentido nos jornais...

[voltar para o índice](#)

Sharikov começou a olhar de soslaio para o professor com raiva e ironia. Filipe Filipovich, por sua vez, lançou-lhe um olhar de canto de olho e ficou em silêncio.

“Oh, parece que nada de bom pode acontecer em nosso apartamento”, Bormenthal pensou de repente profeticamente.

Zina trouxe um bolo e uma cafeteira numa travessa redonda.

– Não vou comer – declarou Sharikov imediatamente de maneira ameaçadora e hostil.

– Ninguém está te convidando. Comporte-se decentemente... Doutor, por favor, sirva-se.

O almoço terminou em silêncio.

Sharikov tirou do bolso um cigarro amassado e começou a fumar. Depois de tomar um pouco do café, Filipe Filipovich olhou para o relógio, apertou o repetidor e tocou suavemente às oito e quinze. Filipe

[voltar para o índice](#)

Filipovich recostou-se como sempre no encosto gótico e pegou o jornal sobre a mesa.

– Doutor, por favor, vá com ele ao circo. Só, pelo amor de Deus, olhem a programação – terá algum gato?

– E como um bastardo desses pode entrar no circo? – observou Sharikov sombriamente, balançando a cabeça.

– Bem, você nunca sabe quem ou o que pode entrar lá. – respondeu Filipe Filipovich de forma ambígua – O que terá lá hoje?

– Solomonsky – Bormenthal começou a ler – tem quatro qualquer coisa... Yusssems e um homem no globo da morte.

– E o que tipo de coisas são essas? Yusssems? – Filipe Filipovich perguntou desconfiado.

– Só Deus sabe. Esta é a primeira vez que me deparo com esta palavra.

[voltar para o índice](#)

- Bem, então é melhor dar uma olhada no circo Nikitins. Tudo precisa estar claro para não termos problemas.

- Nikitins... Nikitins... Hm... Os elefantes e o limite da destreza humana.

- Então, que você acha dos elefantes, querido Sharikov? – perguntou Filipe Filipovich desconfiado.

Ele ficou ofendido.

- Bem, eu não tenho a menor ideia. Os elefantes são animais úteis – respondeu Sharikov. Mas gatos já é outro assunto.

- Bem, vai ser isso então. Se eles são úteis, então vá lá e dê uma olhada neles. Mas lembre-se, você deve obedecer o senhor Ivan Arnoldovich. E não se envolva em nenhuma conversa no bar no intervalo! Ivan Arnoldovich, peço humildemente que não ofereça nenhuma cerveja a Sharikov.

[voltar para o índice](#)

Após 10 minutos, Ivan Arnoldovich e Sharikov, vestidos com um chapéu de bico de pato e um casaco drapeado com gola levantada, partiram para o circo. O apartamento ficou silencioso. Filipe Filipovich estava em seu escritório. Ele acendeu uma lâmpada que estava debaixo de uma pesada capa verde, o que deixou o enorme escritório muito tranquilo, e começou a medir o ambiente. A ponta do charuto brilhou com um fogo verde claro por muito tempo e com força. O professor colocou as mãos nos bolsos da calça e um pensamento pesado atormentou sua mente erudita. Ele estalou os lábios, cantarolou entre os dentes, “para as margens sagradas do Nilo...” E murmurou alguma coisa. Por fim, colocou o charuto no cinzeiro, foi até o armário, todo de vidro, e iluminou todo o escritório com três fortíssimas lâmpadas que estavam penduradas no teto. Do armário, da terceira prateleira de vidro, Filipe Filipovich tirou um pote estreito e, franzindo a testa, começou a examiná-lo à luz das lâmpadas. Flutuando no líquido transparente e pesado, sem cair no fundo, estava um pequeno caroço branco, extraído das profundezas do cérebro de Sharikov.

[voltar para o índice](#)

Encolhendo os ombros, curvando os lábios e grunhindo, Filipe Filipovich o devorou com os olhos, como se no caroço branco e inafundável ele quisesse discernir o motivo dos acontecimentos surpreendentes que viraram a vida no apartamento da rua Prechistenka de cabeça para baixo.

É muito provável que aquela pessoa altamente erudita tenha decifrado o mistério. Pelo menos, tendo visto o suficiente do apêndice cerebral, ele escondeu o pote no armário, trancou-o, colocou a chave no bolso do colete e, apoiando a cabeça nos ombros e enfiando as mãos profundamente nos bolsos do paletó, se jogou no sofá de couro. Queimou longamente o segundo charuto, mastigando completamente até sua ponta, finalmente, completamente sozinho, como um Fausto grisalho, exclamou:

– Por Deus, acho que vou tomar uma decisão.

Ninguém respondeu a isso. Todos os sons pararam no apartamento. Como é sabido, o trânsito na rua Obukhov às onze horas se acalma completamente.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Muito raramente os passos distantes de um pedestre atrasado soavam; eles ecoavam por detrás das cortinas e depois desapareciam. No escritório de Filipe Filipovich, seu repetidor batia suavemente sob os dedos no bolso do colete..... O professor esperava impacientemente o retorno do Doutor Bormenthal e Sharikov do circo.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

CA

PÍ

TU

LO

8

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

Não se sabe o que Filipe Filipovich decidiu fazer. Ele não fez nada de especial durante a semana seguinte e, talvez como resultado de sua inatividade, a vida no apartamento tornou-se cheia de acontecimentos.

Seis dias depois da história da água e do gato, um jovem do comitê de moradia, que se revelou ser na verdade uma mulher, veio até Sharikov e entregou-lhe os documentos. Ele imediatamente colocou-os no bolso e chamou o médico Bormenthal.

- Bormenthal!

- Não, por favor, me chame pelo meu nome completo! – Bormenthal respondeu, mudando a fisionomia.

É importante destacar que nesses seis dias o cirurgião conseguiu brigar oito vezes com seu aprendiz. E a atmosfera no apartamento estava pesada.

- Bem, então me chame pelo nome completo também! – Sharikov respondeu com muita clareza.

[voltar para o índice](#)

– Não! – Filipe Filipovich trovejou na porta, – não permitirei que você seja chamado dessa forma no meu apartamento. Se você quiser que parem de chamá-lo apenas de “Sharikov”, tanto o Dr. Bormenthal quanto eu o chamaremos de “Sr. Sharikov”.

– Não sou um senhor. Esses tais estão todos em Paris! – Sharikov latiu.

– Isso é coisa do Shvonder! – gritou Filipe Filipovich – Certo, tudo bem, vou acertar as contas com aquele canalha. Aqui em meu apartamento, enquanto eu estiver nele, sempre vamos usar o pronome de tratamento “senhor”! Caso contrário, eu ou você sairemos daqui e, muito provavelmente, será você. Hoje mesmo poderei colocar um anúncio nos jornais e, acredite, logo encontraremos outro lugar para você.

– Ah é claro! Você acha que sou tão idiota que iria querer sair daqui? – respondeu Sharikov com muita clareza.

[voltar para o índice](#)

– Como é que é? – perguntou Filipe Filipovich enquanto seu rosto mudava tanto que Bormenthal voou até ele e de forma gentil o pegou pela manga.

– Olha aqui, não seja atrevido, Monsieur Sharikov!

– disse Bormenthal elevando muito a voz. Sharikov recuou e tirou três papéis do bolso: um verde, outro amarelo e um outro branco e, cutucando-os com os dedos, falou:

– Aqui. Sou membro da Associação Habitacional do prédio e definitivamente tenho direito a uma área de cinco metros quadrados no apartamento número cinco do inquilino responsável chamado Preobrazhensky. – Sharikov pensou um pouco e acrescentou uma palavra que Bormenthal anotou automaticamente em seu cérebro.

Filipe Filipovich mordeu o lábio e disse descuidadamente:

– Juro que acabarei dando um tiro nesse Shvonder.

[voltar para o índice](#)

Sharikov recebeu essas palavras com extrema atenção e perspicácia, o que era visível em seus olhos.

– Filipe Filipovich, vorsichtig... (cuidado!)– Bormenthal disse em advertência.

– Bem, o que você queria que eu dissesse... com tamanha maldade desse... – Filipe Filipovich gritou em russo. – Lembre-se, senhor Sharikov... se você se permitir mais uma gracinha dessas, vou privá-lo não só do almoço, mas da comida em geral em minha casa. Cinco metros quadrados até você consegue aqui, mas nada nesse teu papel fedorento me obriga a alimentar você!

Aqui Sharikov se assustou e abriu ligeiramente a boca.

– Não posso ficar sem comida! – Ele murmurou – Onde vou me alimentar?

–Então comporte-se! – os dois médicos disseram em uma só voz.

[voltar para o índice](#)

Sharikov se acalmou significativamente e naquele dia não causou nenhum dano a ninguém além de si mesmo: aproveitando a curta ausência de Bormenthal, pegou a navalha do doutor e acabou por rasgar as bochechas do próprio rosto. Quando Filipe Filipovich e o doutor Bormenthal se puseram a costurar o corte, Sharikov ficou uivando por muito tempo, caindo em lágrimas.

Na noite seguinte, duas pessoas estavam sentadas no escritório do professor ao crepúsculo – o próprio Filipe Filipovich e o fiel amigo Bormenthal. Todos já estavam dormindo. Filipe Filipovich usava um roupão azul e calçados vermelhos, enquanto Bormenthal usava uma camisa e suspensórios azuis. Entre os médicos, numa mesa redonda ao lado de um álbum, havia uma garrafa de conhaque, um pires com limão e uma caixa de charutos. Os cientistas, depois de encher a sala de fumaça, discutiram acaloradamente os últimos acontecimentos: naquela noite Sharikov se apropriou de duas notas de dez rublos que estavam debaixo de um peso de papel no escritório de Filipe Filipovich, e desapareceu do apartamento, voltando mais tarde completamente bêbado.

[voltar para o índice](#)

E não foi só isso! Duas pessoas desconhecidas apareceram com ele, fazendo barulho na escadaria principal e expressando o desejo de passar a noite lá com Sharikov. Os referidos indivíduos só partiram depois que Fyodor, que estava presente no local com um casaco de outono por cima de suas roupas de baixo, ligou para a polícia. Depois que eles foram embora, foi descoberto que um cinzeiro de malaquita havia desaparecido misteriosamente de um console no hall de entrada, também o chapéu de castor de Filipe Filipovich e sua bengala com a inscrição, em letras douradas: Do grato pessoal do hospital para Filipe Filipovich em memória de “X” dias com carinho e respeito.

– Quem eram eles? – Filipe Filipovich avançou, cerrando os punhos contra Sharikov.

Ele, cambaleando e agarrado ao casaco de pele, murmurou que as personalidades lhe eram desconhecidas, que não eram uns desgraçados, mas gente boa.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– O mais incrível é que ambos estavam bêbados... Como conseguiram roubar as minhas coisas? – Filipe Filipovich ficou pasmo, olhando para o local do balcão onde antes estava colocada a lembrança do aniversário.

– Eles são especialistas nisso – explicou Fyodor, indo dormir com um rublo no bolso.

Sharikov negou categoricamente ter roubado os vinte rublos e ao mesmo tempo disse algo vago sobre o fato de não estar sozinho nisso no apartamento.

– Sim, talvez tenha sido o doutor Bormenthal quem roubou, não é? – perguntou Filipe Filipovich em um tom de voz baixo, mas de forma aterrorizante.

Sharikov cambaleou, abriu os olhos completamente nublados e sugeriu:

– Ou talvez Zina tenha levado...

– Como é que é? – Zina gritou, aparecendo na porta como um fantasma, cobrindo a blusa desabotoada no peito com a palma da mão – Como ele...

[voltar para o índice](#)

O pescoço de Filipe Filipovich ficou vermelho.

– Acalme-se, Zina – disse ele, estendendo a mão para ela – não se preocupe, vamos resolver tudo isso.

Zina imediatamente começou a rugir, com os lábios entreabertos e a mão caindo até a cintura.

– Zina, você não tem vergonha? Quem podia imaginar algo assim? Nossa, que coisa! – Bormenthal falou confuso.

– Bem, Zina, você é uma tolinha mesmo, Deus me perdoe – começou Filipe Filipovich.

Mas então o choro de Zina parou sozinho e todos ficaram em silêncio. Sharikov não estava se sentindo bem. Batendo a cabeça na parede, ele fez um som – como “uh”! Seu rosto ficou pálido e sua mandíbula moveu-se convulsivamente.

– Traga um balde para esse canalha lá da sala de exames!

[voltar para o índice](#)

E todos correram para ajudar o doente Sharikov. Quando o levaram para a cama, ele cambaleou nos braços de Bormenthal, amaldiçoando palavrões com muita ternura e melodiosidade, pronunciando-os com dificuldade.

Toda essa história aconteceu por volta de uma hora, e agora eram três da manhã, mas os dois que estavam no escritório estavam acordados, cheios de conhaque e limão. Fumavam tanto que a fumaça se movia em planos densos e lentos, sem sequer desaparecer.

O doutor Bormenthal, pálido, de olhar muito determinado, ergueu o copo belamente esculpido.

– Filipe Filipovich, – exclamou ele emocionado – nunca esquecerei como cheguei até você quando eu era um estudante meio faminto e você me deu abrigo no departamento. Acredite, Filipe Filipovich, você é muito mais para mim do que um professor, um mestre... respeito muito você... Deixe-me dar um grande abraço em você, prezado Filipe Filipovich.

[voltar para o índice](#)

– Sim, meu amigo... – Filipe Filipovich murmurou confuso e levantou-se para receber o abraço. Bormenthal deu um abraço e beijou-o no rosto.

– Por Deus, Filipe Fili...

– Estou muito emocionado, muito emocionado... Obrigado, amigo – disse Filipe Filipovich – meu amigo, às vezes grito com você durante as cirurgias. Perdoe o temperamento desse velho. Em suma, estou me sentindo muito sozinho... “De Sevilha a Granada...”

– Filipe Filipovich, você não tem vergonha? – exclamou sinceramente o impetuoso Bormenthal – Se você não quer me ofender, não fale mais comigo assim...

– Bem, obrigado... “Às margens sagradas do Nilo...” Obrigado... Eu sempre achei você um médico competente.

– Filipe Filipovich, estou lhe dizendo!.. – Bormenthal exclamou de forma veemente. Ele deu um pulo, fechou com força a porta que dava para o corredor e,

[voltar para o índice](#)

voltando, continuou em um sussurro: “afinal, você sabe que este é o único jeito. Claro, não me atrevo a lhe dar conselhos, mas, Filipe Filipovich, olhe para si mesmo, você está completamente exausto, não pode mais trabalhar assim!”

– É absolutamente impossível – exclamou Filipe Filipovich com um suspiro.

– Bem, isso é impensável – sussurrou Bormenthal – Da última vez você disse que temia por mim e eu gostaria que você soubesse, meu querido professor, como isso me tocou. Mas não sou um menino e posso perceber as coisas terríveis que podem resultar.. Mas, estou convencido, não há outra saída.

Filipe Filipovich levantou-se, acenou para ele e exclamou:

– Não me tente, nem fale nada – o professor caminhou pela sala, levantando ondas de fumaça – eu não vou ouvir. Você entende o que acontecerá se formos descobertos? Afinal, você e eu não teremos como escapar “levando em conta a nossa origem”,

[voltar para o índice](#)

apesar de poder ser a nossa primeira condenação. Afinal, não temos uma formação adequada, meu amigo?

– Que diabos! Meu pai era investigador forense em Vilna – respondeu Bormenthal com tristeza, terminando seu conhaque.

– Aí está... Isso é um antecedente ruim.

– É impossível imaginar algo mais desagradável. No entanto, minha situação é ainda pior. Meu pai era um clérigo. Misericórdia! “De Sevilha a Granada... No crepúsculo tranquilo das noites...” É isso, droga.

– Filipe Filipovich, você é uma figura de importância mundial, e me desculpe pela expressão, mas por causa daquele filho de uma cadela... Como eles podem tocar em você, pelo amor de Deus!?

– E é exatamente por isso que não vou concordar com isso – objetou Filipe Filipovich pensativo, parando e olhando para o armário de vidro.

[voltar para o índice](#)

– Mas por quê?

– Porque esse tal de VOCÊ não é uma figura de classe mundial.

– Mas...

– E aí? Você não acha mesmo que eu poderia deixar você receber o golpe enquanto eu me abrigaria por trás do meu mundo inteiro de reputação, não é? Perdoe-me... Sou graduado na Universidade de Moscou, não sou um Sharikov.

Filipe Filipovich ergueu os ombros com orgulho e parecia um antigo rei francês.

– Filipe Filipovich, eh... – Bormenthal exclamou tristemente, – e daí? Agora você vai esperar até conseguir transformar esse valentão num homem?

Filipe Filipovich o deteve com um gesto de mão, serviu-se de um pouco de conhaque, tomou um gole,

[voltar para o índice](#)

chupou um limão e falou:

– Ivan Arnoldovich, você acha que entendo alguma coisa sobre anatomia e fisiologia, digamos, do cérebro humano? Qual a sua opinião?

– Filipe Filipovich, por que você está perguntando!

– Bormenthal respondeu muito emocionado e abriu as mãos.

– Certo. Sem falsa modéstia. Também acredito que não sou a pior pessoa nesse assunto em Moscou.

– Está bem, acredito que você é o melhor não só em Moscou, mas também em Londres e Oxford! – Bormenthal interrompeu furiosamente.

— Bom. Que seja. Agora me ouça, futuro professor Bormenthal: ninguém jamais conseguiria. É óbvio. Não precisa perguntar. Se alguém lhe perguntar, diga a eles que Preobrazhensky disse isso. Finita, Klim!

– exclamou de repente Filipe Filipovich de maneira solene que até o armário respondeu com um som.

[voltar para o índice](#)

– Klim! – ele repetiu – Sabe, Bormenthal, você é meu melhor aluno e, além disso, meu amigo, como eu descobri hoje. Então, como seu amigo, vou lhe contar um segredo, e claro, sei que você não vai me envergonhar. O velho burro Preobrazhensky se comportou nessa operação como um estudantezinho do terceiro ano. Verdade, a descoberta foi feita, você mesmo sabe que tipo de, bem, – Filipe Filipovich apontou tristemente com ambas as mãos para a cortina da janela, claramente insinuando Moscou, – mas apenas tenha em mente, Ivan Arnoldovich, que o único resultado desta descoberta será que agora todos nós teremos esse Sharikov aqui, – aqui Preobrazhensky bateu em seu pescoço curvado e levemente esclerótico – mas fique tranquilo! Se alguém, – continuou Filipe Filipovich com deleite, – me jogasse no chão agora e me açoitasse, eu juro que lhe recompensaria com cinco rublos! “De Sevilha a Granada...” Que droga... Eu passei cinco anos extraíndo apêndices de cérebros... Você sabe quanto trabalho eu tive com tudo isso, é inacreditável. E agora, pergunto: para quê? Para transformar um cão muito

[voltar para o índice](#)

querido em um monstro que faz o cabelo se arrepiar.

– Mas foi algo realmente excepcional.

– Estou completamente de acordo com você. Veja, doutor, o que acontece quando um pesquisador, em vez de seguir paralelamente e tatear com a natureza, força a questão e levanta o véu: o resultado aí está: o Sharikov. Vamos ter que lidar com isso agora.

– Filipe Filipovich, e se o cérebro fosse o do Spinoza?

– Sim! – gritou Filipe Filipovich. – Sim! Mesmo que o pobre cachorro não tenha morrido por meu bisturi, e você viu isso – que tipo de operação foi essa? Em resumo, eu – Filipe Preobrazhensky, nunca fiz nada mais difícil em minha vida. Você pode implantar a glândula pituitária de Spinoza ou qualquer outro tipo de mutante e transformar o cachorro em algo extremamente elevado. Mas por que diabos? – pergunto eu. Explique-me, por favor, por que é necessário fabricar artificialmente Spinozas quando qualquer mulher pode tê-lo a qualquer momento. Afinal, a senhora Lomonosova deu à luz um famoso cien-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

tista em Kholmogory. Doutor, a humanidade cuida disso sozinha, e no curso da evolução, a cada ano, ela vai fazendo a seleção de toda a massa de imperfeições, cria dezenas de gênios excepcionais que enfeitam o globo terrestre. Agora você entende, doutor, por que eu discordei da sua conclusão sobre o histórico da doença de Sharikov. Minha descoberta, com a qual você está brincando, não vale nem um centavo... Sim, não discuta, Ivan Arnoldovich, eu já entendi. Afinal, eu nunca falo ao vento, você sabe disso muito bem. Teoricamente, é interessante. Ok, tudo bem! Os fisiologistas ficarão encantados. Moscou está espantada... Mas e na prática? Quem está diante de você agora? – Preobrazhensky apontou com o dedo para a sala de observação, onde Sharikov estava deitado – um vilão excepcional.

– Mas quem é ele? Klim, Klim – gritou o professor.
– Klim Chugunkov (Bormenthal abriu a boca) – é isso aí: duas condenações, alcoolismo, “dividir tudo”... E lembra do chapéu e dos dois rublos que desapareceram? (neste momento, Filipe Filipovich lembrou-se da bengala de aniversário e ficou enraivecido) – Ele é um grosseiro e um porco... Bem, a

[voltar para o índice](#)

bengala eu ainda vou encontrar. Em poucas palavras, a hipófise é uma câmara fechada que determina a essência humana. A essência! “De Sevilha a Granada...” – revirando ferozmente os olhos, gritou Filipe Filipovich. – E não a essência humana universal. Mas em miniatura – o próprio cérebro. E eu realmente não preciso disso, deixe-o ir para o diabo. Eu estava preocupado com algo completamente diferente, com a eugenia, com a melhoria da raça humana. E agora estou lidando com rejuvenescimento. Você realmente acha que estou fazendo isso por dinheiro? Afinal, sou um cientista.

– Você é um grande cientista! – murmurou Bormenthal, engolindo conhaque.

Seus olhos ficaram vermelhos.

– Eu queria realizar um pequeno experimento, depois de ter obtido pela primeira vez um extrato de hormônio sexual da hipófise há dois anos. E o que aconteceu em vez disso? Meu Deus! Esses hormônios na hipófise, oh Senhor... Doutor, diante de mim há desespero absoluto, eu juro, fiquei desorientado.

[voltar para o índice](#)

Bormenthal subitamente arregaçou as mangas e disse, olhando de esguelha para o nariz:

– Então, meu querido professor, se você não quiser, eu mesmo, por minha conta e risco, vou alimentá-lo com arsênico. Pro Diabo com isso, que Deus seja meu juiz. Afinal, este é o seu próprio ser experimental.

Filipe Filipovich hesitante e exausto, afundou na poltrona e disse:

– Não vou permitir isso, meu querido amigo. Tenho 60 anos e te dou um conselho. Nunca cometa um crime, não importa contra quem seja dirigido. Chegue à velhice com as mãos limpas.

– Pelo amor de Deus, Filipe Filipovich, mas se ele continuar andando com este Shvonder, o que vai acontecer com ele?! Meu Deus, só agora estou começando a entender o que pode surgir dessa relação que ele tem com Sharikov!

[voltar para o índice](#)

– Ah! Agora você entendeu? Eu já havia entendido dez dias após a operação. Bem, então, Shvonder é o maior idiota. Ele não percebe que Sharikov é uma ameaça maior para ele do que para mim. Bem, agora ele está fazendo o seu melhor para atirá-lo contra mim, sem perceber que se alguém, por sua vez, aticar Sharikov contra Shvonder, só sobrarão os chifres e as patas dele.

– Claro! É só pensar como ele ataca os gatos! Um homem com um coração de cachorro.

– Ah, não, não, – respondeu Filipe Filipovich, profundamente agitado. – Você, doutor, está cometendo um grande erro, pelo amor de Deus, não fale mal do cão. Essa situação com os gatos é apenas temporária... É uma questão de disciplina e de duas ou três semanas. Eu te asseguro. Mais um mês, e ele vai parar de atacá-los.

– E por que não agora?

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Ivan Arnoldovich, é elementar... Veja o que você está realmente dizendo... a hipófise não vai simplesmente desaparecer no ar. Afinal, ela está enxertada no cérebro canino, dê tempo para ela se adaptar. Agora Sharikov já está mostrando apenas os resquícios do seu coração de cachorro, e você tem que entender que o que ele faz com os gatos é o melhor que ele sabe fazer como cachorro. Entenda que a verdadeira tragédia é que ele não tem mais um coração de cachorro, mas um coração humano. E o pior de todos, dos que existem na natureza!

Bormenthal, extremamente agitado, apertou as mãos magras e fortes, encolheu os ombros e disse firmemente:

– Claro. Eu o matarei!

– Eu te proíbo de fazer isso! – respondeu categoricamente Filipe Filipovich.

– Por favor...

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Filipe Filipovich de repente ficou alerta e levantou um dedo.

– Espere... Eu ouvi passos.

Ambos ouviram, mas o corredor estava silencioso.

– Deve ter sido a minha imaginação, – disse Filipe Filipovich e começou a falar apaixonadamente em alemão, com a palavra “criminalidade” sendo repetida várias vezes em sua fala.

– Um momento – de repente, Bormenthal ficou alerta e deu um passo em direção à porta. Os passos podiam ser ouvidos claramente e se aproximavam do escritório. Além disso, a voz de Bormenthal estava murmurando enquanto ele abria a porta e recuava em choque. O Professor Filipe Filipovich, completamente atônito, ficou paralisado na poltrona.

No retângulo iluminado do corredor, apareceu Darya Petrovna vestindo apenas uma camisola, com um

[voltar para o índice](#)

rosto furioso e ardente. Tanto o médico quanto o professor foram ofuscados pela presença de um corpo forte e, pelo que parecia assustador para ambos, completamente nu. Nas mãos poderosas de Darya Petrovna, algo estava sendo arrastado, e esse “algo”, enquanto se movia, se sentava e suas pequenas pernas, cobertas de pelos negros, se enrolavam no chão. O “algo”, é claro, era Sharikov, completamente perdido, ainda meio embriagado e usando apenas uma camisa.

Darya Petrovna, imponente e nua, sacudiu Sharikov como um saco de batatas e proferiu as seguintes palavras:

– Olhe, prezado professor, o nosso visitante, senhor Sharikov. Eu já fui casada, mas Zina é uma virgem. Que sorte que eu acordei a tempo.

Após este discurso, Darya Petrovna ficou envergonhada, gritou, cobrindo o peito com as mãos, e saiu.

– Darya Petrovna, peço desculpas, pelo amor de Deus
– gritou o professor Filipe Filipovich depois de re-

[voltar para o índice](#)

cuperar o juízo.

Bormenthal arregaçou as mangas da camisa e se aproximou de Sharikov.

Filipe Filipovich olhou nos olhos de Bormenthal e ficou horrorizado.

– O que você está fazendo, doutor? Eu o proíbo...

Bormenthal agarrou Sharikov pelo colarinho com a mão direita e o sacudiu de tal forma que a camisa da frente se rasgou.

Filipe Filipovich correu para detê-lo e tentou tirar o frágil Sharikov das mãos do cirurgião.

– Você não tem o direito de agir assim! – gritou Sharikov, sentando-se no chão e ficando sóbrio.

– Doutor! – exclamou Filipe Filipovich, quase sufocado.

Bormenthal finalmente se acalmou um pouco e sol-

[voltar para o índice](#)

tou Sharikov, que imediatamente começou a gemer.

– Ok, está bem – Bormenthal murmurou – vamos esperar até amanhecer. Vou dar a ele uma lição quando estiver sóbrio.

Ele então pegou Sharikov debaixo dos braços e o arrastou para a sala de exames.

Nesse momento, Sharikov tentou se debater, mas suas pernas não o obedeciam.

Filipe Filipovich abriu as pernas, fazendo com que o roupão azul se separasse, ergueu as mãos e os olhos para a lâmpada do teto no corredor e disse:

– Bem, bem...

[voltar para o índice](#)

CA

PÍ

TU

LO

9

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

O espetáculo com Sharikov, prometido pelo Dr. Bormenthal, não aconteceu. Na manhã seguinte, Poligraf Poligrafovich desapareceu de casa. Bormenthal entrou em desespero, se xingou de idiota por não ter escondido a chave da porta da frente, gritou que isso era imperdoável e terminou desejando que Sharikov fosse atropelado por um ônibus. Filipe Filipovich ficou sentado em seu escritório, passando os dedos pelos cabelos, dizendo:

– Imagino o que está acontecendo lá fora... Imagino... “De Sevilha a Granada”, meu Deus.

– Ele pode estar no comitê de moradia – Bormenthal se desesperou e saiu correndo para algum lugar.

No comitê, ele brigou com Shvonder, até que este escreveu uma declaração ao tribunal popular do distrito de Khamovnik, enquanto gritava que ele não era o guarda-costa do animal de estimação do Professor Preobrazhensky. Poligraf Poligrafovich também não era muito popular no comitê de moradia, já que no dia anterior tirara sete rublos dos

[voltar para o índice](#)

fundos do comitê, com a desculpa de que iria comprar manuais na loja da cooperativa.

Fyodor recebeu três rublos para vasculhar o prédio de cima a baixo. Não havia sinal de Sharikov em lugar algum.

A única coisa que ficou clara foi que Poligraf havia saído ao amanhecer, usando um chapéu, um cachecol e um casaco, carregando uma garrafa de licor do buffet, as luvas de Bormenthal e todos os seus documentos. Darya Petrovna e Zina expressaram sua alegria e esperança de que Sharikov nunca mais voltasse. Darya Petrovna havia emprestado 3 rublos e 50 copeques a Sharikov no dia anterior.

– É isso que você merece! – rugiu Filipe Filipovich, sacudindo os punhos.

O telefone tocou incessantemente o dia inteiro e no dia seguinte. Os médicos receberam um número extraordinário de pacientes. No terceiro dia, surgiu a questão de relatar à polícia o caso do sumiço de Sha-

[voltar para o índice](#)

rikov para que começassem a procurar em todos os cantos de Moscou.

Assim que a palavra “polícia” foi mencionada, o silêncio solene da rua Obukhov foi quebrado pelo som de um caminhão e as janelas da casa tremeram.

Então, a campainha do apartamento soou, e Poligraf Poligrafovich entrou com uma dignidade extraordinária, tirou o chapéu em completo silêncio, pendurou o casaco e apareceu com um visual novo. Ele usava uma jaqueta de couro que não lhe pertencia, calças de couro desgastadas e botas inglesas altas com atacadores até os joelhos. Um cheiro insuportável de gatos se espalhou pelo hall de entrada.

Preobrazhensky e Bormenthal rapidamente cruzaram os braços sobre o peito, se aproximaram da entrada e aguardaram as primeiras palavras de Poligraf Poligrafovich.

Ele alisou os cabelos duros, pigarreou e olhou ao redor como se quisesse disfarçar sua timidez.

[voltar para o índice](#)

– Achei um trabalho, senhor Filipe Filipovich – finalmente começou ele.

Os dois médicos emitiram um som seco e inarticulado, e começaram a se mexer.

Preobrazhensky se recuperou primeiro, estendeu a mão e disse:

– Dê-me o papel.

Estava escrito: “Fica certificado que o portador deste documento, o camarada Poligraf Poligrafovich Sharikov, realmente ocupa o cargo de chefe do departamento de limpeza de gatos de rua (e outros animais) no Departamento de Saúde da cidade de Moscou.”

– Bem – disse Filipe Filipovich com gravidade – quem o contratou? Oh, bem, eu posso adivinhar por mim mesmo.

[voltar para o índice](#)

– Sim, foi Shvonder – respondeu Sharikov.

– Permita-me perguntar, por que você cheira tão mal?

Sharikov cheirou a jaqueta com preocupação.

– Bem, isso acontece... é da profissão. Ontem eu estava estrangulando gatos... estrangulando...

Filipe Filipovich deu um salto e olhou para Bormenthal. Os olhos deste pareciam dois canos negros apontados diretamente para Sharikov. Sem mais delongas, Bormenthal avançou na direção de Sharikov e agarrou-o pelo pescoço com a mão direita.

– Socorro! – gritou Sharikov, empalidecendo.

– Doutor!

– Eu não vou fazer nada de tão ruim assim, Filipe Filipovich – disse Bormenthal com uma voz de ferro e gritou: Darya Petrovna e Zina!

[voltar para o índice](#)

Eles apareceram no hall imediatamente.

– Bem, repita – disse Bormenthal, apertando levemente o pescoço de Sharikov contra o casaco –, me desculpe...

– Está bem, vou repetir – respondeu Sharikov, completamente surpreso, que de repente conseguiu respirar, revirou-se e tentou gritar “socorro”, mas o grito não saiu, e sua cabeça foi afundada completamente no casaco.

– Doutor, eu imploro.

Sharikov acenou com a cabeça, indicando que estava se submetendo e repetiria.

– ...Me desculpem, Darya Petrovna e Zina...

– Prokofyevna – sussurrou Zina nervosamente.

– Ai, Prokofyevna... – Sharikov disse, roucamente, ofegante enquanto inalava, – o que eu fiz...

[voltar para o índice](#)

- Se comportou mal na noite de bebedeira.
- Bebedeira...
- Nunca mais vou...
- Não vo...
- Solte, solte ele, Ivan Arnoldovich – imploraram as duas mulheres ao mesmo tempo, – você vai sufocá-lo.

Bormenthal libertou Sharikov e disse:

- O caminhão está esperando por você?
- Não – respondeu respeitosamente Poligraf, – ele só me trouxe.
- Zina, libere o caminhão. Agora, me diga o seguinte: você voltou para o apartamento de Filipe Filipovich novamente?

[voltar para o índice](#)

– Onde mais eu vou ficar? – respondeu Sharikov timidamente, olhando em volta.

– Muito bem. Aquiete-se então. Caso contrário, terá problemas comigo a cada mau comportamento. Entendeu?

– Entendi – respondeu Sharikov.

Filipe Filipovich permaneceu em silêncio durante todo o tempo da violência contra Sharikov.

De repente, ele encostou-se na soleira da porta e começou a roer as unhas, desviando o olhar para o chão de parquet. Então, de repente, levantou os olhos para Sharikov e perguntou, monótona e automaticamente:

– O que você faz com esses... com esses gatos mortos?

– Eles são mandados para um laboratório — respondeu Sharikov. — Onde os transformam em proteínas para os trabalhadores.

[voltar para o índice](#)

Assim, o apartamento ficou em silêncio e permaneceu assim por dois dias. Poligraf Poligrafovich saía de manhã no caminhão, voltava à noite e jantava tranquilamente com Filipe Filipovich e Bormenthal.

Apesar de Bormenthal e Sharikov dormirem na mesma sala, eles não conversavam entre si. Bormenthal foi o primeiro a sentir falta disso.

Dois dias depois, uma jovem magra com maquiagem nos olhos e meias cor-de-creme apareceu no apartamento e ficou muito surpresa ao ver o esplendor do lugar. Usando um casaco gasto, ela seguia Sharikov e esbarrou no professor na entrada.

Ele parou, surpreso, franziu os olhos e perguntou:

– Posso saber quem é você?

– Estou me casando com ela. Ela é a nossa motorista e vai morar comigo. Vamos ter que tirar Bormenthal da sala. Ele tem o próprio apartamento – disse Sharikov, com uma hostilidade extrema.

[voltar para o índice](#)

Filipe Filipovich piscou os olhos, pensou olhando para a jovem de aparência desgrenhada e a convidou muito educadamente.

– Peço que entre na minha sala por um momento.

– Eu vou com ela – disse Sharikov rapidamente e suspeitosamente.

Nesse momento, Bormenthal apareceu como se tivesse brotado do chão.

– Desculpe – disse ele –, o professor vai conversar com a senhorita, e nós ficaremos aqui.

– Não quero – respondeu Sharikov com raiva, tentando seguir a jovem e Filipe Filipovich.

– Não, por favor – Bormenthal segurou o pulso de Sharikov, e eles foram para a sala de exames juntos.

Por cinco minutos, não se ouviu nada da sala do escritório. Depois subitamente os soluços da jovem soaram de forma abafada.

[voltar para o índice](#)

Filipe Filipovich estava em pé junto à mesa, e a jovem chorava com força em seu lenço manchado.

– Ele disse, aquele desgraçado, que foi ferido em combate – soluçava a jovem.

– Ele está mentindo – disse Filipe Filipovich firmemente. Ele balançou a cabeça e continuou – Sinto muito por você, mas não se pode tomar decisões com base apenas na posição de trabalho... Querida, isso é inaceitável. Veja... – Ele abriu a gaveta de sua escrivaninha e tirou três notas de três rublos.

– Eu vou me matar – soluçou a jovem – ... Ele está me ameaçando... Disse que era um comandante do Exército Vermelho... disse, para eu vir morar com ele em um apartamento luxuoso... ele me abordava todos os dias... “Tenho um bom coração”, ele dizia, “eu só odeio gatos”... Ele pegou meu anel como lembrança...

– Bem, bem, bem – um bom coração... “De Sevilha a Granada” – murmurou Filipe Filipovich – você precisa superar isso... Você ainda é tão jovem...

[voltar para o índice](#)

– Você o encontrou mesmo naquela porta?

– Bem, pegue o dinheiro que estou te emprestando,

– disse Filipe Filipovich, levantando a voz.

Em seguida, as portas se abriram solenemente, e Bormenthal trouxe Sharikov.

Ele olhou para Sharikov de uma maneira tão intensa que o homem recuou e bateu com a cabeça no armário.

– Qual é o sobrenome dela? – Bormenthal perguntou a Sharikov. – O sobrenome! – ele rugiu, ficando repentinamente selvagem e assustador.

– Vasnetsova – respondeu Sharikov, procurando uma maneira de escapar dos seus olhos.

– Toda dia, – disse Bormenthal, agarrando a aba da jaqueta de Sharikov – pessoalmente vou verificar se a cidadã Vasnetsova foi ou não demitida. E se você... Se eu descobrir que ela foi demitida, eu vou... Vou te matar aqui mesmo com as minhas próprias mãos. Cuidado, Sharikov, falo sério!

[voltar para o índice](#)

Sharikov, olhando para o nariz de Bormenthal, não se mexeu.

– Eu também posso conseguir alguns revólveres... – murmurou Poligraf, mas muito fracamente e, de repente, esquivando-se, ele correu para a porta.

– Cuidado! – ecoou atrás dele o grito de Bormenthal.

A noite e metade do dia seguinte pairaram como uma nuvem antes da tempestade, em silêncio.

Todos estavam calados. Mas no dia seguinte, quando Poligraf Poligrafovich, que pela manhã teve um pressentimento ruim, sombrio, partiu de caminhão para o trabalho, o Professor Preobrazhensky, em um momento totalmente inoportuno, recebeu um de seus antigos pacientes, um homem alto e gordo em uniforme militar.

Ele insistiu muito em marcar uma consulta e conseguiu. Entrando no consultório, saudou educadamente o professor.

[voltar para o índice](#)

– Você está com dor de novo, meu amigo? – perguntou Filipe Filipovich.

– Agradeço muito a você... Bem... Eu vim até você por outro motivo, Filipe Filipovich... Tenho muito respeito por você... Bem... Venho te prevenir de algo. Obviamente é uma bobagem, mas... ele é um canalha...
– O paciente pegou uma folha de papel de sua pasta
– Felizmente fui o primeiro a ser informado...

Filipe Filipovich inclinou o nariz acima dos óculos e começou a ler em voz baixa.

Ele murmurou para si mesmo por um bom tempo, mudando de expressão a cada segundo.

“... também ameaçando matar o presidente do comitê de moradia, camarada Shvonder, o que indica que ele guarda consigo armas de fogo. E faz discursos contrarrevolucionários, até ordenou que sua assistente social, Zina Prokofyevna Bunina, queimasse o livro de Engels na lareira, como um notório menchevique, junto com seu assistente Ivan Arnoldovich Bormenthal, que secretamente reside em seu

[voltar para o índice](#)

apartamento. Assinado pelo chefe do departamento de limpeza, P.P. Sharikov. Presidente do comitê de moradia, Shvonder. Secretário, Pestrukhin.”

– Você me permite ficar com isso? – perguntou Filipe Filipovich, corando – ou, desculpe, talvez você precise disso para dar seguimento legal ao caso?

– Desculpe, professor – o paciente ficou muito ofendido e inflou o nariz – você realmente nos olha com muito desprezo. Eu... – E então ele começou a se inflar como um peru.

– Bem, desculpe, desculpe, meu prezado! – murmurou Filipe Filipovich – desculpe, eu realmente não quis te ofender. Não fique chateado, isso realmente me deixou perturbado...

– Eu imagino... – o paciente se afastou completamente – mas que tipo de canalha é ele? Seria interessante vigiá-lo. Em Moscou, se contam muitas histórias sobre vocês...

[voltar para o índice](#)

Filipe Filipovich apenas balançou desesperadamente a mão. Então o paciente percebeu que o professor estava encurvado e até parecia ter envelhecido nos últimos tempos.

Como geralmente acontece, um crime amadurece e acontece repentinamente. Poligraf Poligrafovich voltou do trabalho de caminhão com um coração inquieto e sombrio.

A voz de Filipe Filipovich o convidou para a sala de exames. Surpreso, Sharikov veio e olhou com apreensão para o rosto de aço de Bormenthal e, em seguida, para Filipe Filipovich. Uma nuvem pairou ao redor do assistente, e sua mão esquerda com um charuto tremia ligeiramente na alça brilhante da poltrona obstétrica.

Filipe Filipovich disse com calma, mas de maneira muito sinistra:

[voltar para o índice](#)

– Pegue suas coisas: calças, casaco, tudo o que você precisa, – e saia do apartamento!

– O que você disse? – Sharikov ficou sinceramente surpreso.

– Fora do apartamento, hoje – repetiu monotona-mente Filipe Filipovich, olhando para suas unhas.

Algum espírito maligno se apoderou de Poligraf Poligrafovich; aparentemente, sua destruição já o espreitava, e sua hora já havia passado. Ele mesmo se atirou nos braços do inevitável e rosou de raiva e abruptamente.

– O que você está dizendo! Não vou sair de jeito nenhum! Eu tenho morado aqui nos meus cinco metros quadrados e vou continuar morando.

– Saia do apartamento – disse Filipe Filipovich em voz baixa.

Sharikov chamou para si a sua própria morte. Ergueu a mão esquerda, que fedia horivelmente a gatos, e

[voltar para o índice](#)

lançou um gesto obsceno para Filipe Filipovich. Então, com a mão direita, apontou um revólver para Bormenthal. O cigarro de Bormenthal caiu como uma estrela cadente. Alguns segundos depois, Filipe Filipovich estava se debatendo entre os cacos de vidro quebrados e correndo do armário para o sofá. Sobre este, atirado e tentando respirar, estava um encarregado do subdepartamento do Departamento de Limpeza da Cidade; Bormenthal, o cirurgião, estava sentado sobre seu peito, tentando sufocá-lo com uma pequena almofada branca.

Em alguns minutos, o Dr. Bormenthal, com um rosto estranho, saiu da sala e colou um bilhete ao lado do botão de chamada:

“Não haverá consulta hoje devido à doença do professor. Por favor, não toque a campainha.”

Ele cortou o fio do botão de chamada com uma pequena lâmina de canivete, olhou no espelho para seu rosto ensanguentado e mãos esfoladas e trêmulas, depois apareceu na porta da cozinha e disse a Zina e Darya Petrovna com uma voz alerta:

[voltar para o índice](#)

– O professor pede que vocês não saiam do apartamento.

– Tudo bem – responderam as mulheres timidamente e ficaram pálidas imediatamente. Bormenthal trancou a porta dos fundos, trancou a porta da frente e a porta do corredor para a sala de estar e desapareceu da vista na sala de exames.

O silêncio envolveu o apartamento, infiltrou-se em todos os cantos. O crepúsculo surgiu, sombrio, tenso, em resumo, escuro. Na verdade, mais tarde, os vizinhos através do pátio diziam que, nas janelas da sala de exames, que davam para o pátio, naquela noite todas as luzes do apartamento de Preobrazhensky estavam acesas, e até mesmo pareciam ter visto o chapéu branco do próprio professor... Difícil de confirmar isso. Verdade seja dita, Zina, quando tudo acabou, afirmou que, na sala ao lado da lareira, depois que Bormenthal e o professor saíram da sala de exames, Ivan Arnoldovich a assustou terrivelmente.

Ele estava sentado no chão, perto da lareira, e supostamente queimava manualmente um caderno de capa azul da mesma pilha em que eram registrados

[voltar para o índice](#)

os históricos clínicos dos pacientes do professor! O rosto do médico parecia ter ficado completamente angustiado naquela noite e, totalmente... em pedaços. Naquela noite, Filipe Filipovich nem parecia ele mesmo. E mais uma coisa... Bem, talvez a inocente garota do apartamento ao lado esteja mentindo mesmo...

Pode-se afirmar com certeza que, naquele apartamento, naquela noite, houve um total e terrível silêncio.

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

CA

PÍ

TU

LO

100

Coração de Cachorro

GAZETA DO POVO

EPÍLOGO

Dez dias após a batalha na sala de exames do apartamento do Professor Preobrazhensky, na rua Obukhov, uma campainha tocou repentinamente.

– Polícia criminal. Por favor, abra.

Passos apressados ecoaram, a porta se abriu, e na recepção, iluminada por luzes recém-instaladas e com novos armários de vidro, havia uma multidão de pessoas. Dois policiais em uniforme, um homem de sobretudo preto com uma maleta, o presidente Shvonder, de aparência maligna e pálida, uma jovem mulher, o porteiro Fyodor, Zina, Darya Petrovna e o semi-vestido Bormenthal, que timidamente cobria o pescoço nu com as mãos.

Filipe Filipovich passou pela porta do escritório. Ele saiu com seu roupão azul já conhecido, e todos puderam imediatamente notar que Filipe Filipovich havia melhorado muito na última semana. O antigo Filipe

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Filipovich, autoritário e enérgico, cheio de dignidade, se apresentou diante dos visitantes noturnos e pediu desculpas por estar de roupão.

– Não se preocupe, Professor, – disse o homem de terno, muito constrangido, depois hesitou e continuou – isso é muito desagradável. Temos um mandado de busca em sua casa e, – o homem olhou para os bigodes de Filipe Filipovich e continuou, – um de prisão, dependendo do resultado.

Filipe Filipovich franziu o cenho e perguntou:

– Baseado no que, posso perguntar, e por ordem de quem?

O homem coçou o queixo e começou a ler um pedaço de papel tirado da sua maleta.

– Acusação contra Preobrazhensky, Bormenthal, Zina Bunina e Darya Ivanova pelo assassinato de Poligraf Poligrafovich Sharikov, chefe do Departamento de Limpeza de Moscou.

[voltar para o índice](#)

Os soluços de Zina cobriram o fim de suas palavras. Houve uma comoção.

– Eu não estou entendendo nada, – respondeu Filipe Filipovich, encolhendo os ombros com dignidade, – quem é esse Sharikov? Ah, desculpe, meu cachorro... Aquele que eu operei?

– Desculpe, Professor, não é um cachorro, mas sim um homem, quando ele já era um homem. Isso é o que aconteceu.

– Ou seja, ele estava falando? – perguntou Filipe Filipovich, – isso não significa que ele era um humano. No entanto, não é importante. Sharikov ainda está vivo agora, e ninguém o matou definitivamente.

– Professor, – disse surpreso o homem de preto, arqueando as sobrancelhas, – então ele terá que ser apresentado. Dez dias se passaram desde que ele desapareceu, e as informações, me desculpe, são muito ruins.

– Dr. Bormenthal, por favor, apresente Sharikov ao investigador, – ordenou Filipe Filipovich.

[voltar para o índice](#)

O Dr. Bormenthal sorriu e saiu.

Quando ele voltou e assobiou, um cão de aparência estranha saiu pela porta. Ele tinha manchas calvas e cabelo crescia nas manchas, andava como um cão de circo treinado em duas patas traseiras, depois se abaixou nas quatro e olhou em volta. O silêncio da morte pairava na recepção.

O cão de aparência assustadora, com uma cicatriz vermelha na testa, ergueu-se novamente nas patas traseiras e, sorrindo, sentou-se em uma poltrona.

O segundo policial fez o sinal da cruz de forma extravagante e, recuando, imediatamente tropeçou nos pés de Zina.

O homem de preto disse espantado:

- Como, o que está acontecendo? Ele trabalhava no departamento de limpeza.....

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

– Não fui eu quem o nomeou para lá – respondeu Filipe Filipovitch – Foi o Sr. Shvonder que recomendou-o, se não estou enganado.

– Não estou entendendo nada, – disse o homem de preto, confuso, e virou-se para o primeiro policial.
– É ele?

– É sim, – respondeu o policial em silêncio. – É ele.

— É ele — disse a voz de Fyodor. — Exceto que o diabinho está um pouco mais gordo.

— Mas ele falava... — o homem de preto riu nervosamente.

— E ele ainda fala, embora cada vez menos, então se você quiser ouvi-lo falar agora é a hora, antes que ele pare completamente.

— Mas por quê? — perguntou o homem de preto baixinho.

[voltar para o índice](#)

Filipe Filipovich deu de ombros.

— A ciência ainda não encontrou meios de transformar animais em pessoas. Eu tentei, mas sem sucesso, como você pode ver. Ele estava falando sim, mas então começou a voltar ao seu estado primitivo. Atavismo.

— Não fale palavrões — o cachorro latiu de repente e saiu da poltrona.

O homem de preto de repente ficou pálido, deixou cair a maleta e estava desmaiando. O policial o pegou pelo lado e Fyodor por trás. Houve uma confusão e três frases foram claramente audíveis:

Filipe Filipovich:

– Dêem uma Valeriana para ele. É um desmaio.

Doutor Bormenthal:

– Eu vou pessoalmente jogar Shvonder escada abaixo se ele aparecer na casa do Professor Preobrazhensky novamente.

[voltar para o índice](#)

E Shvonder:

– Por favor, registre essas palavras no protocolo.

Os radiadores cinzentos em forma de acordeão asso-
biavam suavemente harmoniosamente. As cortinas
escondiam a noite tranquila da rua Prechistenka com
sua única estrela. O ser supremo, um benfeitor canino
importante, estava sentado na poltrona, e o cachorro
Bolinha, deitado no tapete ao lado do sofá de couro, es-
tava relaxado. Pela manhã, o cachorro costumava so-
frer de dores de cabeça causadas pela névoa de março,
que o torturavam como um anel na cabeça. Mas à noi-
te, as dores diminuía. E agora, pouco a pouco, seus
pensamentos fluía de forma organizada e calorosa.

“Fui muito sortudo, muito sortudo”, pensou ele en-
quanto bocejava, “simplesmente incrivelmente sor-
tudo. Eu me estabeleci neste apartamento. Tenho cer-
teza de que minha origem não é inteiramente pura. Há
um labrador na minha linhagem. Minha avó, que Deus
a tenha, pobrezinha, foi apenas um caso dele. É verda-

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

de, eles cortaram a minha cabeça por algum motivo, mas isso vai cicatrizar logo. Não quero nem saber.”

Das profundezas do apartamento vinha o tilintar de vidro. Bormenthal estava arrumando as prateleiras do armário na sala de exames.

O mago de cabelos grisalhos sentou-se e cantarolou:

— ...Para as margens do sagrado Nilo...

Naquela noite, o cachorro viu coisas terríveis. Viu o grande homem mergulhar as mãos escorregadias e com as luvas de borracha num recipiente e retirar um cérebro; então implacável e persistentemente, o grande homem prosseguiu em sua busca. Cortando, examinando, ele franziu a testa e cantou:

— ...Para as margens do sagrado Nilo...

[voltar para o índice](#)

C o r a ç ã o d e C a c h o r r o

GAZETA DO POVO

Gostou do Conteúdo?

APOIE A GAZETA DO POVO, ASSINE JÁ!

[EU APOIO!](#)

GAZETA DO POVO